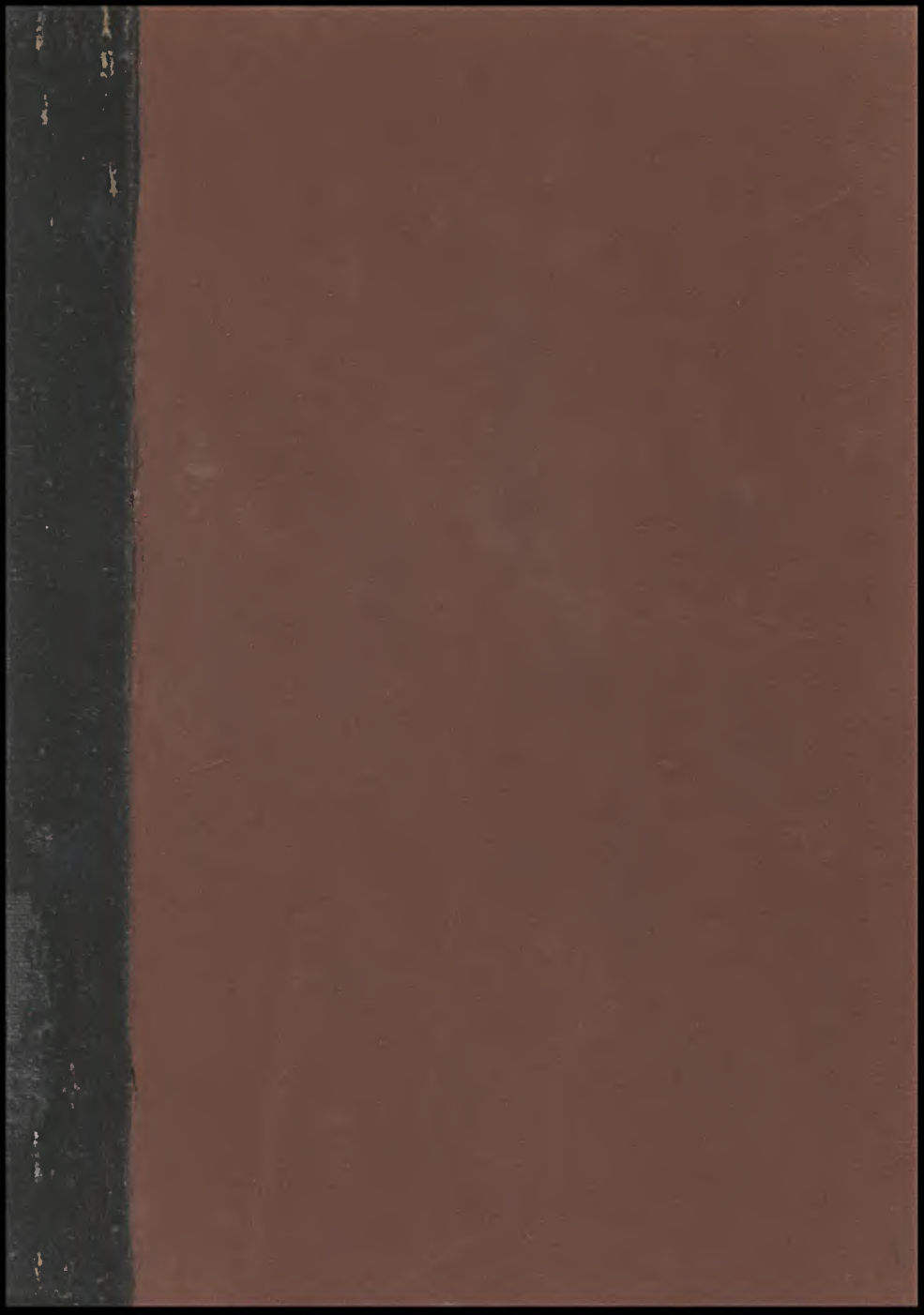
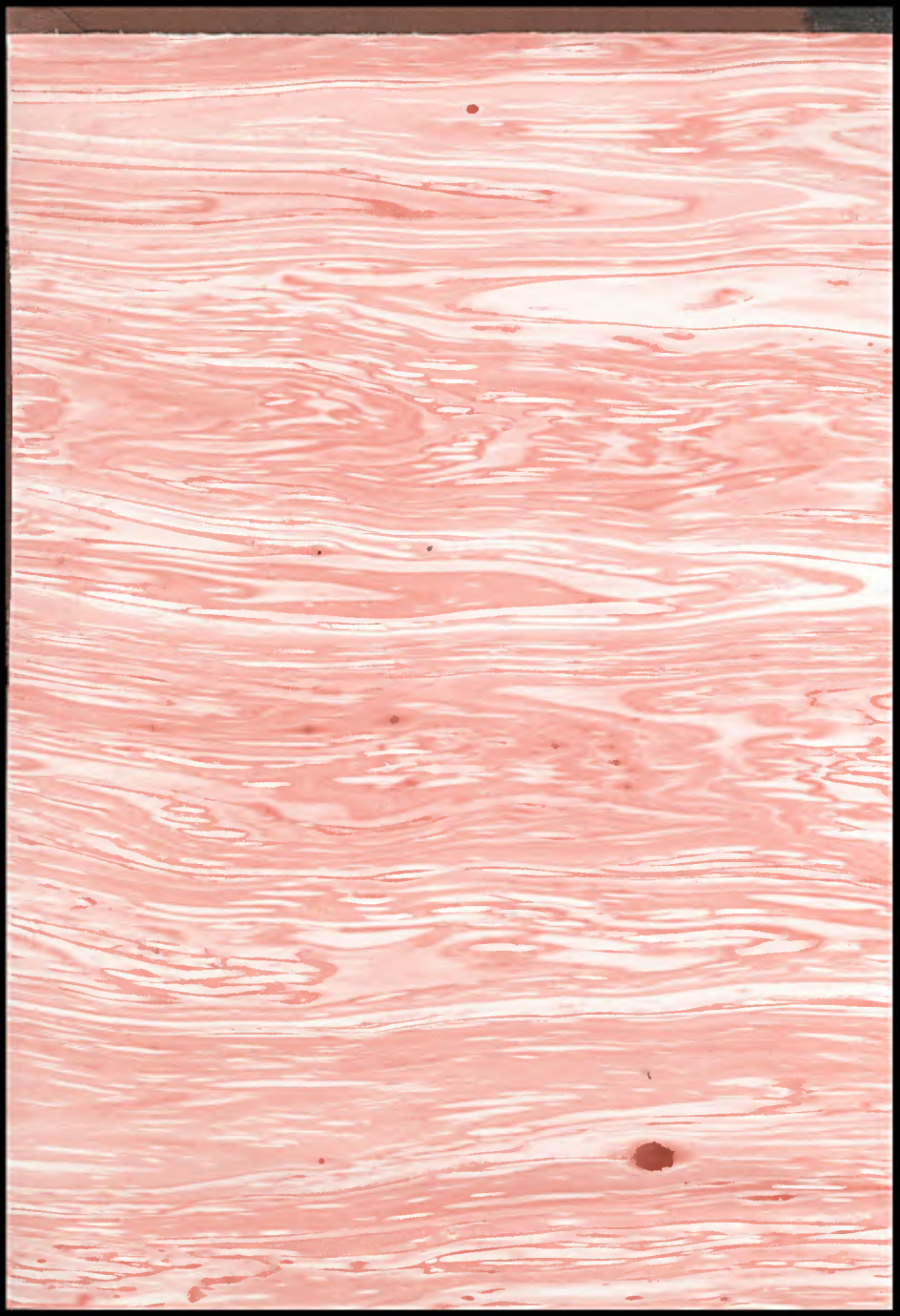
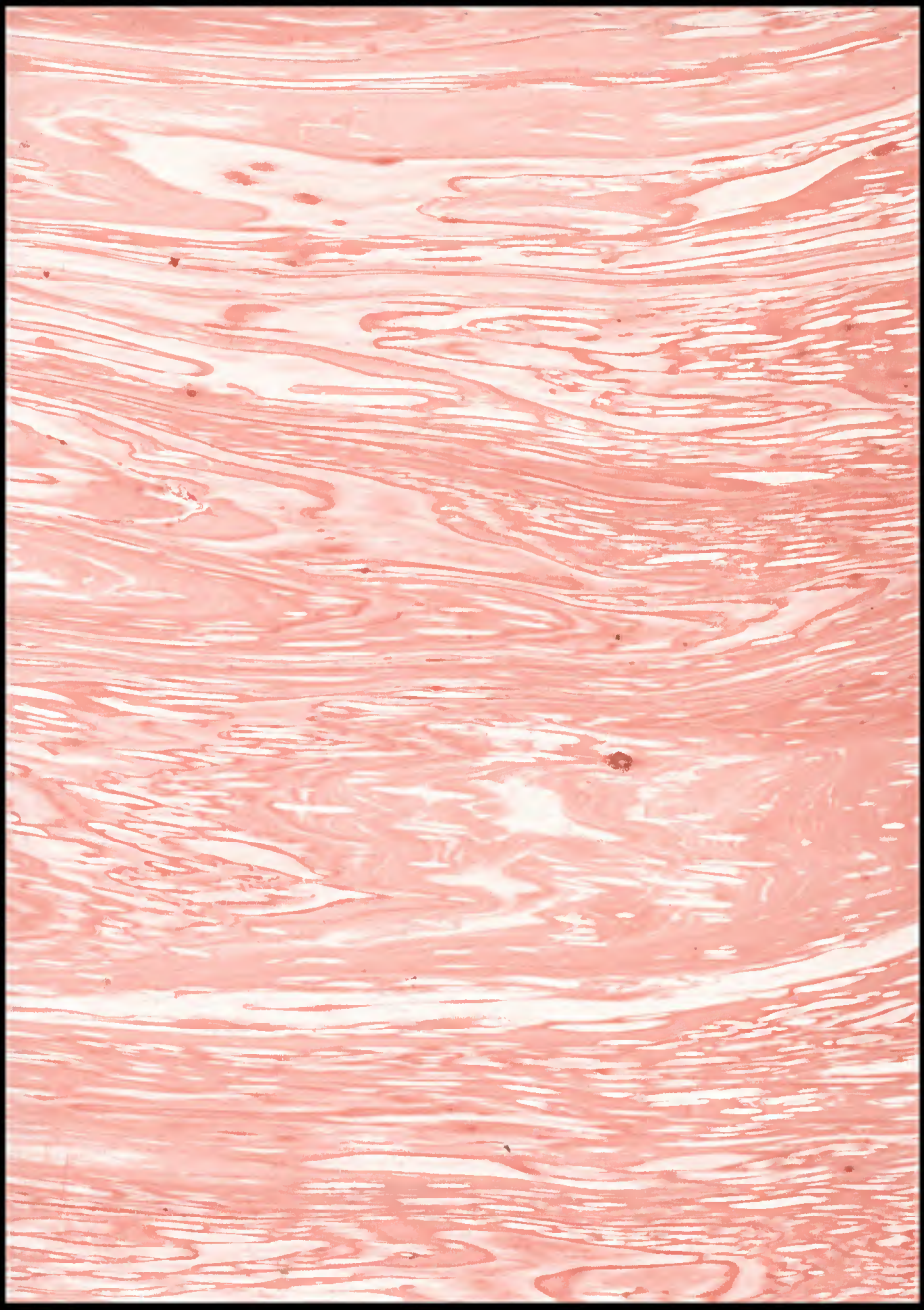






E. L.
2852
74.

AMADEU AMARAL

Letras Floridas

1. RAIMUNDO CORREIA
2. ARVORES E POETAS
3. EPIGRAMAS E MADRIGAIS
4. A CIGARRA E A FORMIGA
5. ESPINHOS E FLORES DA ARTE
6. A LITERATURA DA ESCRAVIDÃO
7. AS PROMESSAS DO ESCOTISMO
   PREFACIO E APENDICE

6947

LEITE RIBEIRO & MAURILLO
EDITORES

RIO DE JANEIRO
1920

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data
Tombo
6142
869.91
A485L
B 869.09
A485L
v. 1 B
3514

LETRAS FLORIDAS...

...isto é, letras jocundas e leves, de ócio e divertimento, sem espinhos e sem fruto, — eis o que se encontrará neste volume. Nem cogitações, nem lutas, nem arte: apenas conversas. Aqui só ha flôres, mas flôres das mais singelas e humildes, dessas que nascem e morrem aí pelos campos, meio ocultas entre a erva, e meio confundidas com ela. Se aqui se enfeixaram não foi por se lhes dar maior apreço. E' que, pobrezinhas como são, lá uma vez por outra sempre servirão de repouso a olhos acaso fatigados de coisas mais complicadas e perfeitas.

Dos trabalhos deste volume, um só, de feitio mais sério, pode merecer o nome de conferência: é o referente a Raimundo Correia. Composto para ser lido, como o foi, no sarau inaugural da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, que tomou a missão de fazer melhor conhecida dos brasileiros a arte brasileira, esse escrito não

é mais do que aquilo que tinha a obrigação de ser — um trabalho de vulgarização, destinado a um público que na sua maioria não se ocupava senão acidentalmente de literatura. Assim, nem está bastante pormenorizado para escorço biográfico, nem assás remontado para ensaio crítico: participando de uma e outra coisa, limita-se todavia, modestamente, a ser um como estudo descritivo, destinado a evocar, no seu recorte mais largo e nos seus traços mais evidentes, uma figura que, apesar de tão notável, — como os homens passam no Brasil! — já estava quase completamente esquecida...

Não quer isto dizer que eu tenha feito esse trabalho sobre o joelho. Ao contrario, construi-o com esforço e com pena. Escasseavam fontes a que pudesse recorrer. Além do interessante artigo de Valentim Magalhães, conservado no livro "Escritores e Escritos", e do excelente artigo de Mário de Alencar, publicado após a morte do poeta, eu só me pude valer de farrapos de informação escrita, de farrapos de informação oral e de minhas impressões pessoais colhidas na própria obra de Raimundo. Com isso, e apenas ajudado pela simpatia, que costuma ter algo de divinatória, me esforcei por compôr uma imagem que fosse ao menos verosimilhante. Assim como está, esse fraco estudo me permitiu avaliar as dificuldades de tais empresas em nosso país, onde não ha trabalho intelectual propriamente colectivo, cooperação e sequência de tarefas, onde

não ha curiosidade nem amor pelo que passou; e de tal modo as avaliei, que ao mesmo tempo se me esvaiu toda vontade de repetir a façanha.

Os restantes escritos são meras palestras, *quer dizer — espécie de conferências sem plano muito fixo, sem rigorosa proporção entre partes e sem conclusão certa, nas quais a veia palreira se permite uma doce liberdade e flúi caprichosamente, ás voltas, aqui rápida e acachoada, ali remansosa e pensativa. A arte do género confunde-se com a do bom conversador, que deve fugir a toda preocupação grave, embora pareça mais fútil do que realmente é, e deve curar apenas de distrair o seu ouvinte... sem contudo lhe admitir que fale tambem.*

Como o género não tolera erudições, e precisa evitar todo ar de rebuscamento e fadiga, nenhum desses escritos obedeceu sequer de longe ao intento de ser completo. Contentaram-se com esflorar os assuntos, nêles procurando antes recursos para entreter os ouvintes por uma hora, do que pretexto para lhes infligir lições que de certo agradeceriam.

Pareceu-me conveniente deixar tudo isto bem claro desde a entrada — porque é sempre bom que não nos tomem as coisas por mais nem por menos do que elas valham. Quem avançar por essas páginas a dentro já não poderá dizer que o faz iludido. Letras floridas... *"Poetas são tudo flores, pollo fruyto não espereis".*

RAIMUNDO CORREIA (*)

I

Da vida de Raimundo Correia não se conhecem muitos pormenores. Em parte, deve-se isso ao facto capital de que ela esteve longe de ser o que se poderia chamar uma vida brilhante e movimentada. Ao contrario, foi singela, apagada e modesta, sem lutas ardentes, sem muitos altos e baixos e sem as horas de sol da grande notoriedade social. Em parte, porém, essa carencia de pormenores se deve ao proprio genio recatado, desprendido e meio misantrôpico do nosso poeta. O que, apesar de tudo, pudesse haver de relevo e de côr em sua vida, ele o dissimulava á contemplação de extranhos sob a bruma de um timido e silencioso retraimento. Era desses que timbram em manter com o mundo o menor numero possivel de relações, que se contentam com dois ou tres amigos, que odeiam a publicidade e parecem temê-la como um enxovalho. Era tambem desses que passam á vista dos

(*) Conferencia inaugural da Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo, em 26 de Setembro de 1912.

indiferentes por egoistas intrataveis e casmurros, de alma fechada e sombria, e são no entanto prezados pelos intimos como criaturas fundamentalmente bôas, nobres e justas, de uma melindrosa delicadeza e de uma admiravel elevação de sentimentos.

Raimundo nasceu no mar, em aguas maranhenses, a bordo de um vapor em viagem, aos 13 de Maio de 1860. Dir-se hia que essa circunstancia lhe influira decisivamente no destino. As ondas que lhe embalaram o primeiro sôno parece terem-lhe transfundido no ser o misterioso amavio dos seus ritmos, fadando-o a vasar os movimentos profundos da sua alma em formas medidas e cadenciadas. Dêle se pode dizer sem receio que nasceu poeta; menino, internado no colegio Pedro II, para estudar as suas humanidades, fez versos; e quando chegou a S. Paulo, com dezasete anos, para estudar o seu direito, trazia consigo um livro composto e acabado, que logo publicou: os "Primeiros Sonhos".

A facilidade com que versejava era assombrosa. Valentim Magalhães, que o conheceu de perto, assegurava que Raimundo só se sentia embaraçado para exprimir o seu pensamento, quando o tinha de exprimir em prosa. (*) As suas cartas para a familia, quando queria despachar-se depressa, escrevia-as em verso. De uma feita, sendo redactor de um pequeno semanario de caricaturas, nos seus tempos de estudante, lhe aconteceu faltar materia á ultima hora: urgido pelo tempo e

---

(*) "Escritores e escritos".

apoquentado pelo impressor, o jornalista galucho sentou-se á mesa, nervoso e assustado, para rabiscar com a maxima presteza qualquer coisa com que pudesse preencher o claro existente e evitar um atraso que se lhe afigurava insuportavelmente desastroso... O que lhe saiu da cabeça aquecida, pelo bico da pena célere, —foram versos.

Mas, outras influencias fatais parece ter êle trazido para sempre do seu largo berço maritimo. Natureza caprichosa, triste, ondeante e meio indecifravel, Raimundo tinha em si, como já foi dito, a volubilidade amarga das vagas e a estonteadora vastidão do mar. Ele mesmo o sentiu, quando se retratou neste soneto:

PÉLAGO INVISIVEL

Ouves-lhe acaso o soluçoso grito,
Os bravos estos, o guaiar plangente?!
Ah! Ninguem vê, mas todo o mundo sente
Dentro, na alma, um Atlantico infinito...

De um mar á borda eu me debruço aflicto...
Não mires a este espelho a alma inocente!
Verto ai, muita vez, meu pranto ardente;
Muita vez, clamo; muita vez, medito...

E êle, ora, inchado, estoira, e arqueja e nuta;
Ora, turgido, a c'rôa vitoriosa
De rutilante espuma aos céus levanta;

Ora, placido, ofega... e só se escuta
A saudade — sereia misteriosa,
Que em suas praias infinitas canta...

Raimundo foi sempre um reconcentrado, vivendo uma potente e radiosa vida interior, em cujas elabora-

ções continuas trabalhavam por igual uma inteligencia flexivel e robusta, sempre activa, uma vívida e magnifica imaginação e uma sensibilidade moral extraordinaria, requintada em melindres femininos e em subtilezas doentias. Com essa vida interior tão intensa, com a funda melancolia que nunca o largou e com os seus nervos doloridos e irritados, era natural que fosse, como de facto o foi, um abstracto, de aspecto um tanto inaccessivel e frio, e um **exquisitão** fadado eternamente a desconcertar todas as previsões, com os seus arrancos, as suas incertezas e as suas deliquecências de onda.

Na Faculdade de Direito, enquanto a mocidade contemporanea se expandia nessa exuberancia de vida á flor da pele que é o seu encanto e a sua fraqueza, Raimundo, esgrouviado, inquieto, vibrando em gestos e **tics** nervosos, movia-se muito, falava por monosilabos, fumava desesperadamente — e não fazia senão versos. Só lia aos bocados e de fugida, ao acaso dos encontros que tinha com os livros e os periodicos, geralmente em casa de amigos, nas redacções dos jornais, nos cafés. Não cultivava com ardor os prazeres da palestra. Nunca fez um discurso — e nunca suportou um discurso alheio de principio a fim. Quando ia ás lições, sentava-se em frente do professor, no chamado **banco da musica**, e cravava os olhos penetrantes e buliçosos na cara do mestre, parecendo suspenso da veneranda boca. Em verdade, ficava suspenso, e suspenso permanecia a hora toda, — mas nas nuvens, caçando rimas. A sua atenção, que tanto lisongeava, de certo, o amor-proprio da catedra, era apenas uma enganadora aparencia, um

puro jogo de mimetismo escolar, um meio cómodo de conciliar as conveniencias do estudante desejoso de parecer aplicado com as irresistiveis necessidades que derivavam da conformação do seu espirito, sempre voltado para dentro de si mesmo.

Tanto se voltava para dentro de si mesmo, que a maioria dos que o viram, o trataram e o julgaram, só o viram do avêsso... Dotado de uma inteligencia aguda e forte, passava por um pobre moço inofensivo, meio desequilibrado talvez, em todo caso estragado pela mania de fazer versos... Tinha um ar insignificante e apagado. Não sabia conversar. A modestia, — se por modestia entendemos a incapacidade para se impôr ou, pelo menos, para se insinuar, — não era nêle uma simples atitude; não era mesmo um achaque, com horas de crise e horas de remissão; era um defeito congenito de estructura. De tal modo se encolhia e anulava diante de extranho, que, — disse-o alguem, — parecia andar pedindo desculpa de ter tanto talento. Trajava mal: pobre, vivendo á custa de magra mesada, e, além de pobre, alheio a toda preocupação de exterioridades, não se incomodava com os seus sapatos cambados, nem com o nó contorcido e frouxo da sua gravata. Verdade seja que, naquêle tempo, ainda não se instalara por aqui o culto minudente, severo e inviolavel das roupas, nem o **bom-tom** material imperava como uma religião com os seus dogmas misteriosos, com os seus sacerdotes hierarquizados e vigilantes, os seus martires, os seus fanaticos e a sua turba imensa de ovelhas passivas. Um homem, naquellas eras re-

motas, ainda tinha o direito de usar um chapeu deformado, sem perder nada no conceito dos contemporaneos, — contanto que dentro desse chapeu trouxesse alguma coisa...

Raimundo tinha extravagancias curiosas. Raramente se encontrava em casa. Passava os dias pelas **republicas** de estudantes, pela casa dos amigos; lá fazia as suas refeições e, não raro, dormia. Entretanto, fartava-se bem depressa de todas as **pensões** onde oficialmente residia, e mudava-se a cada passo. O seu temperamento irrequieto trazia-o num perene descontentamento—e pode dizer-se que elle viveu toda a sua vida a mudar-se ou a querer mudar-se de casa, oscilando, com amargura, a respeito de todas as coisas, entre o tédio sempre renascente e o desejo nunca aplacado...

Não se infira, agora, dos traços que aqui venho evocando, que Raimundo tenha sido assim uma especie de **bicho de concha,** perpetuamente arredado de toda convivencia, perpetuamente a sós com as suas imaginações e as suas tristezas. Possuia amigos, e não em numero muito pequeno, amigos a quem queria com todas as delicadezas e todos os excessos de um coração mimoso e abundante.

A roda que frequentava, a roda das suas cavaqueiras e das suas rapaziadas, compunha-se de moços cujos nomes se haviam de impôr mais tarde nas letras, na politica, na magistratura: Silva Jardim, Assis Brasil, Teofilo Dias, Julio de Castilhos, Pedro Lessa, Julio Mesquita, Augusto de Lima, Valentim Magalhães...

Essa roda brilhante exerceu, por certo, alguma influencia no espirito do nosso poeta; quando menos, a influencia do estimulo criado pelo contacto ardente de tanta juventude imaginosa, pensadora e entusiasta.

Segundo, porém, Valentim Magalhães, tal influencia não se limitou a esse vago papel: penetrou mais fundo a alma do poeta e torceu o proprio curso evolutivo da sua vida moral. Ao chegar a S. Paulo, Raimundo, que tivera uma educação carregadamente religiosa, era católico praticante; era, em politica, conservador, e, em literatura, romantico, á moda do tempo. Dentro em pouco, abandonava a Igreja e o Trono, e reformava de alto a baixo a sua arte. Valentim Magalhães atribui essa tríplice mudança aos influxos da camaradagem intelectual que o poeta mantinha com aquêle grupo de revolucionarios terriveis. Pode ser que tenha razão; mas, como já vimos, Raimundo era em tudo o homem das mudanças sucessivas... Como quer que seja, o que é certo é que sacudiu a carga das ideias com que viera, deixou de ir á missa — e um belo dia, querendo levar a Valentim um punhado de framboezas rubras e apetitosas, levou-lhas embrulhadas no seu diploma de vice-presidente do Circulo dos Estudantes Católicos.

No que nunca mudou foi nos aspectos fundamentais do caracter. Tinha-o bem constituido, rigido e sem molas. Se o seu sêr, pela inconstancia, pela fantasia, pela inquietação continua, era comparavel ao mar incerto e agitado, o seu caracter moral era o rochedo inabalavel batido dos macaréus atormentados e envol-

vido na renda cambiante das espumas. Mudando frequentemente de residencia, mudando de ideias, mudando de profissão, nunca deixou de ser o mesmo homem puro que tão admiravelmente soube aliar a uma larga e bondosa inteligencia da vida a mais severa intransigencia na disciplina do dever.

Desprovido de recursos além da exígua mesada que lhe fazia a familia, conseguiu concluir os preparatorios, cursar as aulas da Faculdade e receber o grau a custa de penosos esforços, sem ter sequer, ás vezes, o necessario para a aquisição dos livros. Formado, foi promotor publico no interior de S. Paulo, andou tambem por Minas e Rio, foi professor do Colegio Pedro II, foi secretario de legação em Lisbôa, — viveu uma vida pratica muito instavel e precaria, como precaria e instavel fôra a sua vida de estudante. Ha algum tempo, fixou-se no Rio, onde exerceu durante varios anos e até ás proximidades da morte o cargo de pretor e o de juiz. E foi um magistrado exemplar.

Pelo seu excesso de escrupulos, pelo seu ardente, devorador desejo de exação meticulosa, pelo seu terror de errar e pela sua casta e generosa bondade, **viveu** a sua magistratura, como **viveu** a sua arte, adaptando, conformando, violentando a sua personalidade, num esforço tenaz e heroico de todas as horas, para fazer de si, completamente, absolutamente, — um magistrado. O seu primeiro gesto, ao entrar para a carreira, define o homem. A vara que lhe coube era considerada como uma das mais rendosas: desde, porêm, que ele assumiu o exercicio, a renda baixou imediatamente

a uma insignificancia — porque o poeta, ao mesmo tempo que distribuia justiça ás partes, não se esquecia nunca do quinhão que tocava ao juiz, e mandava devolver todo o excesso das custas que não estivessem rigorosamente pautadas pelo regimento. Preocupação bem caracteristica, num juiz novato, essa de aprender, antes de tudo, o manejo do regimento de custas! Cada processo em que funcionava, grande ou pequeno, êle o estudava com o mesmo cuidado, a mesma paciencia, o mesmo desejo imperioso de acertar; e como os processos eram sempre muitos, Raimundo não teve mais tempo, nem vontade, nem consciencia para ser outra coisa senão juiz.

Pensa-se geralmente que os poetas são umas criaturas curiosas, muito bôas para serem lidas, ás vezes. mas que no final das contas não prestam para nada. Raimundo demonstrou, foi mais um a demonstrar praticamente que para alguma coisa sempre pode prestar um poeta: para ocupar, por exemplo, com rara e admiravel nobreza uma posição na magistratura; para ser um juiz austero, capaz, operoso e modesto; um juiz que não se doi da sua pobreza, antes agrava-a conscientemente; que foge ao fausto, que aborrece a publicidade, que ignora o caminho das ante-camaras oficiais, que se afaz aos deveres do cargo como á pratica suave e tranquila dos habitos cotidianos, e cuja alma profunda e melindrosa, grave e doce, meditativa e sensivel, respira, entre o recolhimento do lar e a obscuridade do pretorio, uma atmosfera bonançosa de

idealidade superior, inaccessivel ás emanações corruptoras dos brejos e dos marneis da vida.

Entrando para a magistratura, Raimundo mais uma vez mudou-se de casa... Mas, desta vez, definitivamente. Abandonando as letras, nas quaes vivera tantos anos, esse poeta admiravel, querido, festejado, quase popular, não quiz daí para diante ouvir falar, sequer, em poesia, como quem deixou uma residencia de onde traz apenas recordações aflictivas. Dir-se hia que o seu passado literario o entediava como a lembrança de uma enfermidade e que os seus triunfos de outrora lhe pesavam como remorsos. Em parte, o seu afastamento se explica pelo excesso de trabalho que as funções de juiz, interpretadas com tamanho rigor, lhe impunham todos os dias. Mas essa aversão? Essa aversão devia ser um resultado do antigo e terrivel desequilibrio nervoso, que se lhe agravava de mais em mais com o andar do tempo e tanto contribuiu para lhe apressar o termo da desconsolada existencia. Seja como fôr, esse afastamento e essa aversão estão, perfeitamente, na logica da sua vida, como acabamos de vêr, e inteiramente na logica da sua obra, como vamos vêr agora.

II

O temperamento e o caracter de Raimundo Correia espelham-se na sua obra, não aqui e ali, neste ou naquêle aspecto, nesta ou naquela particularidade, mas em todos os aspectos sob os quaes ela se possa encarar,

em todas as particularidades a que desça o nosso exame. O retrato que acabámos de esboçar grosseiramente completa-se pelo estudo dessa obra. A imagem cujos traços apanhámos atravez dos elementos biograficos esparsos, encontramo-la reproduzida nos livros do poeta; e aqui o trabalho de analise confirma todo o resultado daquela síntese.

A primeira fase da vida espiritual de Raimundo, anterior ao curso de direito, é representada pelo livro dos "Primeiros sonhos", livro dos dezasete anos, do qual disse Machado de Assis: "... versos da adolecencia, em que, não Hercules menino, mas Baco infante, agita no ar os pámpanos, a espera de crescer para invadir a India". A mudança que se lhe operou no espirito, mercê da camaradagem com a mocidade intelectual do tempo, em S. Paulo, marca-se pelo constraste entre os "Primeiros sonhos" e as "Sinfonias", que se lhes seguiram poucos anos depois.

"Primeiros sonhos"! "Sinfonias"! Estes titulos por si sós dizem tudo. No primeiro sorri timidamente a ingenuidade de uma adolecencia sonhadora, abeberada de literatura sentimental; do segundo transparece a posição nova e resoluta do espirito que rompeu com o passado e se afinou pelo diapasão do tempo. Já não são as candidas maguas de um coração imaginario, as desilusões convencionais do amor e da vida, os afectos ilusorios de uma alma de emprestimo que hão de vibrar em melodias ternas e faceis; o que vai guiar a mão agilima do poeta ao ferir as cordas é, antes de mais nada, a preocupação ardente **da propria musica**, é o

culto angustioso e encantador **da propria arte**, é o anceio da criação estetica, e, depois, um modo todo diferente de encarar o universo e a vida, uma concepção mais séria e mais consciente da poesia, uma renovação completa de atitudes espirituais e de processos. A influencia de Gautier, Banville, Hugo e Leconte, romanticos ainda pela maior parte, mas artistas antes de tudo e revolucionarios, penetrou de então para diante, e definitivamente, o espirito do nosso poeta. E Raimundo ficou sendo um lirico de forma parnasiana, ou um parnasiano de alma romantica; o que vale dizer que ficou sendo êle proprio, inconfundivelmente, e de tal maneira que o poeta, que vimos na sua vida, é em tudo o mesmo homem que observamos na sua obra.

Aí está, nessa obra, aquêle seu alheamento da vida exterior, aquêle seu viver afastado e ensimesmado, manifestando-se na aguda subjectividade da maior e da mais bela parte da sua poesia, a qual, mesmo quando se apresenta sob os aspectos plasticos da arte parnasiana, quando parece voltada para fora, a receber e elaborar as impressões exteriores, as sugestões da linha, da côr, do som, do movimento, não faz, as mais das vezes, senão pintar, segundo os modelos internos da imaginação, paisagens exoticas e figuras irreais. Aí está a sua fina sensibilidade nervosa revelando-se a cada passo no movimento vivo, no incomparavel movimento, por vezes aflictivo e frenetico, dos seus versos, na variabilidade inexgotavel dos seus ritmos.

Oh! os admiraveis recursos de tecnica, de que Raimundo dispunha! Só êles forneceriam assunto para

uma longa palestra. O seu verso alado e irisado nos dá a impressão do vôo de uma borboleta assustada... Tem algo de atormentado, de sôfrego, de tatalante e dolorido. O ritmo estiraça-se aqui, ali se retrai, revoluteia acolá, e despedaça-se; dorme e ressôa como nota perdida de um velho piano plangente, salta como uma estilha de luz, revolve-se molemente como a desarticulação elastica de um acrobata; é soluço, é gargalhada, é grito, é arrulho, e toda essa sucessão é rapida, rapida como a impaciencia, como a inquietação, como a vibratilidade nervosa do homem. Ouçamos este trecho sinfonico que êle consagrou á incontentabilidade sonhadora da juventude:

. . . . . Tambem a borboleta,
Mal rompe a ninfa, o estojo abrindo, ávida e inquieta,
As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;
O finissimo pó das asas espaneja;
Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga;
Boia do sol na morna e rutilante vaga;
Em grandes doses bebe o asul; tonta, espairece
No éter; vôa em redor; vai e vem; sobe e desce;
Torna a subir e torna a descer; e ora gira
Contra as correntes do ar; ora, incauta, se atira
Contra o tôjo e os sarçais; nas puas lancinantes
Em pedaços faz logo as asas scintilantes;
Da tenue escama de ouro os resquicios mesquinhos
Presos lhe vão ficando ás pontas dos espinhos;
Uma porção de si deixa por onde passa;
E, enquanto ha vida ainda, esvoaça, esvoaça,
Como um leve papel solto á mercê do vento;
Pousa aqui, vôa alêm, até vir o momento
Em que de todo, em fim, se rasga e dilacera...

O' borboleta, pára! O' mocidade, espera!

Tambem se encontra na sua obra o que houve de delicada ironia e de **humour** sorridente, entre as melancolias fundas e invenciveis da sua alma. Sirvam de exemplo as graciosas estrofes da "Musa aldeã":

. . . . . .

Um dia, na mais calmosa
Sazão, sob as laranjeiras,
Juntos e sós,
Ela, a noiva, ela, medrosa,
Trinou-me as juras primeiras,
Com doce voz.

E essa voz inda no ouvido
Me sôa, como o trinado
De um rouxinol,
E ainda, sôbre mim pendido,
Lhe vejo o rosto corado
De pejo e sol.

E um beijo... Mas não se zangue
O noivo, que eu não cobiço
Sua mulher.
Prudencia! Efusão de sangue
Não haja, que a trôco disso
Ninguem na quer.

Um beijo por fim se esquece
E ela, hoje, que está casada,
Tudo esqueceu;
E' como se não se desse
O beijo e mais nada, nada
Do que se deu.

. . . . . .

Humorismo franco, voluntariamente chistoso, o poeta raramente o fez. Nesse genero, que nunca culti-

vou, e apenas uma vez por outra abordava, como por desfastio, só lhe conheço duas ou tres composições.

AMOR QUE PASSA

Maria, amar-te, pensando
Do meu amor ver-te escrava;
Pensar que te possuí;
E depois perder-te, quando
Pensei, como já pensava,
Que era bem senhor de ti;

Perder, Maria, os teus beijos
Desejados, não lograr
Satisfazer mil desejos
E o que ha mais a desejar;

Deixar de ver o teu rosto;
Deixar de te ouvir o carme
Da voz cheia de paixão...
Foi tudo um cruel desgosto;
Mas enforcar-me, afogar-me,
Matar-me por isso, não!

Termo não puz aos meus dias,
Causasse-te embora dó;
No mundo ha muitas Marias
E eu tenho uma vida só.

Agora, este soneto:

ERA NO OUTONO

E' noite. Muita luz. Salão repleto
De gente. "O' gentes, pois ninguem recita?"
A voz do conde, entre outras vozes, grita.
"Recite alguma cousa, seu Barreto".

Este Barreto é um homem de bonita
Cara, soiças e bigode preto.
Se falo no nariz, êle se irrita;
Nem cabe tal nariz neste soneto!

E' poeta. Ama o pão mole e o verso duro.
Uma perna quebrou, saltando um muro.
Sofre do peito e faz canções á lua.

Sôa o piano. Súa o bardo. A fria
Mão leva á testa; tosse e principia:
"Era no outono, quando a imagem tua..."

O poeta passa rapidamente desses cristalinos e desanuviados brincos para a mais profunda e sombria tristeza filosófica ou para as mais violentas revoltas da personalidade, a expandirem-se em blasfémias e sarcasmos. A' variabilidade dos seus ritmos corresponde uma não menor variabilidade de estados de alma e de consciencia. A natureza impressionavel do homem não lhe permite nenhuma monotonia na obra — como na vida. Aqui, um soneto erótico desenrola-se em curvas serpentinas, faiscando; ali, um grupo de estrofes contemplativas, repassadas de doçura e de paz, semelha a espelhante serenidade de uma agua dormente; além, a piedade humana se comove com o romance de um monge triste, e fixa-o num soneto justamente reputado como joia digna do escrinio dos florilegios; acolá, um **scherzo** melodico exprime um suave alvoroço de ternura amorosa, jovial e clara, seguido logo de um amplo, vigoroso trecho sinfonico onde a vida profunda de um espirito se levanta em anseios religiosos e em extases largos:

CONTEMPLAÇÃO

Todo o teu ser contemplo agora; e é quando,
Só para o contemplar, até prescindo
Do meu; e enquanto o meu se vai sumindo,
Vai o teu ao meus olhos avultando...

Assim quem vai o pincaro galgando
De uma alta serra, do horizonte infindo,
Nota que, á proporção que vai subindo,
Se vai em torno o circulo ampliando...

E, infimo em face de amplidão tão grande,
Fosco, a pupila com pavor expande...
Abaixo mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E até onde o olhar atinge,
A' imensidade esplendida que o cinge
Vê ligarem-se mais imensidades...

Na variedade, porém, das notas feridas pelo nosso poeta, uma se destaca, soturna e amarga, a persistir através de grande numero de composições, e a acentuar-se de mais em mais, como um **leit-motiv** fatidico. E' a nota da melancolia incuravel: o desengano dos homens e do mundo; o sentimento, sempre presente, da fatalidade do mal e da morte, da inutilidade do esforço, do vasio da existencia; o pessimismo moral e a tristeza mistica.

Esse pessimismo, que literariamente se condensou em sonetos e poemas, traduziu-o Raimundo nas constantes preoccupações morais da sua vida, por duas maneiras: uma, negativa, — esquivando-se, retraindo-se, apagando-se; outra, positiva, — reagindo, por sua

conta pessoal, como um protesto vivo, com a escrupulosa correcção da sua honestidade, com o absorvente cuidado que punha em que todos os seus actos fossem actos de consciencia, e com a sua bondade, a sua grande bondade sempre desperta — compreendendo, perdoando, fazendo o bem. Aquela tristeza mística — a tristeza dos largos vôos demorados e solitarios sobre os pincaros da vida espiritual, na contemplação filosófica das cousas, — aquela tristeza harmoniza-se perfeitamente com as linhas da organização moral deste sensitivo, que, numa terra onde toda a gente tem o direito de aspirar a tudo, a tudo renunciou, ás posições, aos bens materiaes e ás honras, ao poder e ao destaque, enclausurando-se no seu dever, na sua arte e nas suas afeições e envolvendo todo o carnaval tragico e miseravel da vida num unico gesto de desdem silencioso.

A teimosia com que os pensamentos dolorosos lhe voejavam em torno, reconhecia-a o poeta e tentava subtrair-se-lhe. Ele bem desejava que a sua "cogitabunda Musa" se voltasse tranquilamente para a pura contemplação estetica do mundo, para as evocações do passado, para as cousas boas da vida.

> De ciprio mosto cheia
> A taça ergui. Cogitabunda Musa,
> Fuge os pezares. Eia!

exclama êle na **Ode parnasiana,** convidando a sua inspiradora a um calmo passeio retrospectivo pela Grecia heroica. Já noutro lugar procura a "alegre e sadia

Musa aldeã". Noutro, murmura para si proprio, num desses frequentes monologos em que deixou rememoradas as intimas lutas do coração incontentavel:

Venha, após tanta lagrima bebida
E tanto fel provado, a doce e branda
Alegria, onde a murcha flor se expanda
Do sorriso e eu, de novo, torne á vida!

terminando por esta especie de exortação dirigida á sua alma, exortação muito semelhante, no fundo, ás imprecações com que costumamos excitar a vontade vacilante ou inerte:

E livre assim desta mortal tristeza,
Desfeita em hinos, vá pela floresta...

Vá pelo mar... vá pelo asul a fora,
Derramando por toda a natureza
O pouco de ilusões que ainda me resta.

Em outro ponto, anseia por fugir para mais longe ainda, muito mais longe, num soneto de tormenta e de amargura que é por si mesmo o primeiro desmentido de tão baldado esforço:

Homem, embora exasperado brades,
Aos céus (bradas em vão e te exasperas)
Ascendo, arroubo-me ás imensidades
Onde estruge a aleluia das esferas...

Cá baixo que ha? traições e iniquidades,
As tramas que urdes e os punhais que aceras!
As féras nos sertões, e nas cidades
Tú, homem, tú, ainda peior que as feras!

Cá baixo: a Hipocrisia, o Odio sanhudo
E o Vicio com tentaculos de polvo...
Lá cima: os céus... Dos céus o olhar não desço.

Homem, bicho da terra, hediondo é tudo
O que eu conheço aqui; eis porque volvo
O olhar, assim, para o que não conheço!

E sua alma parte, e plana suspensa nas asas do sonho por sobre a floresta, o mar e o céu, e ascende ás esferas, e nada no éter, mas para voltar logo, mais sombria do que antes, ao angustioso recolhimento da sua natureza cogitabunda. Ela não encontra em parte alguma essa "paz de espirito", essa "intima alegria"

Que debalde entre os homens se procura

e que é a unica cousa que o poeta inveja a Horacio Flaco, dentre tantas que lhe admira. Embalde tenta êle apontar a sua alma o caminho sereno da resignação, impôr-lhe a aceitação da vida, ensinar-lhe o sorriso estoico deante da fatalidade e do misterio, acostumá-la ao chão que pisa, sem olhar para a fealdade humana e sem interrogar a mudez divina. Embalde lhe reitera os apelos, os conselhos, as instigações. Em vão lhe diz, por exemplo, no tom amavel e comovido de quem fala a linguagem da sabedoria e da piedade a uma criatura desgrenhada e tonta:

"PSYCHE"

Seu labio a tua sêde e intenso ardor,
Como a frescura de uma fonte, acalma;

Venceste-a, amante; e a porfiosa palma
Colheste, em beijos, no seu labio em flor.

Deu-te noites ideais, sob o esplendor
De um céu de nupcias — tenda asul, tão calma,
Tão limpida, tão pura!... E deu-te (ó alma,
Que mais desejas?!) todo o seu amor!

Ele, o amor, na progenie perpetúa
Essa em que te incendeias sacra flama,
— Bafo imortal dos deuses imortais

E essa imortalidade é tua, é tua!...
E essa imortalidade êle a proclama
Em ti! O' alma, que desejas mais?!

O desgosto, o nojo e a amargura crescem com o transcorrer do tempo, como um diluvio negro. Não é apenas um pessimísmo vago e sentimental que transparece dos versos: é, além disso, uma desesperada desilusão religiosa e uma dolorida inadaptabilidade ao comercio dos homens. Raimundo, quando embrulhava aquellas framboezas no seu diploma de vice-presidente do Circulo dos Estudantes Católicos, não calculou que iria no meio delas um pedaço do seu coração e um pouco do seu quinhão de felicidade. Ficou sendo um incredulo, mas um desses incredulos tão pouco seguros da sua descrença, que a cada passo precisam de affirmá-la aos brados, com uma energia feita de inquietação e de amargura. Sente a necessidade de negar, de satirizar, de invectivar a Deus, o "Impassivel", o criador indiferente á sorte das criaturas. Ataca-o com uma paixão fremente de adversario pessoal, por uma maneira muito semelhante áquella por que se queixa da maldade

humana. Nesta, são certos aspectos bem definidos que lhe desagradam; notavel a insistencia com que manifesta a sua repulsa por determinados vicios e defeitos que, na verdade vulgares, á sua acrimoniosa irritabilidade se afiguram comuns a toda a gente. A cada passo repontam, enquadrados em frases de asco, de tedio, de revolta, os nomes de **inveja, hipocrisia, falsidade, traição.** Raimundo é um Alceste novo, perpetuamente a sofrer com os defeitos alheios e só encontrando nas proprias virtudes motivo para maior exacerbação das suas penas.

Assim, naturalmente, a ideia de morte, de morte-redenção, vem tentá-lo, obsedá-lo; e numa das suas poesias dos ultimos tempos, Raimundo resume por esta forma o estado do seu espirito, condenando a vida que tanto quiz amar e não pôde:

HORÓSCOPO

Tú baterás da Gloria á porta que scintila;
E em vez dela, ha de vir o Vilipendio abri-la;
— Sem uma estrela só, erratica, a tremer
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater
A' porta do palacio onde a Razão fulgura;
E a Razão não virá abrir, mas a Loucura!
— A' porta baterás da Virtude; e ha de vir
Com uma gazua o Crime a sacra porta abrir!
— Do Olvido á porta irás bater... Mas sobre o Crime
Não dormirás! O atroz Remorso, que suprime
O sono ao criminoso, ha de a essa porta estar!
— Desanimado já, depois de, sem cessar,
A tanta porta, em vão, bateres desta sorte,
Baterás á da Morte, em fim...
Bem haja a Morte,

Que a não deixou de abrir, jamais, a um coração
Cançado de bater e de esperar em vão!

O desejo e a esperança do aniquilamento completaram por ventura o que faltava na sua velha tendencia ascética, para que ela se traduzisse, na sua vida, pela renuncia daquilo que êle mais amava, talvez: a sua arte. E êle fugiu definitivamente á poesia, numa especie de suicidio literario.

III

Acabámos de vêr como a individualidade de Raimundo Correia se reflecte duplamente na sua vida e na sua obra. Cotejam-se as imagens, e acham-se iguais. E' uma constatação importante, quando se trata de avaliar um poeta, esta de que a sua arte foi apenas um dos aspectos da sua vida. Isto nos leva a relê-lo, a examiná-lo, a estudá-lo com maior simpatia e com maior interesse; e, por outro lado, a emoção que os seus versos nos transmitem se torna mais penetrante, mais encantadora, mais saborosa. E isto acaba de nos convencer de que êle foi, realmente, um verdadeiro e grande poeta.

Esta constatação é ainda importante, porque nos leva a um acto de reparação e justiça. Raimundo, superficialmente observado no conjunto da sua obra, parece, á primeira vista, um poeta mais brilhante do que original, um talento mais verbal do que criador;

e esta é, se me não engano, a opinião que muitos formam a seu respeito. Dá-nos a impressão de em espirito, ricamente dotado sob certos aspectos, que lutava por se completar, por se **realizar** de acôrdo comsigo mesmo, e não o conseguia, vivendo sempre na dependencia de diferentes modelos e ao sabor de correntes opostas. Observando melhor, percebe-se que a versatilidade do poeta na escolha dos assuntos e no modo de os tratar, que a facilidade, por exemplo, com que passava do impessoalismo parnasiano para o devaneio romantico, do soneto objectivo, facetado, lavrado, ornado como uma joia para as estrofes subjectivas flutuantes, imprecisas e embaladoras como uma sonata sentimental, — bem longe de trair uma subalternidade mediocre e um diletantismo inconsciente, era um efeito **necessario** do seu temperamento e um reflexo **inevitavel** do feitio do seu espirito inquieto. Era, sobretudo, um resultado da sua extrema impressionabilidade de artista, que lhe gravava profundamente as emoções recebidas na leitura dos autores predilectos, — como energicamente lhe gravava as emoções da vida. Demais, quer sob a influencia de Victor Hugo, quer sob a de Leconte, quer enamorado de Rollinat, quer seduzido por Banville, Raimundo nunca foi um echo, uma duplicação, um caricatura de nenhum dêles: foi, sempre e sempre de maneira inconfudivel e admiravel, — Raimundo Corrêia.

Leia-se qualquer das suas composições melhores ou, por assim dizer, definitivas, — sejam quais forem a natureza da sua inspiração e os processos da sua

execução, — e encontrar-se-lhe ha seguramente, além de um ar de espontaneidade flagrante, um conjunto de qualidades peculiares, mais faceis de sentir do que de analisar, que para logo nos darão a certeza de estarmos lendo um poeta que não é nenhum dos outros que conhecemos. Exemplifiquemos com as **Pombas** e o **Mal secreto**. Nas **Pombas**, a ideia é uma reminiscencia de Gautier; no **Mal secreto**, a ideia pertence inteira ás conhecidas quadrinhas de Metastasio:

Se a ciascun l'interno affano
Si leggesse in fronte scritto,
Quanti mai, che invidia fanno,
Ci farebbero pietá.....

Dessa circunstancia se têm aproveitado os eternos catadores de nugas da obra alheia, os eternos chicanistas do alheio merecimento, para pôr tacha no renome do nosso poeta e até para indigitar impertinentemente não sei que furos na couraça rija da sua inteireza moral. Dupla injustiça, forrada de uma tolice. Que vale, em si, a ideia das **Pombas**? — Desperta uma pomba, e parte; parte outra; dezenas de pombas partem do pombal ao raiar da madrugada. A' tarde, quando o vento norte sopra, elas voltam alegres ao pombal, em bando. Assim do nosso coração partem os sonhos; voam, fogem. Mas as pombas voltam ao columbario de onde saíram, e os sonhos não tornam mais ao coração... — E' de Gautier esta famosa ideia! Mas porque não será tambem de todo o mundo? Que ha aí de raro, de estranho, de novo? Qual de nós, sem ser

aquele nababo da imaginação, não estaria no risco iminente de lançar essa ideia, julgando-a sua, por uma forma ou por outra, numa cartinha de amor, numa conversa sentimental, num soneto, ou num acróstico? O que bem poucos poderiam fazer, era pegar nessa larva informe e fazer dela uma borboleta admiravel, mimo de policromia radiosa, encanto aério, obra prima da eterna poesia aliada á forma perfeita. O mesmo se dá com o **Mal secreto,** onde vemos duas quadrinhas inofensivas e sensatas, de um feitio pedagogico e fradesco, desenvolverem-se num soneto magistral, desdobrarem-se, irisarem-se, vibrarem como asas largas e fortes, na tormenta da vida, no esplendor e na volupia da arte:

Se a colera que espuma, a dôr que mora
Na alma, e destroi cada ilusão que nasce;
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora
Ver através da mascara da face;
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa.

Quanta gente que ri, talvez, existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Raimundo Correia traduziu muito: um dos seus livros intitula-se justamente "Versos e Versões". Mas ainda traduzindo, êle afirmou a sua personalidade, e

por duas maneiras: em regra, só traduziu versos que afinavam com a sua sensibilidade e com o seu espirito, versos que **podiam ter sido** originalmente da sua lavra; e, trasladando esses versos para a nossa lingua, infundia-lhes tanta vida, enchia-os de uma emoção tão fresca, tão sentida, tão espontanea, que se pode dizer que Raimundo não traduzia, — re-criava a obra alheia. Leiamos, para exemplo, esta soberba paráfrase de Hugo:

O dia acorda. Deus, por uma fresta
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,
A aldeia, o sol que tinge a serrania...
Tudo isso acorda, quando acorda o dia
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha! Vasa os olhos d'agua; pica
As artérias da terra; o lis fabrica,
E da materia sonda o fundo ovario.
Pinta as rosas de branco e de vermelho,
E faz das asas vis do escaravelho
A surpresa do mundo planetario.

Homens! As ferreas naus de velas largas,
Monstros reveis, formidolosas cargas,
Do bruto oceano arfando ás insolencias;
Extenuando os ventos, e nos flancos
Largo enxame a arrastar de flocos brancos
De escuma, e raios e fosforecencias...

Os estandartes de arrogantes pregas;
As batalhas, os choques, as refregas;
Nauseas de fogo de canhões sangrentos;
Feroz carnificina de ferozes
Batalhões — bando espesso de albatrozes
De asa espalmada e aberta aos quatro ventos...

Comburentes, flamivomas bombardas,
Ignea selva de canos de espingardas,
Estampidos, estrepitos, clangores;
E, bêbado de polvora e fumaça,
Napoleão que gapolando passa,
Ao ruflar de freneticos tambores;

A guerra, o saque, as convulsões, o espanto;
Sebastopol em chamas; de Lepanto
O vau de lanças e clarins repleto...
Homens! Tudo isso, enquanto recolhido
Deus sonha, passa e sôa ao seu ouvido
Como o rumor das asas de um insecto!

Raimundo constitui um vivo exemplo de como pode um poeta ser original sem o querer... e quase sem o parecer. O seu caso serviria de poderosa ilustração á tese de que originalidade não se adquire, se essa tese ainda carecesse de demonstração. Ele não foi um caçador de ideias extranhas; os seus sentimentos são sentimentos normais e comuns; a sua filosofia é quase tão velha como o mundo; a sua arte sofreu influencias bem conhecidas; não ha unidade de pensamento, não ha plano algum, não ha combinações constructivas nos lineamentos fugidios da sua obra, toda fragmentaria. Entretanto, Raimundo é um poeta originalissimo entre os poetas brasileiros: antes dêle, nenhum, absolutamente nenhum, se vê com feitio e traços que se possam, particularmente, aproximar dos seus; depois dêle nenhuma fisionomia parecida com a sua se mostrou ainda. Não é dificil encontrarem-se poetas que reproduzam, por vezes com surpreendente habilidade, as atitudes e os gestos de um Bilac ou de um

Alberto de Oliveira, — o que de modo nenhum quer dizer que os igualem; ainda não se encontrou quem imitasse a Raimundo. A razão está em que este, psicologicamente, é talvez o mais complexo dos nossos grandes poetas. Seria um problema o descobrir, enumerar e classificar os elementos da sua poesia, e deduzir a receita segundo a qual êles se dosavam e combinavam.

A sua técnica, a sua simples versificação já é de uma notavel complexidade. Ele usou, sobretudo, a redondilha, o decassilabo e o alexandrino; mas, nessa escassa variedade de metros, que maravilhosa variedade de ritmos, inteiramente sem rival em nosso idioma! Neste ponto, o seu merecimento coincide com a sua originalidade.

Nós sabemos o que valiam os nossos poetas, ha trinta anos, como **musicos.** A parte **material** do verso, para êles, era, quasi sempre, independente da ideia, da emoção, das sensações contidas na frase: um ritmo bem cadenciado, uma tal ou qual sonoridade na distribuição dos timbres, e pronto! lá ia o monotono **trololó** a bater as suas marteladas para delicia dos ouvidos, ao passo que as palavras desempenhavam de seu lado a augusta missão de se dirigir á consciencia do ouvinte:

Se de ti fujo, — e me desvio — cauto —
Da luz — de fogo — que te cerca, — oh bela!

Esta arte simples e ingenua dista das complicadas orquestrações de Raimundo Correia, como a melodia singela de uma cantiga difere das torrentes de sons de uma sinfonia. Em Raimundo, o ritmo e a sonoridade

não são um mero **acompanhamento** da poesia, mas alguma cousa de muito intimo e de muito significativo; são a propria poesia traduzindo-se pelas combinações dos tempos e dos timbres, ao mesmo passo que se traduz pela expressão verbal. O nosso artista deixou nas suas composições, não a sua simples **palavra,** amortalhada na rigidez opaca da letra de fôrma; deixou tambem com ela, no ambito morto das estrofes impressas, como uma chama inquieta no fundo de uma caçoula de pedra, a propria **emoção** de que a frase brotou, o resplendor fugitivo da vida prosodica, a ondulação musical de linguagem falada, o tom, o **acento,** o colorido emocional do discurso... De tal forma que, para se dar vida aos seus versos, dizendo-os em voz alta, não é essencial um trabalho prévio de interpretação: êles proprios se encarregam de vibrar convenientemente; basta que lhes emprestemos a nossa voz. Leia-se, por exemplo, — um exemplo entre tantissimos! — o seu soneto **Sósinha,** cujo valor, puramente emotivo, é tão leve e tão melindroso, que se esvaíra, com certeza, na manipulação da forma, dentre mãos que não fossem tão ágeis, tão brandas, tão sensiveis como as desse maravilhoso artífice:

SÓSINHA

E' tarde, e êles não veem! O dia finda,
E, extinto archote, tomba o sol... A' estrada
Lança os olhos, ansiosa, e não vê nada!
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

Cerra-se a noite em toda a curva infinda
Dos céus... E êles não voltam da caçada!
E ela tão só... Já pende fatigada,
Cheia de sono, a sua fronte linda.

Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,
Cómo um tropel na solitaria rua...

Antojou-se-lhe logo que seriam
Eles, e a porta abriu... Ninguem! Sómente,
Por trás da serra, ia-se erguendo a lua...

Leiamos agora

O VINHO DE HEBE

Quando do Olimpo nos festins surgia
Hebe risonha, os deuses majestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ela, passando, os copos lhes enchia...

A mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e pródiga de gosos,
Passa por nós, e nós tambem, sequiosos,
Nossa taça estendemos-lhe, vasia...

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ela, verte-nos e passa...
Passa, e não torna atrás o seu caminho.

Nós chamamo-la em vão; em nossos labios
Restam apenas timidos resabios,
Como recordações daquêle vinho.

Destes sonetos transparecem claramente as qualidades dominantes da forma, as qualidades exteriores

da arte de Raimundo: o movimento e a graça. Não ha quem tenha feito versos de mais vario andamento em lingua portuguesa, nem mais elegantes. Lendo-os ou ouvindo-os, temos a impressão de alguma cousa que surge com o impeto suave e a flexuosa gracilidade do vôo de um passarinho, vôo que traça curvas caprichosas no ar, descai, arroja-se, redemoinha e ziguezagueia, e não pára, nem se repete. Juntem-se a isto os outros caracteres distintivos da sua forma: a riqueza de onomatopeias, a multiplicidade das sugestões que se acumulam nas palavras, a infinita gama dos meios-tons, dos matizes, das tintas indefiniveis, — iris admiravel que se vai descobrindo á proporção que nos vamos familiarizando com os seus processos. Raimundo, escrevendo ha mais de vinte anos, influenciado (mas não dominado) pelos rigores da tecnica parnasiana, dir-se hia quase um precursor ignorado do simbolismo...

Essa complexidade se estende a tudo o mais. Já aludi ás variações incontaveis do seu sentimento, dos seus estados de alma, das suas maneiras de encarar o mundo e de praticar a sua arte. E' jovial e luminoso, e é triste e pessimista; é epicurista e é estoico; é, sensual e é mistico; é lirico e egocêntrico, e é parnasiano e impessoal; é dionisiaco, amando, odiando, sofrendo e cantando **dentro da vida,** deixando-se levar no áspero e volutuoso turbilhão da vida, e é apolineo, impondo aos seus lavores, num recatado apartamento de cenobita burilador, os preceitos de ordem e de equilibrio, o número e a graça... Mas longe iria eu se

quizesse ilustrar tudo isto com exemplos, proseguir nesta enumeração e dar a cada um dos seus tópicos o desenvolvimento de que êle é capaz.

E' forçoso parar. Não desejo, de modo algum, tornar-vos dolorosa esta homenagem, que devera ser singela e doce, ao nosso grande e amado poeta... O que eu vos acabo de lêr seria apenas o borrão de um estudo de Raimundo Correia, estudo em que se procurasse estabelecer a genealogia completa da sua obra, medir-lhe o grau de originalidade, assinalar-lhe a importancia em relação ao meio e á época, sondar-lhe a influencia exercida, e proceder á sua analise literária: — estudo que eu talvez fizesse, se para tanto bastasse a minha admiração profunda e a minha comovida simpatia, unicas cousas que me elevam até o poeta.

Eu espero que todos vós participareis dessa admiração e dessa simpatia, se não as experimentais ainda, desde que vos interesseis pela obra de Raimundo e procureis conhecê-la completamente. Dar-me hei por satisfeito se houver contribuido um pouco para esse resultado.

Raimundo lamenta, numa das suas composições, que os poetas de hoje não mais consigam despertar e encantar as almas. Depois de evocar a morte de Orfeu, cuja lira reanimava as proprias paisagens e arrastava as proprias feras, exclama com desalento que, hoje,

Passa o poeta, e o lugar por onde passa
Jamais de flores carregado fica!

Desmintamos esse melancólico prognóstico... Não, não, querido poeta! As flores simbólicas de que falaste, as flores melindrosas e puras da emoção artística, as flores do ideal ainda viçam e brilham nas almas, quando passa por estas, como um sopro morno de primavera, uma poesia como a tua!

A CIGARRA E A FORMIGA (*)

Conheceis, de certo, a fábula de La Fontaine — "La Cigale et la Fourmi"...

Mas conheceis-la, vós todos, de facto? Não me extranheis a pergunta. Estas coisas universalmente conhecidas são quase sempre regularmente ignoradas. Ha livros famosos que ninguem jamais leu, como afirmava Eça de Queirós das "Mil e uma noites". Ha poemas cujo nome imortal todas as bocas repetem com admiração, mas dos quais fogem todos os olhos, com unanime terror inconfessado... E' isto a glória, bruxa irónica por cujo beijo frio tantas almas se entregam a todas as torturas da vida.

Conheceis a fábula? Em todo o caso, permití que vo-la leia, na graciosa e correntia tradução de Bocage:

> Tendo a cigarra em cantigas
> folgado todo o verão,
> achou-se em penúria extrema
> na tormentosa estação.

(*) Palestra proferida em Santos, em Junho de 1917.

Não lhe restando migalha,
que trincasse, a tagarela
foi valer-se da formiga
que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
pois tinha riqueza, e brio,
algum grão, com que manter-se
té voltar o aceso estio.

— "Amiga (diz a cigarra)
prometo á fé de animal
pagar-vos antes de Agosto
os juros e o principal."

A formiga nunca empresta,
nunca dá, por isso ajunta:
— "No verão em que lidavas?"
á pedinte ela pergunta.

Responde a outra: — "Eu cantava
noite e dia, a toda a hora...
— Oh bravos! (torna a formiga)
Cantavas? Pois dansa agora."

Esta fábula tem sido acusada por muita gente, e até por gente ilustre e grave, a começar por Jean-Jacques Rousseau, de imoral; e ha escriptores nervosos, que por causa dela se tem escaldado contra o bom La Fontaine, invectivando-o. Isto prova que o bom-senso é sempre muito mais raro do que o talento e o saber. Prova ainda uma coisa: que é sempre muito mais fácil atacar os ídolos do que conseguir atingi-los. Não é debalde que a lenta consagração universal vai, através dos séculos, depositando o seu cimento em torno de certos pedestais. A estátua parece frágil... Avançam contra ela, atirando-lhe pedras, e as pedras

se esborôam como blocos moles de barro. Arranhar um La Fontaine, por mais fácil que o pareça, é sempre um pouco mais difícil do que abrir lanhos profundos na reputação incipiente de um poeta que apareceu ontem.

Porque seria imoral a fábula? Acusam-na de ensinar o egoismo: — Vêde o que aconteceu á Cigarra, porque não foi previdente e económica, porque não cuidou de si... Vêde como a formiga a recebe, despiedada, dando-lhe, em vez de agasalho e alimento, ironia e desdem!

O bom La Fontaine, cujos ensinamentos não se inspiram numa moral arrebatada e sonhadora, mas numa ética terra - a - terra, com pouco misticismo e muito bom senso, feita para o comum dos homens e não para naturezas excepcionais, claramente nos aconselha, nesse apólogo, a evitar os perigos da imprevidência. Cristo, dentro do seu halo de luz, muito mais poeta que o fabulista, diria, erguendo a sua mão branca dentre as dobras da túnica larga, com um sorriso longínquo e melancólico na serenidade do semblante: — Sêde como a cigarra, que não faz senão cantar o louvor de meu Pai, sem outro algum cuidado, e morre cantando, na embriaguês da sua canção e na alegria da luz. Ela parece alimentar-se de sol e de sons, e não padece fome nem frio, e não conhece tristeza; e quando cai a noite, cala-se e dorme, feliz porque no dia seguinte cantará de novo." Não é do suave rabi aquêle doce e ousado conselho que induz á despreocupação dos bens materiais? Não nos propõe êle por modelos, pela boca

de Lucas, e por idênticas razões, o corvo e o lírio? "Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa, nem celeiro, e Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves?" — "Considerai os lírios, como êles crescem; não trabalham nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão em toda a sua glória se vestiu como um dêles." La Fontaine, porem, mais homem do que Cristo, nos adverte, num sorriso irónico e bonachão, levantando o dedo á altura do nariz ranuncular: — "Juizo, meus filhos! juizo! Vêde o que sucede a quem é cigarra! Vêde o que sucede a quem é formiga!".

Será isto prégar o egoismo? Não. Isto vem a ser, simplesmente, mostrar a vida como ela é. Ele não diz: "Fazei"; diz: "Vêde". Ele não aconselha: "Agí como as formigas humanas agem"; apenas adverte: "Sabei como as formigas humanas agem, como age a maioria dos homens". Não ensina: "Tratai de entesourar, tratai de engordar e enriquecer, tratai de vós mesmos, exclusivamente de vós mesmos"; mas: "Notai que os homens em geral só cuidam de engordar, só cuidam de entesourar, só cuidam de si mesmos; não vos fieis na generosidade alheia; não espereis de outrem o vosso sustento, o vosso bem estar, a vossa tranquilidade; trabalhai; sêde previdentes, pacientes e poupados." Será isto imoral?

Leiamos a fábula com atenção, e veremos que ela se limita a uma simples pintura, e o mais que se lhe attribúi é fantasia de comentadores. Tornemos a ela. Ei-la, na tradução de João de Deus:

Como a cigarra o seu gôsto
E' levar a temporada
De Junho, Julho e Agosto
Numa cantiga pegada,
De inverno tambem se come
E então rapa frio e fome...
Um inverno a infeliz
Chega-se á formiga e diz:
— Venho pedir-lhe o favor
De me emprestar mantimento,
Matar-me a necessidade!
E em chegando a novidade,
Faço até um juramento,
Pago-lhe seja o que fôr!
— Mas, pergunta-lhe a formiga,
O que fez durante o estio?
— Eu... cantar ao desafio.
— Ah! cantar? Pois, minha amiga,
Quem leva o estio a cantar,
Leva o inverno a dansar.

Onde a exaltação do egoismo?

Não, a fábula não faz senão insinuar, sob uma forma imparcial e risonha, preceitos de conducta que são universalmente aceitos desde Confúcio e desde Epicteto. O que seria imoral e contrário á doutrina universal e milenária, era aconselhar ao pobre que persistisse no seu desabusado teor de vida; que continuasse a cantar desabaladamente, sem outra preocupação, sob o pretexto de que o egoismo do rico é uma coisa indigna e detestável.

Quanto á moralidade não ha o que se lhe diga: a fabula é perfeita. O seu defeito — e êste inegável — está na sua matéria; está na formiga e na cigarra que ela põe em scena. Em primeiro lugar, não ha ci-

garras no inverno. Em segundo lugar, a cigarra não come, e de nada lhe valeriam "les grains et les vermisseaux" da formiga. Em terceiro lugar, a cigarra cantadeira e frívola nunca pediu nada a ninguem: ao contrário, ela sempre deu generosamente as sobras do seu alimento. E quem lhas pede, e quem lhas toma, e quem lhas rouba, com frio egoismo, com silenciosa maldade, com estúpida grosseria — é justamente a formiga, a imagem zoológica do trabalho honrado, da previdência e do siso...

Fabre, o célebre naturalista que era tambem um pensador e um poeta, conta-nos, pormenorizadamente, na quinta série dos seus "Souvenirs entomologiques", quais são as relações entre os dois insectos.

Em Julho, quando o calor do sol escalda a vegetação, evapora a humidade, resseca a branda corola das flores, a pequenina população das folhagens e das ervas padece as torturas da sêde. A cigarra, entretanto, não se aflige. Ela dispõe de um inexgotavel manancial. Vem-lhe o apetite? Nem sequer interrompe o seu canto: aplica o rostro penetrante sobre a casca de qualquer árvore, túmida de saboroso licor; abre, rapidamente, um furo minúsculo, e suga; suga com tranquila delícia, imóvel, cantando ao belo sol das alturas.

Mas as tropilhas esfaimadas e sedentas dão logo com a fontezinha, por cujo bordo escorre o mel que sobeja. São moscas, são abelhas, são forfículas, são cetónias... são formigas. Farejam de longe, apropinquam-se de vagar, lambem as proximidades do poço. Depois, deante da impassibilidade da cigarra, sempre

imóvel, sempre a cantar, avançam mais. Rodeiam a cantora, trepam-lhe pelo dorso, mordiscam-lhe as pernas, agarram-se-lhe ás antenas, esfregam-se-lhe á tromba diligente que suga, qual a querer furtar-lhe maior porção do liquido que sobe. E a bôa da cigarra levanta-se nas pernas, pachorrentamente, para deixar passar os importunos: muda de posição, para deixar que êles se avizinhem da fonte. Quando a amofinação toca ao limite, a paciente vítima, podendo com um golpe de pata ou um reviramento de asa espalhar toda essa miserável turba de anões, prefere simplesmente abandonar-lhes a cisterna e recomeçar o trabalho mais além.

Eis aí o que é a cigarra. Não é, como quer a fama caluniosa, símbolo da vagabundagem alegre, da imprevidência risonha, da inutilidade, da dissipação e do parasitismo. Ela trabalha — trabalha tanto, ou mais do que outros insectos mais conceituados. Não pede nada; ao contrário, ela dá; faz mais do que isso, permite que lhe tomem, consente que a expoliem. E se assim procede, não é por tibieza de ánimo, é por amor ao sossego, é por não malbaratar o tempo, pouco para cantar a alegria da vida sob o sol doirado, e é talvez porque sente que a única coisa que lhe pertence, no manancial aberto por ela, é o pequenino furo por onde escorre a seiva reconfortadora, que ela reencontrará, no momento que quizer, dois passos adeante... A cigarra deve ser o símbolo da paciéncia que sorri, da bondade sem pena, do trabalho sem egoismo e sem malícia.

A formiga, como se vê, não é por sua vez aquela bôa pessôa que a fábula nos inculca. Tem, para quem não a conhece a fundo, toda a aparência de um ser cheio de qualidades sólidas, eminentemente sociais. E' operosa, é económica, é tenaz! E' grande respeitadora das leis e dos costumes. Ajuda as suas iguais, quando pode. Tem o instinto de colectividade muito desenvolvido. Mas, a par disso tudo, quanto defeito. quantos senões! O seu labor continuado, o seu tráfico incessante e silencioso, realizado em comum, ás grandes levas, numa necessidade permanente de mútuo auxílio, de associação, de interdependencia, de cumplicidades, é, a maior parte das vezes, uma verdadeira pilhagem organizada, é a pirataria erigida em tarefa essencial de todo o povo. E a formiga é egoista e cruel. De como ela explora friamente o alheio trabalho, já vimos um exemplo frizante no seu procedimento junto ao pequenino poço de ha pouco, de onde sem cerimónia expulsa quem o descobriu e perfurou. Da sua crueldade, basta saber-se o seguinte.

Quando uma cigarra, no meio do seu canto fremente, estala e tomba, não tarda que legiões activas e silenciosas de formigas se lancem sobre o cadaver e o despedacem, o retalhem, o reduzam a migalhas e carreguem a preciosa colheita para o celeiro farto. A's vezes, nem a desgraçada cantadeira morreu ainda, e ainda agita, de leve, as asas transparentes que se lhe tornaram de chumbo, e já a bôa, a sensata, a ordeira, a honesta formiga lhe sobe ao ventre, ao peito, á ca-

beça, e fura, e corta, e rompe, e estraçalha, ávida e feroz.

Oh! como a vida e a morte dos insectos se parecem com as dos homens! Como se parecem com as dos homens, não conforme os homens as pintam, mas conforme a natureza as dispoz...

*

Nem sempre se caluniou e difamou a cigarra, como nos tempos modernos. E' certo que, na Grécia antiga, as crianças aprendiam nas escolas a fábula da "Cigarra e a Formiga", tal qual se nos depara em La Fontaine. Mas os helenos amavam e glorificavam a inexgotavel cantadeira. Começavam por achar-lhe graça na figura — na sua grande cabeça, nas suas asas transparentes, na sua côr de folha, nas suas longas antenas; tanto que ela forneceu aos artistas um lindo motivo ornamental, desde remota antiguidade: segundo Tucídides, os anciãos da A'tica, antes das guerras médicas, prendiam os compridos cabelos com alfinetes de ouro em forma de cigarra. Achavam-lhe graça na figura, e achavam-lhe encanto na chiadeira — prova de que possuiam bons tímpanos — chegando a aprisioná-la em pequeninas gaiolas, como fazem as nossas crianças da roça, ou faziam no meu tempo, com os grilos cantadores.

Hoje, os poetas não escondem a sua simpatia pelo amável bichinho, em quem descobrem afinidades comsigo; não ousam, entretanto, gabar-lhe a eterna zan-

guizarra. Os poetas gregos, ao contrário, achavam que o canto da cigarra era "sonoro" e "harmonioso"; estes qualificativos são de Hesíodo, são de Teócrito, são de outros e outros. Platão fala de uns homens que, extasiados e enfeitiçados pelo canto das musas, se deixaram morrer á fome, indiferentes á carne, superiores ao instinto, e foram por aquelas deusas metamorfoseados depois em cigarras — naturalmente para que continuassem a gosar as delicias de uma suave música. Homero, na "Ilíada", querendo exalçar a eloquência dos graves anciãos, que se entretem com Príamo sobre os muros de Troia, nada acha de milhor que comparál-os ás cigarras. E Anacreonte dedicou ao insecto querido uma das suas luminosas odezinhas, onde se concentra todo o bem que os helenos pensavam da pacífica e independente cantadeira e todo o bem que lhe queriam. E' um híno fervente de admiração, de ternura, — e de inveja, essa pequena ode. Sim, de inveja. O cantor de Teos, que tanto se assemelhou á cigarra, na sua vida livre e gloriosa, no seu caracter cheio de tranquila altivez e de alegria canora, desejaria parecer-se ainda mais com essa artista desambiciosa, paciente e feliz. Eis a ode, como a traduziu Castilho:

A CIGARRA

Feliz cigarra, invejo-te!
Pousada lá nos píncaros
destas folhudas árvores,
que bem que te has de estar!

Gôta de orvalho mínima
te sobra de Castália;

que do Parnaso aos cânticos
desbanca o teu cantar.

Quanto nos dias plácidos
os campos têm de flórido,
de ameno, de frutífero,
dominas! tudo é teu.

Amiga és tú do agricola;
para ninguem maléfica;
por seu arauto músico
o estio te elegeu.

Estimam-te as Piérides,
Ama-te o nume Délfico;
dêle te veiu em dádiva
êsse primor de voz.

Da terra, ó filha ingénua!
A todos tão simpática!
Isenta dos descómodos
que pesam sobre nós!

Toda fervor poético!
Em hinos sempre extáticos,
Soltando de contínuo
delícias musicais.

Leve, sutil corpúsculo!
Quasi incorpório espirito!
Dás-me ares, minha alígera,
dos entes imortais.

Como se explica então essa estranha lenda, toda tecida de falsidades palpáveis, que se veiu compondo em tôrno da cigarra, e adulterando-lhe tão profundamente a verdadeira fisionomia moral? Como explicar que se lhe tenha formado, atravessando séculos e séculos, essa reputação caluniosa de doidivanas, de vagabunda e de pedinte, a ela que é o mais pacífico,

o mais operoso e o mais independente dos pequeninos habitantes da relva e da folhagem?

Se se tratasse de uma espécie rara, só encontradiça em remotos recantos da terra, ainda se compreenderia facilmente o equívoco milenário. Mas ha cigarras em todo o sul da Europa! Na Provença, na terra de Mistral, que as amava, elas nunca deixam de cantar, num côro imenso e interminável, durante todos os estios, a alegria da vida sob o ceu azul e o sol ardente, no seio da natureza e da liberdade! Na própria Grécia, de onde parece que provém a fábula, — se a Grécia não a recebeu de outro povo que a precedesse na civilisação, — as cigarras abundam, abundavam nos tempos de Homero e de Anacreonte, e — o que mais escurece êste enigma, — eram observadas, ouvidas, estudadas, cantadas, amadas pelos artistas e pelos poetas!

Isto nos mostra de uma maneira singularmente frizante como é poderosa, como é tenaz, como é tremenda a vitalidade da mentira. Diz o ditado que "a verdade sempre aparece". Devia antes dizer que a verdade desaparece sempre... A verdade aí está, diante de nós, exposta a todas as vistas, núa e singela. Basta, muitas vezes, virar a cabeça, e olhar; basta estender o braço, e palpar. No entanto, nós passamos, incapazes de ver e de ouvir, cegos e surdos, calcando a verdade sob os pés, a acompanhar eternamente a fábula e o mito, a ilusão e a mentira...

Minhas senhoras, ha no nosso mundo uma outra cigarra e uma outra formiga, ambas mal observadas e mal compreendidas. A esta, atribuem-se-lhe todas as

virtudes — quando a verdade é que, em geral, a formiga tem apenas as virtudes sólidas e curtas, apropriadas á sua couraça estreita, ao seu rijo ferrão, aos seus movimentos rápidos... mas lentos. A' pobre da cigarra emprestam-lhe todo o mal. Chamam-lhe inútil. Inútil porque não constroi, dentro da terra, em segredo e em silêncio, profundos e vastos celeiros; inútil porque vive só, independente e tranquilla, sem nada pedir, trabalhando e cantando durante o dia inteiro e o inteiro estio... Inútil! Será então inútil aquela que traz para esta vida passageira e aflicta a divina missão de suavizar com o seu canto as nossas raras horas de lazer e de devaneio? Inútil, aquella que derrama sobre as nossas chagas e canceiras o bálsamo das canções que fazem sorrir e sonhar?

Oh! meus senhores e minhas senhoras, em verdade vos digo que não ha, neste mundo estreito e escuro, neste formigueiro profundo, onde nos arrastamos no pó, onde carregamos os nossos fardos, onde enceleiramos as nossas provisões e com elas os nossos ódios, as nossas tolices, as nossas miserias, as nossas penas sem remédio, — não ha nada, nada mais útil, mais soberanamente útil, mais divinamente útil do que uma boa cigarra cantadeira, pousada lá em cima, ao sol, a espalhar em derredor de si a eterna, a única doçura da Arte e do Sonho!

EPIGRAMAS E MADRIGAIS (*)

O epigrama, essa abelha doirada que havia de zumbir e brilhar na boca dos Meleagros e dos Catulos, teve uma origem modesta e grave. O seu próprio nome a recorda, pois quer dizer "inscrição". Foi a princípio e durante muito tempo uma simples e breve inscrição, em prosa ou em verso, frequentemente em dísticos, gravada no sóco das estátuas, nos templos e nos túmulos. Assim na Grécia, como em Roma.

Qual a sua missão? Recordar uma data, um acontecimento, uma vida; exprimir um apêlo aos deuses ou uma advertência aos homens. Era simples, rígido, e austero. Mas, na sua prisão, laboriosamente rasgada na massa dura do mármore, do granito ou do bronze, o religioso e funério epigrama vivia, latejava, corroía sutilmente a matéria bruta, forcejava por se evadir. Havia na sua estrutura células que se multiplicavam, borbulhando estos de vitalidade insofrida. A masmorra afinal rompeu-se. Na época alexandrina, o epigrama despediu-se dos cedros extáticos e dos flébeis cina-

(*) Palestra proferida em S. Paulo.

momos, dos retiros da religião e da morte, das fontes enramadas e das hermas solitárias á beira dos caminhos, e veiu rebolir e raivar, rastejar e esplender na tormenta ordinária da vida, servindo indiferentemente ao amor, á galanteria, á politica — ou á má lingua.

Só uma restrição se lhe impoz: devia ser muito breve e muito forte; uma gôta de perfume violento ou de veneno mortal. Tinha que ser conceituoso, incisivo, fremente, algo como um insecto dourado que passa por uma réstia de sol ou de luar: uma condensação de queixas elegíacas, um idílio cristalizado, uma amabilidade ou uma zombaria engenhosa talhada em duas proposições de sorridente aticismo, ou uma sátira sem intercadéncias e sem derrames, curta, rebrilhante e acerada.

Depois, nos tempos do abundante Marcial e do agudo Ausónio, reservou-se o nome de epigrama apenas á sua variedade satírica. Simples questão de nome. A coisa continuou a existir sob os dois aspectos tradicionais da ternura e da ironia, do amor e do ódio, do carinho e da agressão. E assim atravessou os tempos, assim refloriu na Itália e daí, na Renascença, se trasladou á França: ao lado do "epigrama" cruel o galante "madrigal", que não é senão um epigrama açucarado.

A França foi onde ela encontrou solo mais fecundo, desde Marot e Melin de Saint Gelais, que no seculo XV procuraram renovar os moldes da poesia indígena segundo o exemplo dos clássicos. Adatou-se maravilhosamente á malignidade risonha e á galantaria erótica, os dois pendores que vincaram na literatura dois dos traços mais vivos do génio francês, desde os

"fabliaux" e os "troubadours" e "trouveres". De fins do século XV até fins do XVIII foi uma inundação de epigramas e madrigais, desdobrados em vários subgéneros — a "inscrição", o "epitáfio", a "epigrafe", a "legenda". Surdiram em cardume da boca de todos os que poetavam, príncipes e tunantes, damas e cortezãs, académicos e barbeiros.

Era natural que perdessem um pouco da nobreza antiga. Nos tempos de Anacreonte, de Meleagro, de Catulo, o epigrama era apenas uma composição muito breve, que tinha como unica obrigação encerrar na sua forma concisa um belo conceito, um pensamento atrevido ou profundo, uma ideia nova, graciosa e bonita. Era fatal, por uma necessidade do seu desenvolvimento perfeito, que se coroasse por um verso mais vibrante, mais cheio, mais trabalhado, o qual formava, naturalmente, uma "saliencia". Com o andar dos tempos, não se viu no epigrama, como nos seus derivados, mais do que essa ponta penetrante. Passaram-se a compôr pequeninos poemas com a preocupação desse "dardo" final. Salvas as excepções, o epigrama deixou de ser um organismo harmônico, munido de uma farpa titilante ou ferina, como uma abelha do seu ferrão: passou a ser um ferrão adatado ás pressas a uma cousa qualquer. Disse-o Boileau, depois de tratar do soneto:

> L'épigramme, plus libre en son tour plus borné,
> N'est souvent qu'un bon mot de deux rimes orné.

E continúa, descrevendo em traços energicos a extensão da sua vitória:

Jadis de nos auteurs les pointes ignorées
Furent de l'Italie en nos vers attirées.
Le vulgaire, ébloui de leur faux agrément,
A' ce nouvel appat courut avidement.
La faveur du public excitant leur audace,
Leur nombre impetueux inonda le Parnasse;
Le madrigal d'abord en fut enveloppé;
Le sonnet orgueilleux lui-même en fut frappé;
La tragédie en fit ses plus chéres delices;
L'élegie en orna ses douloureux caprices.
Un héros sur la scéne eut soin de s'en parer,
Et sans pointe un amant n'osa plus soupirer.
On vit tous les bergers, dans leurs plaintes nouvelles,
Fideles á la pointe encor plus qu'á leurs belles.
Chaque mot eut toujours deux visages divers.
La prose la reçut aussi bien que les vers.
L'avocat au Palais en herissa son style,
Et le docteur en chaire en sema l'Evangile.

Mas o proprio Boileau epigramatizou, — é verdade que em composições especiais, perfeitamente acabadas. Epigramatizaram e madrigalizaram todos os poetas do seu tempo e do seculo XVIII, que viu florecer com estupendo vigor toda a vegetação literária, desde os bosques augustos até as hervas rasteiras: La Fontaine e Racine, — o "bonhomme" das fábulas e o "doux" Racine, — Corneille, J. B. Rousseau, Piron, La Harpe, Lebrun, Fontenelle, Boufflers, Marivaux... todos. Saint Aulaire, esse dizem que não deveu a sua elevação á dignidade académica senão ao encanto dos seus madrigais. E o tremendo Voltaire, enquanto revolvia o mundo das ideias e soprava os vulcões da revolução, não se envergonhou, como um titan incónscio da sua grandeza, de entretecer pequeninos ramalhetes

de flores, para os atirar ao regaço das meninas com tregeitos de velhotes gamenho, nem de responder aos pontaços de agulha dos anões assanhados. E foi sempre admirável. Dir-se hía que nunca fez outra coisa.

Eis como êle retrucava a um que lhe punha os epigramas nas nuvens, com a intenção oculta de lhe depreciar as odes: (*)

No epigrama, afinal, agradar-te consigo.
Aí sou bom; tu dizes, devo crer.
Nunca, entretanto, me ocupei contigo:
O melhor epigrama ainda está por fazer.

Naquela época de literatura transbordante armavam-se batalhas em torno de um soneto e defendia-se um verso a golpes de espada ou de pena, lacerando carnes ou reputações. Não ha um só grande nome de então que não seja um ouriço em luta com outros ouriços, recebendo e metendo dardos.

E' uma cousa altamente instrutiva, ótima para servir de reforço á nossa experiência pessoal dos homens, vêr como indivíduos de valor eram tratados, não por sujeitos anónimos e desprezíveis, mas por personagens de truz, e por via de umas questiúnculas microscópicas a que só a paixão e a vaidade poderiam dar algum vulto. Eis como o abade Arnaud tratava Marmontel:

Pedante cujo rosto já o define,
ao peso do ridiculo ajoujado,
diz o segredo ter dos versos de Racine,
Jamais se viu segredo assim tão bem guardado.

(*) Vêde Apêndice, no fim do volume.

Eis como Suard falava de la Bruyére, quando êste pretendeu uma cadeira na Academia:

Se la Bruyere se apresenta,
porque um clamor tão severo?
Pois para fazer quarenta
não é necessario um zero?

Eis a seta ervada que De Lumiéres arremessava a Boileau:

A tua sátira ás damas
a quem maldoso difamas,
vai, Boileau, de povo a povo;
tua glória agora é inteira:
essa obra anda na feira
como qualquer monstro novo.

Eis a pedra que Lebrun jogou ao telhado de La Harpe, ridiculizando-lhe ao mesmo tempo, em dois versos, o carácter e o talento, a propósito de uma peça de teatro mal sucedida:

Este não póde ser á cobra comparado;
pois a cobra assovia, e La Harpe é assoviado.

Longe iriamos, porém, se eu tivesse aqui a pretensão de offerecer-vos um florilégio de perversidades metrificadas. Vejamos, entretanto, — sempre através de uma tradução inábil, como J. B. Rousseau justificava os impulsos belicosos dos poetas:

Todo poeta, que o é, uma abelha recorda:
para nós é que o sol, quando renasce, a acorda

e ela sai a colher, sob os fortes calores,
o mel que sabe achar nas corolas das flôres.
Quando a ofendem, porém, graças á natureza,
dispõe de um dardo cruel para a própria defesa,
um rápido aguilhão que, na vingança pronta,
faz sofrer longamente a mão audaz que a afronta.

Naturalmente o autor incluia entre o mel a que se refere os madrigais assucarados, que os poetas daquêle tempo sabiam confeccionar de acôrdo com as receitas clássicas, e de que vos dou em seguida algumas amostras, um tanto aguadas pelo traductor.

De Carlos IX, rei de França, a Ronsard:

A arte do verso, embora alguem vá protestar,
deve apreçar-se em mais do que a arte de reinar.
Ambos nós, por igual, carregamos corôas:
mas eu, rei, as recebo, e tu', oh poeta, as dôas.

De Filipe Desportes:

O infante que me conquista,
o falso deus da amizade,
tolheu-vos, tambem, a vista,
para não terdes piedade.
Pudera! Bem menos dura
serieis vós, com certeza,
se visseis minha tortura,
como eu vos vejo a beleza.

De Panard:

Essa criança, o Amor, tem a idade do mundo;
é o menor e o maior dos entes divinais;
enche de ansias a terra, o céu e o mar profundo;
entanto, Aglai o guarda em seus olhos mortais.

De Bussy Rabutin:

Dizeis que me dais em trôco
amor bastante grande... Que tortura!
Não sabeis, pois, criatura,
que, em amor, bastante é pouco?
Mas esta é a verdade pura!
Escutai o que ensina a experiência constante:
se não se ama demais, não se ama inda bastante.

De Mme. Deshouliéres:

Essa Razão, á qual vão louvores a flux,
não é remédio certo á paixão que em nós mora;
um só trago a perturba; um infante a seduz;
e rasgar fibra a fibra o coração que a exora,
é todo o efeito que produz.

Da Condessa de Murat:

"Porque foges inconstante?"
pergunto ao doce Prazer:
"Esquivas-te num instante,
mal se te poude prender".
Ele responde-me afável:
"Sê grato aos deuses" (e ri):
"se me fizessem durável,
guardavam-me para si."

De Boisrobert, a uma menina:

Como! Inda sois uma criança,
e quem vos ouve não descança,
e delira quem bebe o vosso puro olhar!
Ou crescei mais de pronto, ou sêde menos bela!
Esperai, auroral donzela,
para ferir, depois que souberdes curar.

De Tristan l'Hermite:

Anaxandro, ao partir, ha tempo, me dissera
que antes que reflorisse a clara primavera
viria com seu riso adoçar minhas penas,
com suspiros de amor evaporar meu pranto.
Rosas do meu vergel, tão lindas e serenas,
vindes cedo demais para o meu bem sonhado!
Porque apressar-vos tanto?
Vêde que desmentis a fé do meu amado!

De Desmahis:

Amar uma loureira, amar uma perjura,
amar uma inconstante, amar uma alma dura,
são tormentos crueis, que não posso pintar.
Entretanto, o maior tormento é não amar.

De Boufflers a madame de Staél, que lhe perguntava porque não era da Academia:

Na Academia, eu sei, vosso génio se assenta.
Se ma quereis abrir, estar lá dentro espero.
Teremos, eu e vós, talento por quarenta:
Vós por quatro, de certo, e, eu, ao lado, por zero.

⁂

O genero epigramático entrou em crise depois dos ultimos classicos. Deixou de ser cultivado como um ramo valioso da arte poetica. A renovação romántica, rompendo os moldes antigos, não lhe reconheceu a autonomia, e os poetas, daí por diante, ou deixaram de se ocupar com essas composições, ou só as tentaram a título de gracejo. O epigrama e o madrigal fundi-

ram-se na corrente viva do moderno lirismo, e só reapareceram nas obras dos poetas como simples relanços de peças mais longas, ou diluidos em varias estancias, ou esticados em sonetos.

Em nossa lingua êles vieram tarde, e duraram pouco. Em todos os tempos da literatura portuguesa houve, é certo, como houve em França, poetas que vasaram o seu humorismo em sátiras curtas, ou dirigiram amabilidades e gracejos ás suas damas, aos seus amigos. O Cancioneiro de Rezende encerra bôa cópia dessas peças, pelo geral duras como calhaus, rescendentes a chocarrice plebeia e a namoro baboso. São **cantigas, esparsas** e **glosas.** Raro se aproximam da concisão e da leveza do epigrama e do madrigal.

Nos tempos de Sá de Miranda, de Ferreira e de Camões, já êles repontam, disfarçados ainda em roupagens um pouco largas e pesadas, mas já tocados de espiritualidade e de finura. O grande épico, que bem sabeis que não desdenhava fazer brincadeiras em verso — e mesmo na vida — não gastou as mais das vezes senão o sal grosso da genuina jocosidade portuguesa. Mas, quando o temperou com um pouco de sentimento, fez coisas como estas:

A UMA DAMA QUE LHE DEU UMA PENA

Se n'alma e no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me peza do que sento;
Que se não sofrer tormento,
Faço ofensa a vosso gesto.
E, pois quanto Amor ordena

E quanto esta alma deseja,
Tudo a morte me condena,
Não quero senão que seja
Tudo pena, pena, pena.

AO DESCONCERTO DO MUNDO

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado.
Assi, que só para mi
Anda o mundo concertado.

Muito mais tarde, Tolentino depara-nos deliciosos epigramas, ou coisa parecida, nalgumas das suas composições mais pequenas. Ouvi este recado bonachão e ingénuo, remetido pelo admirável metrificador, com uma galinha, "a uma pretinha bonita, que gostava de brincar com elas":

As tuas fulas mãozinhas,
Que a fome já não descarna,
E que de criarem sarna
Passam a criar galinhas,
Aceitem criações minhas,
Que eu a outros fins guardava:
Senhora com côr de escrava,
Alta estrêla, que em ti brilha,
Manda que se dê á Filha
Aquilo que o Pai furtava.

Este poeta, que amava crivar de larachas as pretinhas das suas relações, não sabia senão madrigalizar aos grandes, pedindo favores com uma humildade cujo lamentável efeito nem a sua graça, nem os seus lindos versos e a sua linguagem pura conseguem disfarçar. Assim falava êle a uma "Illustrissima, e Excellentissima Senhora" que lhe fizera presente de uma véstia de setim:

Minha respeitosa mão
Dos seus limites não sai;
A escritura que aqui vai
Não é carta, é Petição;
Até ante os tronos vão
Vozes em papel inclusas;
As minhas não são confusas;
São memorial mui claro;
Sou Poeta, dai-me amparo,
E' obrigação das Musas.

Não peço hoje para mim;
Bem cuberto anda meu peito;
Inda beijo, inda respeito
Uma Véstia de Setim.
Triste Irmão tem já no fim
Farda rôta, e chamuscada;
Tem má côr, e é mal fadada;
Quer que a mão piedosa, e franca,
Que a mim me deu Véstia branca,
Lhe dê Casaca encarnada.

Nos fins do século XVIII e principios do seguinte é que o epigrama teve a sua pequena fase de prosperidade, deixando entrever a influência directa dos franceses. Adatou-se então perfeitamente ao preceito de

Boileau: foi "plus libre" e "plus borné" que o soneto, e limitou-se frequentemente a um dito agudo, "de deux rimes orné". Bocage foi o grande mestre destes brincos, nos quais dispendeu largas pitadas de graça genuina.

A sua especial quisília era contra os médicos, que não se cansava de denegrir.

Um chapado, um retumbante
Corifeu da medicina
Certa menina adorava
E adoeceu-lhe a menina.

Eis para curá-la o chamam,
Pela alta fama que tem;
Geme o doutor, e responde:
"Não vou, que lhe quero bem".

Estando enfermo um poeta,
Foi visitá-lo um doutor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.
"Regule-se, coma pouco",
Diz-lhe o médico eminente:
"Ai, senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente."

Gratis pespega o verdugo
No pescoço ou laço, ou córte;
O espadachim mata gratis;
O medico vende a morte.

Um velho caiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,

Que para adivinhação
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho suspirando:
"Repara que sou teu pai!"

Essa birra aos médicos estendia-se aos seus aliados os boticários:

Um doutor, acometido
Das chufas de um boticário
(Que não sei por que motivo
Se lhe quiz mostrar contrário)
Disse-lhe: "Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágua,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com agua."

Outra vítima predilecta das suas alfinetadas era a gente do fôro, escrivães, procuradores, meirinhos e letrados:

Um escrivão fez um roubo;
Diz-lhe o juiz: "Que razão
Teve para fazer isto?"
Responde: — "Ser escrivão".

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
"Em Cujacios, em Menochios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em reinicolas e extranhos
Tem carradas de razão.
Sim, sim, por toda essa estante

Tem razão, razão de mais."
"Ah senhor! (o homem replica)
Tê-la hei nos tribunais?"

Alguns dos seus melhores gracejos deste genero alvejaram os maus poetas, ou os poetas de quem êle não gostava:

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nénias recita;
Ao riso ninguem resiste;
E o vate funério grita:
"Não riam, que é coisa triste!"

CORIDON

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus!
Tremo disso.

CORIDON

E porque tremes?

ELMANO

Porque podes lêr-me os teus.

Comparavel a Bocage, senão superior ás vezes, sem duvida que só ha o seu contemporáneo, rival e por fim amigo Curvo Semedo. Alguns dos epigramas deste poeta são verdadeiros modelos do género, pela naturalidade da elocução, pelo apuro da forma, pela agudeza dos conceitos e pela graça irresistível do humorismo:

O medico é sempre um cego,
Que tem na mão um cajado:
Para exercer seu emprego
E' pelo enfermo chamado.
Lutando o vê co' a moléstia,
Quer a contenda pôr termo.
Ergue o pau, dá sem detença;
Mata, se acerta no enfermo,
Cura, se esmaga a doença.

Tambem este implicava com os médicos. Implicância fingida, como a de Bocage. Esses poetas aprenderam dos autores franceses a receita do genero. Provam-no as muitas traduções que fizeram e o ar de semelhança que ha entre a sua maneira e a daquêles. Com a cousa importaram os temas em moda entre os epigramatistas de alem-Pirineus, — que aliás, por sua vez, os importaram em grande parte dos antigos, — os médicos, os poetas bisonhos, a gente do fôro, as mulheres, os pedantes.

Mas recordemos ainda alguns epigramas de Semedo:

Se os meus versos me compraste
E bem dêles não falaste,
Não me agravas, são favores;
Que mais prezo o teu dinheiro
Do que estimo os teus louvores.

Remeda ao parvo Olivedo
Teu primo, e dizem que mal;
Porém, aqui em segredo,
Eu nunca vi arremedo
Que fosse tão natural.

Se maus e bons atassalhas,
Se tudo a eito laceras
Nas chôchas trovas que espalhas,
De quem louvores esperas?
Repara que todo aquêle,
Que louvar-te se proponha
Vai aplaudir sem vergonha
O mal que tens dito dêle.

P — Quanto eu dera, se a paixão
Que sinto por Jonia bela,
Findasse em meu coração!
R — Desse mal, que te flagela,
Tens o remedio na mão.
P — E qual é?
R — Casar com ela,

Finalmente, esta quadrinha consagrada a Filinto Elíseo e á sua tradução dos "Martires do Cristianismo":

Quando os "Martires" eu li
De Filinto na versão,
Tive dó, por ver que o eram
Outrà vez em sua mão.

*

Afinal, aconteceu ao epigrama, em Portugal, o que lhe aconteceu em França: essa brincadeira deixou de ser tomada a sério. Ficou entregue a raros poetas humorísticos, que ainda assim não curaram de lhe manter as proporções nem o boleio antigo. Hoje, rimam-se facécias nos cafés e nos jornais, e manda a

justiça que se lhes reconheça ao menos uma bôa percentagem de bem feitas, finas e espirituosas. A graça democratisou-se. Entre essas facécias podem destacar-se muitas que sejam verdadeiros epigramas — por acaso.

Do madrigal, desde muito se tem falado na literatura luso-brasileira. Tem sido crivado de referencias depreciativas e zombadoras. Entretanto, o madrigal é quasi um mito.

O Conde de Monsaraz escreveu de uma feita os seguintes versos:

Detesto cordialmente os madrigais,
Que são, minha senhora,
Hipócritas, antigos e banais.
Não é, portanto, um madrigal dos tais
O que dirijo agora,
Curvado á flor de petalas reis.

Realmente, não é um madrigal dos "tais": é um madrigal evoluido, isto é, um poema pequeno com as mesmas intenções galanteadoras dos outros, mas sem a sua concisão e engenhosidade.

Mas porque os antigos madrigais seriam todos hipocritas, e os de hoje não? Mistério.

Desses madrigais evoluidos poderia compôr um lindo ramalhete, de certo, quem se desse o afanoso trabalho de percorrer uma a uma as obras da nossa copiosa poesia. Seriam deliciosas cousas, seriam mesmo deliciosos madrigais, mas não "dos tais", dos antigos. Destes, havia de ser muito difícil apurar-se quantidade que désse para um feixe escolhido e ma-

tizado. O madrigal clássico é rarissimo. Só depois que se começou a embirrar com êle é que os poetas deram de madrigalizar á vontade...

Os melhores exemplares antigos se encontram ainda, talvez, entre os de Semedo: breves, polidos e encantadores como pequenas joias de oiro velho. Dizei se vos parecem banais:

Soltai mais doce voz, aves saudosas;
Brotai novo matiz, prados florentes;
Dobrai as sombras, árvores frondosas;
Mais fragrancia exalai, flores virentes;
Que depois de uma ausência dilatada
Torna a ver-vos Marilia, meus amores;
Porém se virdes a cruel mudada
A novo amante conceder favores,
Em paga lhe negai desta inconstancia
Melodia, prazer, sombra, fragrancia,
— Aves, campinas arvoredos, flores.

Favónios lisonjeiros
Que espalhais meus suspiros nestes vales,
Voai, voai ligeiros
E á diva Jónia referi meus males.
Contai-lhe as crebras dores
Que excitam na minha alma seus rigores:
Mas ah! triste de mim! vós iludidos
Levais ás broncas penhas meus gemidos!
Reparai que o meu bem, Jónia inclemente,
De pedra não é toda, tem de pedra
O coração somente.

ARVORES E POETAS (*)

Quando me pediram que vos viesse aborrecer por um instante com a minha prosa, accedi por amor dos pobres. Eu sabia que a vossa filantropia era capaz de todos os sacrificios. Mas de que vos falaria? "Fale sôbre as árvores", insinuaram. Recusei-me, terminantemente, a essa ginástica perigosa... Preferi falar-vos acêrca das árvores, simplesmente, e ligeiramente. O assunto era facil de se abordar numa palestra sem responsabilidades, e mais do que qualquer outro se prestava a ser tratado — pela rama.

Não vos assusteis. Poupar-vos hei a pena de uma digressão através dos factos, das coisas, dos conceitos e das reminiscências que essa palavra evoca: a árvore do Bem e do Mal, a das patacas, a genealógica, a do Natal; as várias árvores que são do domínio da química, como a de Saturno, ou da mecánica, como a de Transmissão, ou da anatomia, como a da Vida, ou da filosofia, como a de Porfiro; os mil influxos e reflexos

(*) Palestra proferida em S. Paulo, em 1914, e no Rio, em 1915.

da árvore na Arte, na Sciência, na Legislação, na Lenda, na História, no Folclore, nos costumes, na Linguagem — o que me obrigaria a uma repetição fastidiosa de tudo quanto a respeito se encontra nos dicionários, abreviadamente e metodicamente disposto. Nem vos falarei das árvores célebres, ligadas a factos e figuras memoráveis, como os cedros do Libano, as oliveiras de Getsemani, a figueira de Judas, o salgueiro de Musset, o loureiro de Vergílio, a nosso árvore das Lágrimas... Mas, aqui, já haveria materia para um fantasista de talento dizer-vos coisas encantadoras.

Os cedros do Libano, de evocativa memória, andam associados aos devaneios poéticos de Salomão, ao lirismo ardente e imaginoso do "Cantico dos Canticos" e á lenta e melancólica magia da velha paisagem oriental, como nós a figuramos. As oliveiras de Getsemani derramaram a sua sombra sobre a tristeza de Jesús... E, só por isso, quanta doçura, quanta poesia não envolve, em nosso espírito, a imagem dessas oliveiras, que não difere muito, de certo, da das outras oliveiras, nem mesmo das outras árvores!

Jesús, o mago sem par, comunicou o seu suave prestígio a tudo quanto tocou, de leve que fosse. Teve com aquelas oliveiras o contacto mais fugitivo e mais etéreo que era possivel: misturou a sua sombra com a delas; e deixou para sempre a ondular com as ramas, como um reflexo de luar longinquo, um pouco daquele halo que lhe resplandecia em torno da fronte humilde. Ainda existem oliveiras em Getsemani; mas as de hoje não são, naturalmente, senão as sucessoras

das contemporaneas de Cristo. Qual de vós, entretanto, não sentiria uma profunda e perturbadora emoção, se pudésse por um momento vaguear por sob as frondes desse velho povo mudo, em cujo seio, há cerca de dois mil anos, passou esse homem que era brando como uma sombra?...

Mas, para que vos comovesseis, nem seria preciso tanto. Bastaria que pudesseis ter nas mãos, sem sairdes daqui, um ramúsculo colhido naquele bosque. O actual salgueiro de Musset — e Musset foi apenas um poeta — parece que já não é o mesmo salgueiro que lhe plantaram ao pé do túmulo, pouco depois da sua morte, em cumprimento daquele voto famoso:

Mes chers amis, quand je mourrai,
Plantez un saule au cimetiére;
J'aime son feuillage éploré;
Sa paleur m'en est douce et chére,
Et son ombre sera legére
A la terre oú je dormirai.

Todavia, o salgueiro que lá se encontra no cemitério do "Pere Lachaise", ensombrando o jazigo de Musset, estaria completamente despojado dos seus ramos, se o não protejessem contra os assaltos dos devotos do poeta. Quanto a mim, possuo um raminho sêco dessa árvore sagrada, e não o cederia a ninguem por coisa alguma, ainda que não fosse uma querida lembrança de amigo. Quando o vejo, sinto-me em presença de uma partícula tangível do poeta das "Noites", de um pedaço do seu ser profundo e vário.

E isto é tanto mais espontaneo quanto, na verdade, os poetas se parecem muito com as árvores, com certas árvores ao menos — as que não dão fruto comestível, como os salgueiros...

*

Em que é que os poetas se parecem com as árvores? Em varias coisas...

Antes de tudo, o poeta está em contacto com o mundo material apenas pela parte inferior e comum da sua individualidade, apenas o suficiente para não cair sucumbido, para se manter de pé e desenvolver amplamente a porção alta e bela do seu ser. Já aqui se nos desenha a vaga silhueta de uma árvore, com o seu tronco firmado na garra das raizes ocultas, a abrir-se, lá em cima, na opulencia da fronde.

Mas a similitude continua, e precisa-se. A posição erecta da árvore, a fuga das linhas para o alto corresponde á attitude permanente de prece e de êxtase que caracteriza o espírito do poeta, o sonhador para quem o romance, o drama, a pintura, os caricaturistas criaram o tipo universal de um lunático esgalgado, de gestos sonambulicos, de face voltada para o ceu. A fronde, intricada, versuda, móbil e misteriosa, retrata o que ha de contraditório, de flutuante, de obscuro, e, apesar de tudo, de profundo, de insubstituível e de delicioso na imaginação ondeante e na ideação frondosa do poeta. Da copa das árvores, ao

menor sopro de vento, desprende-se um sussurro — sombra de vozes, ronda de sons indistintos movendo-se na escuridão acústica, o silêncio; da alma do poeta, através dos seus escritos, como o resumo final da sua obra, qualquer que ela seja, evola-se a impressão dorida de um mundo de sonhos e tristezas recônditas que não foram formuladas — e este sussurro perene faz talvez o melhor de todo o encanto melancólico, sutil e embalador da poesia.

No Brasil, o símile ainda tem este complemento — que os poetas, por aqui... vegetam.

Se exceptuarmos alguns dentre os definitivamente consagrados... Mas não exceptuemos ninguem. Nem Bilac, nem Alberto de Oliveira, nem Vicente de Carvalho, nem Raimundo, nem Luís Delfino viveram jamais da sua arte — a sua glória e o seu fardo. Não fosse cada um dêles — note-se bem, cada um dêles, e são quasi meia dúzia de nomes — além de admirável poeta, um grande laborioso, um exemplo de capacidade de trabalho aplicada ás coisas positivas da vida, e talvez não tivessemos hoje ao alcance da mão, em nossa casa, essas fontes económicas de sonho e de prazer espíritual, que são os seus livros. Árvores fortes, cravaram fundo as suas raizes na terra, e, realizando em certo sentido a imagem do poeta portugkuês Correia de Oliveira,

recebem sol pela rama,
espalham sombra no chão...

O que não impede que sejam olhados com certo desdem pelos "homens do trabalho" — isto é, por aquêles que não fazem versos, não fazem arte, não fazem coisa alguma que se pareça com uma brincadeira de vadios, mas, tambem, em compensação, muitas vezes, não fazem mais nada...

Increpa-se-lhes como um crime o não produzirem fruto. Estranha mania, esta de se exigir que todas as árvores sejam frutíferas! Imaginai, senhoras, que amanhan se vos impõe o arrazamento dos vossos jardins, para se substituirem as vossas casuarinas esveltas, as vossas magnólias de grandes flores alvas, os vossos resedás festivais por abacateiros, abios e caquis. Tambem estas árvores podem ser belas; mas não são as mesmas; e vós achais que nada conseguirá substiuir o encanto daquelas frondes inúteis... A verdade é que, como já alguem o disse, — não ha nada tão necessário, neste mundo, como o supérfluo...

Por mim, confesso-vos que voto especial simpatia ás árvores improdutivas—sem de nenhum modo querer desfazer nas outras... — e compreendo o gesto de d. João de Castro, o guerreiro valoroso e estadista de pulso, que da sua Quinta da Penha Verde, em Sintra, mandou arrancar todas as árvores de fruto e substitui-las por árvores rudes do mato. Quem no-lo atesta é o seu biografo Jacinto Freire:

Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores que produziam fruto, e plantando em seu lugar

arvoredos sylvestres, e estereis; quiçá mostrando, que seria tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga de beneficio: mas que muito, fizesse pouco caso do que podiam produzir os penedos de Sintra, quem soube pisar com desprezo os rubis, e diamantes do Oriente!

"Poetas são tudo flores, pollo fruyto não espereis" — já sentenciava a veneranda "Comédia de Bristo", ha séculos. De onde se collige que a grave censura, tão convictamente repetida por tantos contemporaneos nossos, nem sequer tem o mérito da novidade.

A antiguidade clássica nutria sentimentos mais justos e mais nobres acêrca da poesia, como acêrca de outras coisas. O mundo, depois que se criou a religião da Sciência, parece que já não tem tanto juizo... E' que a religião da Sciência, sendo para os sacerdotes capazes de lhe compreenderem a grandeza um manancial perene de emoção superior e de idealidade, ligado aos domínios da poesia, para a maioria dos fieis se converte no simples culto do pedantismo. Por isso é que, mais prolíficos do que as acácias, de onde lhes vem o nome, mas não vem nada que se assemelhe com a doce e tranquila simplicidade dessa árvore formosa, tantos "acácios" vivem por aí vertendo perfidamente o veneno mortífero da sua sabença na corola de todas as flores da vida...

*

Sendo tão parecidos com as árvores, não admira que os poetas lhes dediquem tão grande amôr. Uma

questão de afinidades profundas. E é talvez por isso que os poetas nos dão impressões tão "verdadeiras" acêrca das árvores, como acêrca da natureza, como — quem sabe? — de tudo o mais... Não vos escandalizeis.

Para o botanico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: — reduz-se tudo a um esquema. O botanico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reproducção, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importancia do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce á sombra ou a trepadeira desprezivel e teimosa que lhe enrosca os sarmentos colubrinos pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista a árvore é um bem de raiz, um objecto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra — são propriedades particulares, ou terras devolutas. E ha muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: — "Quanta lenha!..."

O poeta é mais completo. Êle vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o angulo antropomórfico: encara-a de pontos de vista comuns á humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na

sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontaneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção "humana", directa e viva da árvore, — pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

Demais, aos passo que o scientista isola o objeto do seu estudo, o poeta o contempla no seu ambiente, de que a árvore lhe é inseparável, — e o jogo de luz e sombra na fronde, o bulir do vento entre os ramos, os pássaros que a sonorizam, os insectos que lhe faiscam em roda, o orvalho que a perleja, as parasitárias que lhe crescem agarradas á casca, tudo isso forma uma emaranhada combinação de imagens que se fundem indissoluvelmente no concepto poético da árvore. O isolamento é um processo puramente intelectual, é uma violência do espírito raciocinante. O poeta, sentindo a árvore no seu meio, sem lhe precisar, antes pelo contrario, diluindo-lhe e esfumando-lhe os contornos da individualidade, parece querer significar que a natureza é uma só, que a grande realidade é o todo, que os seres se ligam inseparavelmente numa continuidade sem quebra: fugindo da exactidão, aproxima-se de uma verdade superior.

Escutemos a Alberto de Oliveira:

Entre verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil varios cipós de espiras infinitas,
Mil orquideas em flor, mil flores, — sobranceira,

Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,
C'roada do ouro do sol, aos ventos sacudindo
A gloriosa cimeira;

A árvore, abrindo o pouso á aguia real, sorria.
Dez leguas em redor o bosque inteiro via,
E os campos longe, e o vale e os montes longe, tudo:
Nuvens cortando o ar, e passaros cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esfera radiando,
Como fulgente escudo.

Ampli-ondeante a rainha o manto seu na altura
Abria. Coube ao tempo a rigida armadura
Vestir-lhe. A intacta fronte, era um cocar guerreiro
Que a cingia, e o tufão que o diga se era forte,
Quando o intentou dobrar; que o diga o irado norte
Com o seu tropel inteiro.

Passaram sem feri-la esbravejando ás soltas,
Ventos e temporais; e das nuvens revôltas
Alumiou-a, á luz do raio, a tempestade;
Mas, chegando a manhan, lá estava, altiva e bela,
Incólume, a cantar, zombando da procela,
A ária da liberdade.

Aí temos o poeta a pintar-nos uma árvore-tipo, uma árvore-simbolo, sob o aspecto da beleza plástica, com todos os elementos que se agregam á sua visão — os cipós, as orquídeas, o ouro do sol, o vale, os montes, as nuvens, — e com o que ella evoca de ideias de força, de majestade, de bravura, de vitalidade gigantesca, de júbilo selvagem.

Vejamos agora como Olavo Bilac nos desenha a largos traços umas árvores velhas, pondo em relevo o sentimento de ternura que ellas lhe despertavam, através da impressão de uma ancianidade jovial e

bemfazeja. Trata-se de um soneto muito conhecido, mas que nem por isso deixa de ser encantador. Os bons versos assemelham-se ás águas correntes, têm a cada hora a sua graça especial, conforme a atmosfera de sensibilidade que nos envolve, conforme o ceu...

Olha estas velhas árvores, mais belas
do que as árvores novas, mais amigas;
tanto mais belas quanto mais antigas,
vencedoras da idade e das procelas.

O homem, a fera e o insecto á sombra delas
vivem, livres de fomes e fadigas;
e em seus galhos abrigam-se as cantigas
e os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade.
Envelheçamos rindo, envelheçamos
como as árvores fortes envelhecem;

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os passaros nos ramos,
dando sombra e consolo aos que padecem.

Estas coisas tão doces e tão belas, que os poetas descobrem nas árvores, lhes vêm todas naturalmente, como a água das fontes. E todos as sentimos com êles. Esta "naturalidade" é a verdade que os poetas põem em relevo, e só êles a põem. A descrição scientífica das árvores nada nos diz da música indecisa dos seus ramos, da harmonia cromática das suas comas, dos sentimentos que transbordam de nossa alma e, derramando-se pela natureza, animando todas as coisas, marulham nas vagas verdes das frondes. E

tudo isso não são verdades? São, e são as que nos interessam primeiro, e são as que, a respeito de árvores, fundamente interessam á maioria dos homens.

Quem ainda não experimentou uma doce tristeza, uma suave saudade, ou uma branda pacificação descer-lhe, como uma sombra tranquila, de uma ramagem protectora? Quem não sentiu ainda, mais ou menos, tudo quanto Juvenal Galeno, tão simples e tão sincero, nos diz nestas estrofes de um sabor de trovas populares?

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr,
A' sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhando somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr.

. . . . . .

Crescente... Se eu te faltasse,
Que de ti seria, irmão?
Afogado nestes matos,
Morto a sêde no verão...
Tu' que foste sempre enfermo,
Aqui neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino,
Que de ti seria, irmão?

Crescemos... crescemos ambos,
Nossa amizade tambem;
Eras tú o meu enlevo,
O meu afecto, o teu bem;
Se tú sofrias... eu, triste,

Chorava como... ninguem!
Cajueiro pequenino,
Por mim sofrias tambem!

Quando em casa me batiam,
Contava-te o meu penar;
Tú calado me escutavas,
Pois não podias falar;
Mas, no teu semblante amigo
Mostravas grande pesar,
Cajueiro pequenino,
Nas horas do meu penar.

. . . . . .

Agora volto, e te encontro
Carregadinho de flôr!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito mato ao redor...
Coitadinho, não cresceste
Por falta do meu amôr,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr!

A palmeira não é bem uma árvore, ou pelo menos não é uma árvore como as outras, assim como Afonso Arinos não é, no sentido restrito, um poeta... Mas, a palmeira fica tão bem entre as árvores, pela sua estatura, pelo seu caule erecto, pela sua ramada, e Afonso Arinos fica tão bem entre os poetas pela sensibilidade e pela imaginação que embebem tantos trechos da sua prosa, que não me furto a citar-vos aqui esse belo poemeto do "Buriti perdido", onde se vê que as sugestões das frondes podem projectar-se até á região dos sentimentos e das ideias mais elevadas:

BURITI PERDIDO

Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de majestade e de tristura não exprimes, venerável epónimo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencório, onde tremeluzem ás vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tú te ergues altaneira, levantando aos ceus as palmas tesas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tú me apareces como o poema vivo de uma raça quasi extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tribus, como o hino glorioso dos seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além!

Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cego da *Ilíada* comovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Atalaia grandioso dos campos e das matas — junto de ti pasce o touro selvagem e as potrancas ligeiras, que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagôas longinquas em demanda de outras mais quietas e solitarias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e majestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, rodomoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambores de guerra.

O corsel lobuno, pastor da tropilha, á sombra da tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fora da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, mitre com força apelidando a favorita da tropilha, que morde o capim mimoso da margem da lagôa.

Junto de ti, á noite, quando os outros animais dormem, passa o cangussú em montaria; quando volta, a carne da prêa lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem juto de ti, há dois séculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupi, escravo dos de Piratininga, parou então estático diante da velha palmeira e relembrou os tem-

pos de sua independencia, quando as tribus nomadas vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evoé!

Gerações e gerações passarão ainda, antes que seque esse tronco pardo e escamoso.

A terra que te circunda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó oponimo, e o conservarão.

Se algum dia a civilisação ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sóco, velho Buritî Perdido, como os hoplitas athenienses cativos de Siracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tú impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando teu direito á vida com a poesia selvagem e dolorida que tú sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extintas, uma pagina sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

Eu poderia ainda ler-vos um outro lindo trecho de prosa, um outro poemeto, uma férvida ode dirigida por Medeiros e Albuquerque á esbelta e solitária palmeira, símbolo da altivez. Temo, porém, alongar demasiado esta palestra. E' tão facil que uma conversa a respeito de vegetais se torne "paulificante"...

Aliás, poderia citar-vos muita coisa bela, sem sair do Brasil, acêrca das palmeiras. Quantos poetas e quantos prosadores se têm impressionado com a singular elegancia dessa fidalga do mundo vegetal! José Bonifacio, o velho, que nas horas vagas dos seus trabalhos ciclópicos, em que forjou uma naciona-

lidade e esculpiu instituições, não se dedignava de cultivar sonhos de poeta, vaticinava para a Pátria amada esta glória:

Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topes da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brasil bem fadado.

Depois do Patriarca eu citar-vos hia, a começar pelo cantor da "Canção do Exílio" e a terminar de novo em Alberto de Oliveira, um punhado de artistas da prosa e do verso. Mas, o melhor seria o fecho, — as sonoras estrofes do poeta contemporaneo:

Ser palmeira! Existir num píncaro azulado,
Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando;
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando;

Só do meu cimo, só do meu trono, os rumores
Do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol,
E no azul dialogar com o espírito das flores,
Que invisível ascende e vai falar ao sol;

Sentir romper do vale e aos meus pés, rumorosas,
Dilatar-se e cantar a alma sonora e quente.
Das árvores, que em flor abre a manhã cheirosa,
Dos rios, onde luz todo o esplendor do Oriente;

E juntando a essa voz o glorioso murmurio
Da minha fronde, e abrindo ao largo espaço os veus,
Ir com ela através do horizonte purpureo
E penetrar nos ceus...

Mas nem só as palmeiras têm estimulado a imaginação dos nossos homens de letras. As mil formosas

árvores da nossa terra se têm reflectido, como na superfície enrugada dos rios, tremulamente, na água clara de mil estrofes e de mil trechos de prosa.

Coelho Neto, Bilac, Murat, Vicente de Carvalho, Emílio de Menezes, Graça Aranha, Euclides da Cunha, Júlio Ribeiro, Afonso Celso, Augusto de Lima e mais uma multidão de contemporaneos nossos têm-nos transmitido, cada um a seu modo, mas belamente, em prosa e em verso, as sensações e as emoções bebidas no espectáculo formidável da nossa Flora. Bôa parte das gerações mais recentes — Mário Pederneiras, Humberto de Campos, João do Norte, Olegário Mariano, Hermes Fontes — têm sorvido inspiração a largos haustos no seio da nossa natureza. A propósito, ouvi estes correntios e claros versos de Olegário Mariano:

ÁRVORE VELHA

Meio dia. Vasio o espaço de asas. Ermo,
O mato cheira, e o vento amaina. E' a sesta.
Paira um silencio doloroso e enfermo
Sobre as arcadas brutas da floresta.

Ha tons de oiro perdidos pelo espaço;
Oiro do sol que ora aparece, ora se esconde,
Cingindo em forte e volutuoso abraço
Aquelas verdes catedrais de fronde.

Na exuberancia dos vergeis floridos
O sangue do verão palpita aceso.
Os ramos sagitais vergam ao peso
De roseos frutos amadurecidos.

Mas o que prende o olhar panteista é aquela
Árvore que ali está, velha e pendida.
O seu vulto de espectro me revela
Um profundo desprezo pela vida.

Com que maguado encanto e com que anseio
Ela olha o verde que em redor cintila.
Ela tão velha! e o mato assim tão cheio
De sol, de flores e de clorofila!

Perdeu na vida as ilusões mais belas,
Quando, tontas de luz, desabrochavam...
E um dia ela sentiu que lhe arrancavam
As derradeiras folhas amarelas.

Era o vento do sul, vento inclemente,
Que, atroz demolidor, lançando pragas,
Como senhor feudal daquelas plagas,
Vergastava-lhe o corpo de doente.

Hoje está quasi morta. Pelo dorso
Que parece encrespar-se de ansiedade,
Sobe, tentando um derradeiro esforço,
Um resto de energia e mocidade.

Mas volta o desalento, e a árvore velha
Dos namorados protectora e amiga,
Parece que medita e que se ajoelha
Sob a forma ogival da sombra antiga.

E fica ali parada, absorta, quieta,
Numa meditação desoladora,
Lentamente evocando, como um poeta,
As glórias que tivera e o que já fôra.

Pensa no turbilhão da vida intensa,
Num canto de cigarra preferida.
Pensa no sol... e assim, quanto mais pensa,
Mais tem desejo de pensar na Vida...

Árvore velha! Hoje que estás nessa hora extrema,
Que não dás fruto mais nem te renovas,
Vibra em teu vulto carcomido um poema
Que eu não sinto vibrar nessas árvores novas.

Para os teus desprezíveis desafectos
Tens a grande afeição dos que te amaram...
Morres pobre, porém, deixas para teus netos
Essa glória ancestral que os teus avós deixaram.

Não é, pois, verdade, por muito que se diga o contrario, que os escritores brasileiros desconheçam e desdenhem o scenário estupendo que os rodeia.

E é interessante observar que os primeiros protestos ouvidos no país contra a selvagem destruição das matas, partiram talvez dos nossos poetas. Hoje ensina-se nas escolas o respeito e o amor das árvores. Ha meio século seria ridículo pensar nessa novidade educativa. Mas Araujo Porto Alegre, por volta de 1860, clamava, num poema, toda a sua indignação contra o barbaro massacre. De Castro Alves todos vós conheceis "A Queimada"...

A destruição das árvores — crime que no Brasil tão assustadoras proporções tomou e que a natureza tão duramente castiga, não teria, pois, chegado a tal exagero, se os "homens práticos", fugindo com horror ao **sentimentalismo** e á **parolagem** dos poetas, não fossem, quase sempre, tão pouco práticos. O seu primeiro cuidado, na vida, é arrancar de dentro de si, como uma herva daninha, tudo que é sentimento **poético.** Ora, o sentimento poético é das forças mais espontaneas e mais profundas da organização huma-

na, e amputá-la é inutilizar uma porção de nós mesmos, e logo uma porção do que temos de mais nobre, mais belo, mais consolador e, direi mesmo, mais fecundo — aquilo que espiritualiza as tendências egocêntricas, que nos põe em comunhão com a humanidade de todos os tempos, que nos coloca dentro da natureza e nos faz viver um pouco a vida de todos os seres, alargando-nos a visão do mundo, rectificando-nos, para nosso proveito próprio, as sugestões exclusivistas do egoismo.

Se os homens práticos não vissem nas árvores senão lenha, madeira e obstáculos á posse e á exploração da terra, e lhes vissem tambem a beleza, e sobretudo as amassem, não teriamos chegado a este excesso de desarborização que hoje nos ameaça com desastrosos efeitos sôbre o clima, sôbre a meteorologia, sôbre a agricultura, sôbre a nossa saúde e a nossa vida económica.

Ha no interior de S. Paulo muita fazenda onde não se conserva sequer um pequeno arvoredo para recreio das horas vagas e para regalo da vista; muita fazenda onde, á míngua de combustível, se alimentam os fogões com a "palha" de café que devia voltar á lavoura como fertilizante! Mas... que querem? Quando Alberto de Oliveira criava a sua "Árvore", quanta gente não sentiria por ela o frio desdem que merece um vegetal que não dá fruto nem lenha...

Em todo caso, ouçamos ainda um trecho desse admirável poema, um dos mais belos poemas que têm

brotado debaixo deste céu — o trecho que descreve a derrubada:

Entrara a selva um dia um homem. Sopesava
Tersa afiada segure. Em torno a vista crava,
A árvore vê. Levanta o truculento olhar.
Toma-lhe a altura enorme aos ramos, a espessura
Ao tronco. E o ferro, audaz, de sólida armadura,
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento
De novo no ar alteia o tétrico instrumento,
E sôa o golpe. Ainda um ramo nem sequer
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo
Da corcha. P'ra fendê-la, ao braço heroico e rude
Mais esforço é mister.

Pois novo esforço. Gira a arma assassina ao pulso
E lá vai, lá bateu, que é força entrar. Convulso
O homem de novo ás mãos sacode-a. Inda outra vez
Sacode-a. O aço lampeja, e do cortante gume
A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume
No madeiro, talvez...

Mais outro esforço. No ar, como mandrão guerreiro,
Zune o ferro, e feriu precipite, certeiro:
A casca espicaçou-se em laminas subtis...
Correu longo tremor o caule informe, erguido,
E, subterraneo, ouviu-se o eco de um gemido
Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas lascas vôa
Picada a casca, e da arma ao rude embate ecôa
A solidão. Pergunta espavorida a flor
A' ave:—Que voz é esta?—E o tigre, a furna entrando:
De onde parte este grito? E os rufos leões, parando:
— Quem faz este rumor?

E é da ruina estupenda o lugubre alarido
De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido.
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céus, escuta aquelle excidio hediondo
E crime sem igual!

A grande árvore cái! A ramaria forte
Treme em cima, dansando uma dansa de morte.
Rompeu-lhe o alburgo agora e vae-lhe ao coração
O atro golpe. Uma a uma as fibras rangem; fala,
Ringe, arqueja o madeiro, e pouco a pouco estala,
A mortal vibração.

A grande árvore cái! Já se lhe inclina e verga
A fronde, e aos pés, a gruta, — o seu sepulcro, enxerga!
Astros, sol, amplidão, esferas de ouro, céus,
Nuvens, sopros do mar, e passaros da aurora:
A grande árvore cái! mandai-lhe o pranto agora
O vosso ultimo adeus!

A grande árvore cái! Como entre o firmamento
E o mar alto, a viajar, um grande mastro ao vento
Oscila: oscila assim seu corpo imerso no ar.
Elos, cirros, cipós, que o segurais, deixai-o!
Rompeu-se-lhe a medula, e já rechina o raio...
Não o ouvis estalar?!

A grande árvore cái! Com os ramos seus robustos
Ide envoltos na quéda, ó vós que a amais, arbustos;
Segui-a ao sono extremo, ó corvos, vós que a amais!
Ouvi! cede-lhe o cerne ao ferro que o retalha...
Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,
Florestas tropicais!

E caíu! rudemente e com ela rodaram
Ruindo os cedros na gruta, e os montes estrondearam...
Rasgou-se ao bosque o tecto, a tunica se abriu;

E a ave e o reptil e o insecto e o proprio homem transido
De horror, tudo fugiu de pronto, espavorido,
Quando a árvore caíu!

E da ruina estupenda o lugubre alarido
Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céus, tremeu áquele excídio hediondo
E crime sem igual!

*

Amêmos as árvores, senhoras e senhores. Amêmo-las pelo que elas segredam a cada um de nós; pela sua beleza; pela sombra benigna que nos vertem; pelo balanço nostálgico de ramos que alguma delas deixou pairando em nossas reminiscências, desde um certo período da nossa infancia, uma certa hora de nossa mocidade, um instante amargo ou feliz da nossa vida.

Amêmo-las como filhos de uma terra que tem na abundancia e na opulência dos grandes vegetais um dos atractivos de sua paisagem e um dos reservatórios insondáveis da sua seiva.

Amêmo-las como homens pela sôma incalculável de benefícios que lhes devemos, pelos infinitos laços que associam a sua vida e o seu destino á vida e ao destino da humanidade.

Quando os nossos avós primitivos, ainda envoltos na animalidade brutesca, procuraram o remanso das águas para sôbre êle edificarem o seu miserável

tugúrio, pediram ás árvores o apoio das palafitas e a protecção dos primeiros tetos. Depois, romperam o seio dos rios, dos lagos e dos mares em leves embarcações feitas de um só tronco, que a pouco e pouco se foram avolumando até representar cada uma dêlas uma floresta. Entrou-se desde cêdo a fazer tudo das árvores: os seus galhos arrancados se converteram nas primeiras armas de estrago e de morte entre o homem e a féra, entre o homem e o homem; do seu lenho se construiram moradas, charruas para o amanho do sólo, jugos para os bois, palissadas para a guerra, berços para as criancinhas, instrumentos de suplício... Com a sua ramada se improvisaram cabanas, se ornamentaram solenidades. As suas flores não tardaram em perfumar os primeiros sonhos e em ajustar-se ás primeiras expressões dos afectos; os seus frutos silvestres começaram logo a saciar fomes errantes, os seus frutos selectos a mimosear apetites sedentários. A' sua sombra se erigiram os primeiros altares e subiram para o espaço, timoratos, os primeiros vôos tontos da prece.

O transcorrer dos tempos não fez senão aumentar o entrelaçamento das árvores com os homens. Quantas culturas, quantas indústrias, quantos milhões de artefactos, quantas construções, quantas obras de arte, que infinitas aplicações saíram dos seus flancos! Tambem dos seus flancos saíram lendas e mitos, deuses e numes, teorias de ninfas, rondas de sátiros e faunos, cardumes de elfos, gnomos e fadas, e bichos fantásticos e monstros fabulosos.

Todas as mitologias se enchem de sussurros de frondes, principalmente a mais bela de todas, a helênica, onde a cada um dos deuses corresponde uma espécie, e ao Olimpo toda uma Flora. Todas as religiões tem tirado alguma coisa da Arvore, todas tem despojado as árvores para os seus templos, para as suas imagens, para os seus altares, para as cerimónias do seu culto. Em todo o mundo, desde remota antiguidade, as árvores estendem o seu manto víride e múrmuro sôbre o derradeiro sono dos homens, consolando-os do horror da sánie com a promessa de uma transubstanciação da nossa carne na massa cheirosa do seu lenho e no tecido sedoso das suas folhas.

Ao seu abrigo têm desabrochado milhões de amores, desenrolado milhões de dramas, florido e desfolhado milhões de sonhos, corrido rios de lágrimas e rios de sangue; tem meditado sábios, como Newton sob a sua macieira; poetas, como Pope sob a sua fáia; guerreiros, como Napoleão sob o salguenro de Santa Helena; apóstolos, como Anchieta, o evangelista das selvas; tem nascido filosofias como nos jardins de Académos; tem brotado instituições, como a assembléa do governo de Biscaia, que se congregava debaixo da copa do carvalho de Guernica; tem vivido povos, como os antigos gauleses, reunidos na veneração nacional do Carvalho; tem-se passado mistérios perturbadores, como a agonia de Jesús, na presciência divina e na dor humana do martírio próximo, sob as ramas altas do Horto.

Assim as árvores, ligadas ao despertar e aos

progressos da inteligência, tem fornecido a todas as línguas e ao folclore universal séries enormes de vocábulos e de metáforas, de denominações e patronícos, bastas provisões de provérbios e ditados, de adivinhas e fábulas, — sinais de ideias acumuladas, fontes de ideias em perpétua elaboração; mais do que isso, tem rasgado sulcos fundos na própria estrutura do nosso espírito, proporcionando-lhe alguns dos moldes onde o pensamento se côa e reveste as formas flagrantes das imagens sensíveis. A ramificação de um movimento, o tronco de uma raça, a raiz de uma palavra, o florecer de uma ideia, os frutos de uma doutrina, a semente da dúvida, e mil outras expressões correntes — tudo são abstrações que se corporificam maravilhosamente graças aos modelos metafóricos da árvore. As sínteses gráficas, que clarificam multidões confusas de factos no quadro estreito dos mapas e dos esquemas, buscaram decerto os seus métodos na disposição dos galhos em relação ao tronco, dos ramos em relação ao galhos, dos ramúsculos em relação aos ramos. E os próprios ideais de alta moralidade concebidos pelas almas de escolha buscam a cada passo as suas mais justas expressões figuradas na vida harmoniosa e fecunda das árvores fortes...

E pensemos agora na providencial colaboração que as árvores desempenham no mecanismo dos fenómenos naturais — a purificação da atmosfera, a regularização das chuvas, a distribuição da humidade, a formação do **humus**...

As árvores estão de tal forma associadas ao ho-

mem, que podemos dizer que por êle sugam da terra a seiva que as nutre, por êle as árvores vivem — e por êle as árvores sofrem, quietas, doces e bemfazejas, rumorejando aos ventos os mistérios da sua vida e as máguas da sua sorte...

Amêmos as árvores.

---

68 92

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

FLORES E ESPINHOS DA ARTE (*)

Perdoai-me, se vos não poupo o aborrecimento de ouvirdes ler uma simples e ligeira palestra, cujo mérito, ou cuja desculpa, estaria justamente em ser improvisada, como as verdadeiras palestras. Perdoai-me. Não sei falar de outro modo. Nunca fiz um discurso, jamais ocupei a atenção de uma sala, em simples conversa, por mais de três minutos seguidos.

O que me consola desta inferioridade é a bela companhia em que me encontro. Neste particular eu me pareço muito com Emilio Zola... O robusto constructor da história dos Rougon-Macquart tremia como um colegial, numa indizivel tortura, ante a perspectiva de uma circunstancia que lhe impuzesse a obrigação de fazer um simples brinde de mesa. Raimundo Corrêa era da mesma força em matéria de oratória.

E' certo que Alberto de Oliveira, o nosso alto poeta, se queixava da mesma falha, tambem se dizia incapaz de orar, e, entretanto, aqui no Centro de

(*) Palestra proferida em Campinas, em 1916, em sarau do Instituto de Sciencias, Letras e Artes.

Sciencias e Letras, ha bem pouco tempo, vos dirigiu, em tom de conversa, um lindo discurso. Fê-lo suavemente, porque poz de lado a preocupação de o fazer. E' que êle, palestrador admirável, que não raro fica só com a palavra e discorre por largo espaço, já era, na verdade, um bom orador — sem o saber. E' o caso clássico de Mr. Jourdain, que fazia prosa sem dar por isso.

Não é o meu caso. Eu, nem na conversa posso discorrer. E sou assim desde pequeno... Quando estudava preparatórios, era-me uma tortura a necessidade de falar no meio de dez ou quinze condiscípulos, na aula de Freire da Silva ou de Lapa Trancoso. O velho gramático, muito respeitável e muito bom, era contudo um pouco sêco; e o professor de história, terrivelmente zombeteiro, debaixo do seu perpétuo ar de aborrecimento e de moleza... Tinha a voz plangente e a fisionomia tristonha. De uma feita, estando a reger a cadeira de filosofia, um aluno impertigado e loquaz arriscou uma objecção:

— A ilustrada cadeira disse na lição passada isto e aquilo; agora, diz mais isto e mais aquilo; ora, parece-me que ha um equivoco por parte da ilustrada cadeira, — ou fui eu que não compreendi. Peço á ilustrada cadeira que se digne de esclarecer êste ponto.

Volveu Trancoso:

— O ilustrado banco é que está enganado; eu não disse tal na lição passada, nem o que eu disse agora é bem o que o ilustrado banco acaba de expôr. O ilustrado banco não compreende o que lê, nem o que

ouve. Por onde concluo que o ilustrado banco não é de pau, mas de pedra.

*

São sem conta os homens do mais alto valor intelectual que, dispondo mesmo de excepcionais faculdades de expressão, não conseguem entretanto ligar duas ideias sobre o mais trivial dos temas, diante de meia dúzia de pessôas atentas; — uns, porque não logram vencer a acção inibitória do medo, que represa e turba a corrente do raciocinio, quando o não imobiliza numa paralisia súbita; outros, porque realmente não dispõem da faculdade de improvização, e habituaram-se a ordenar as suas ideias com calma e vagar, — procurando a fórma através de reticencias, pausas, mastigadelas, repetições, se conversam; através de retoques e refazimentos sucessivos, se escrevem.

Certo, escritores ha e sempre houve que, notáveis no manejo da composição escrita, igualmente se notabilizaram pelo esplendor da improvisação oral. E' o caso de Lamartine, poeta, prosador e tribuno, grande encantador de almas sob qualquer dêsses aspectos. E', igualmente, o caso do nosso Coelho Neto, romancista, **conteur**, cronista, que é tambem extraordinário conversador e admirável orador. Ainda no Brasil, temos outro caso notável: o de Olavo Bilac, que, escandalosamente, acumula com as suas qualidades de poeta e prosador brilhante a qualidade suplementar de orador con-

sumado. Mas estas acumulações... não remuneradas são relativamente raras.

Em regra, os escritores, quando se vêm forçados a falar, ficam em talas. Não é mesmo difícil encontrar escritores que nunca fizeram um discurso, nem o toleram aos outros. Neste ponto os nossos parlamentares, na maioria, se parecem muito com êsses escritores...

Explica-se esta aversão dos homens da pena pela oratória. Mais do que as razões em que costumam fundar-se para justificá-la, vale para tal fim a diferença que existe entre a produção escrita e a produção tribunícia.

Essa diferença não é, de certo, radical: se olhamos as coisas por alto, ela consiste apenas em que o escritor se serve da pena e o orador se serve do seu aparelho fonador. Assim enunciada, a realidade parece muito simples: o que ha é apenas uma questão de instrumento. Mas, reflita-se um pouco, e ver-se ha que essa questão de instrumento altera completamente as condições da producção — e portanto o caso já não é tão simples.

Escrever "é um acto eminentemente reflectido"; orar é alguma coisa como — ceder a um impulso interior. O escritor, volteando a pena entre os dedos, vai arrumando as suas ideias dentro de um quadro previamente esboçado e vai vestindo essas ideias com mais ou menos vagar. Enfia-lhes a túnica de uma frase, e examina-a; pregueia, distende, arrepanha; corta, acrescenta; e se afinal não se satisfaz, ensaia outro figurino e outro tecido. Assim procede com cada uma

das suas ideias; depois de todas elas vestidas, brunidas, penteadas, postas em fila, passa-lhes ainda uma revista geral, observando o efeito de conjunto e provendo ao que lhe falta; finalmente... sobe o pano. Sobe, mas depois de ter o autor construido a obra linha a linha, palavra a palavra, observando-a e remirando-a em parte e no todo, quase como se ela não lhe pertencesse, em todo caso como uma coisa exterior, com existência própria. Muito diverso é o trabalho do orador, do orador que improvisa.

Este recebe o tema de que tem de ocupar-se, muitas vezes sem antecedência suficiente para gizar as linhas gerais do discurso; mesmo, porém, que haja essa antecedência e êle esboce o seu plano, raro se lhe cinge; uma vez começado o discurso, as ideias vão-se dando as mãos umas ás outras, vestindo-se de caminho como um transformista por trás dos bastidores, e precipitando-se para fóra, frequentemente numa direcção que o orador estava longe de prever e que êle não póde mais alterar. Assim, o seu trabalho, em vez de se ir objectivando diante dêle como uma construção que é sempre possível refazer e corrigir, desenvolve-se-lhe **em torno**, como uma torrente que o arrasta.

O escritor alheia-se da sua obra e encara-a de fora, como um estranho, á medida que a vai fazendo; o orador alheia-se de si mesmo e vive por um momento, paradoxalmente, a vida da sua obra, dentro dela, sem ter senão reflexamente, pelo aspecto dos ouvintes, a sensação confusa do que ela valha.

Assim, prontamente se reconhece como é difícil, como é terrivelmente difícil a preparação oratória, e se compreende porque é tão raro um discurso que satisfaça, quando ouvido, e mais raro ainda quando lido. Mas isso tambem explica o prestígio de que gosa a eloquência, a fascinação que ela exerce sôbre os espíritos. O verdadeiro orador, mais do que nenhum outro artista, dá-nos a impressão viva e arripiante de um **inspirado**, de um individuo que se transfigura e diviniza. A façanha enorme de pensar em voz alta, magnificamente, arrebatando as almas, faz-nos ver na sua ousadia uma intrepidez heroica e um soberbo vôo triunfal de espírito dominador...

E' por isso que tanta gente, em todos os tempos, se tem submetido a toda a sorte de sacrifícios para obter pelo esforço os dons que a natureza lhe negou, ou para aperfeiçoar os que ela lhe conferiu. Demóstenes, segundo é fama, não foi dos melhor aquinhoados: tanto fez, porém, que conseguiu tornar-se o orador formidável da **Oração da Corôa.** Levou muito tempo, para isso, a fazer discursos em pleno ermo, diante do mar, cujo ruido julgava que o habituaria ao tumulto das assembleias. Para corrigir certo vício de pronunciação, falava com umas pedrinhas na boca, — que o habilitaram a, mais tarde, na praça pública, investir com pedras na mão contra Filipe. Para corrigir defeito corporal que lhe afeiava a postura, pendurava dos ombros uma espada. Enfim, Demóstenes submeteu-se a uma disciplina férrea, e venceu.

O exemplo tem sido largamente aproveitado pelos que anhelam compartilhar da mesma glória. Em geral, porém, estes se preparam e ensaiam mais modestamente, dentro de casa, em chinelos, diante da mulher e dos filhos, ou simplesmente diante de cadeiras vazias. Alguns vão até ao jardim, ou ao quintal, e arengam convictamente aos génios hortícolas, — talvez na secreta esperança de que os preservem das batatas.

Era o que fazia um orador sagrado do tempo de Richelieu. O bom reverendo prégou certa vez um belo sermão diante de uma assistência de escol, no meio da qual se destacava a rubra silhueta do cardial. Este, felicitando-o, mostrou-se admirado da sua calma, e perguntou:

— Então, não lhe meteram medo as minhas vestes vermelhas?

— Não, respondeu tranquilamente o padre. Preparei êste discurso na minha horta, e no meio dos legumes havia um que era todo encarnado...

Apezar de todos os cuidados preparatórios, e mesmo quando chegou a triunfar, é quasi impossível ao orador, fallando de improviso, evitar certas falhas e aleijões, que podem passar despercebidos dos ouvintes, mas que afinal são uma realidade lamentável.

Quantos discursos encantadores, depois de fixados em letra de fôrma, se apresentam como mostrengos sem pés nem cabeça, inçados de lugares comuns, recheados de erros de facto e de ideias falsas, salpicados de ridicularias! Sem tempo para reflectir, o orador nem sempre pode ter mão em si que não confie demais

na sua memória, na sua inspiração, nos recursos da sua facúndia. O proprio entusiasmo, o fogo que o anima e lhe abre a torrente da palavra, sendo, portanto, a sua força, é sumamente perigoso, por fértil em traições, quando não ha atrás dêle uma sólida cultura, uma rica e variada erudição, velhos hábitos de cautela e de prudência.

Ainda assim... Todos os parlamentos, lugares onde o orador tem a cada passo de improvisar totalmente o discurso, ao sabor de incidentes que êle não podia prever, são grandes tributários da maledicência e da risota pública. Ha uma certa porção de asneiras que se pode dizer inevitável, nos debates parlamentares, ao menos para a grande maioria dos improvisadores.

Quase sempre, por muito estranhas que pareçam, explicam-se, e até se justificam.

Assim, a de um deputado belga citado por Albert Cim num livro muito curioso, a que me reportarei ainda. O nosso ilustre parlamentar, defendendo no congresso os interesses da pecuária, referia-se com grande animação á necessidade de se fomentar a criação de porcos, e reclamava certas medidas que lhe pareciam aptas a tal fim. No meio do seu entusiasmo, soltou esta frase: "Protegermos o porco, senhores, é protegermonos a nós mesmos!"

O que, afinal, podia ser a pura verdade. A afirmação podia ser tão legítima como estas outras, vulgares entre nós: — S. Paulo é o café; cuidar do café é cuidar de todo o Estado...

Como essa, muito explicável, embora de outro género, a **gaffe** cometida por um ministro da agricultura do mesmo país. Êste defendia, não o porco, mas o cavalo **brabançon,** cujo valor económico lhe parecia extraordinário. E asseverou com ministerial gravidade: "O cavalo **brabançon** será a **galinha dos ovos de ouro** da Bélgica."

Aqui, a origem do engano é visível: é a frase feita. A frase feita, por muito repetida, tende a perder, em nosso espírito, o sentido literal. Quem diz **galinha dos ovos de ouro,** como quem diz **pedra de toque, calcanhar de Aquiles, mão de mestre,** etc., não se lembra das coisas materiaes que essas expressões mencionam, mas unicamente do valor ideal das mesmas.

Nada mais fácil do que incorrer em erros desta natureza o mais escrupuloso escritor — já não digamos **orador,** senão **escritor.** E de facto, os exemplos são por assim dizer de todos os dias. E não faltam exemplos ilustres. Moliére — sim, o grande Moliére, — numa das suas mais notáveis peças, **Le Misanthrope,** deixou-se levar demasiado por essa tendência do nosso espírito, e esquecendo a significação literal de duas expressões usuais, aproximou-as por esta forma viciosa:

> Pourvu que votre *cœur* veuille *donner les mains*
> Au dessein que j'ai fait...

Melhor, porém, fez Henri Heine numa das suas narrativas militares: "Uma velha **perna de pau** estendeu-me a **mão**..." Francisque Sarcey incidiu em distração similhante quando escreveu esta deliciosa frase: "Cora Pearl nunca se teria separado dos seus **ca-**

valos, que eram o seu ganha-pão, se os meirinhos não lhos houvessem **arrancado da boca".** Pertence ao escrínio do mesmo ilustre crítico teatral esta outra joia: "Na **dição** de Mlle. Margueritte Ugalde se reconhece a a **mão** de sua mãe".

Mas tornemos aos oradores.

Neste género de disparates, originados da aproximação de expressões, que "hurlent de se trouver ensemble", um dos mais pitorescos exemplos nos é fornecido por um orador, cujo nome não se conservou, numa acusação perante um dos tribunais francêses: "Sim, meus senhores, êste homem é culpado; além de tudo, basta contemplá-lo: a face deste miserável respira o crime, e ainda se pode ver faiscar nos seus olhos perversos o **reflexo** do **último grito** da sua vítima."

A's vezes, uma pequenissíma e facílima distração pode produzir os mais desastrosos resultados, no emprego de certas expressões. Um ministro francês, o sr. Pierre Legrand, tratando perante o parlamento, em 1902, mais ou menos, de uma questão qualquer em que se achavam envolvidas umas operárias, costureiras de camisas, declarou, justificando a acção do governo no caso: "Les ouvrieres **en chemise** ont toutes les sympathies du ministre". E' bem de ver que essa declaração foi recebida como a mais sincera possivel...

As **gaffes** desse género são as mais comuns e as mais explicáveis. São tão **naturais,** por assim dizer, que nem os escritores mais adestrados lhes escapam.

Mas ha outras, de diversa origem, nas quais po-

dem igualmente cair oradores solertes, habituados a domar todas as rebeldias da palavra. O próprio entusiasmo que os domina, destravando-lhes a língua, dando-lhes tropos sobre tropos, e imagens, e pinturas, e adornos e rasgos, pode de repente inibir-lhes por completo a faculdade crítica. Só assim se explicam certas calinadas célebres.

O deputado irlandês Boyle-Roche, arrebatado pelo furor tribunício, exaltado pelo fogo da discussão, soltou de uma feita esta **piada** que provavelmente se lhe afigurou um rapto de eloquência: "Não vejo, senhores, a razão porque se invoca a posteridade neste debate. Porque devemos nós suportar, por causa dela, os inconvenientes a que aludo? Que é que a posteridade já fez por nós?"

Da calinada, como essa, o orador está sujeito a passar insensivelmente para o **acacianismo** puro, ou para a **lapallissada** genuina.

Não poucos dos que leram Eça de Queirós terão talvez perguntado a si mesmos se o mestre português não teria carregado um pouco demais, por amor do sucesso anecdótico, no sal das frases que põe na boca do grave Conselheiro. Entanto, nada mais possível do que aquilo tudo.

Pode-se mesmo avançar que a realidade ainda excede a ficção. Um deputado francês, em discurso pronunciado por volta de 1900, fazia esta admirável revelação que, felizmente, foi preservada, por via da letra de fôrma, de um injusto olvido: "Os marinheiros

são homens úteis e necessários, sem os quais a marinha não existiria."

E que mais saboroso acacianismo se pode encontrar, mesmo nos livros de Eça, do que esta sentença do príncipe Luís Napoleão: "A riqueza de um país depende da prosperidade geral"? Ou do que esta outra, de um antigo redator do **Temps**: "Desde que um francês passa além da fronteira, entra em território estrangeiro"?

Como se vê, não se poderá afirmar que só os indivíduos demasiado fracos de engenho estejam em risco de ser grosseiramente atraiçoados pela memória ou pelo raciocinio, quando oram ou escrevem. Desgraçadamente, a asneira é mais forte do que o estudo e do que a prudência, — e todo cuidado com ela é pouco. Para se fazer uma ideia sôbre a extensão do seu império, considerem-se dois casos que vou rapidamente referir.

E' sabido que La Fontaine, o genial, o maravilhoso versificador e não menos maravilhoso manejador do idioma francês, cometeu tantos enganos e inexactidões na sua bela fábula d'**A Cigarra e a Formiga**, que já se disse dela que parece conter tantos erros quantas palavras. A Formiga não ajunta provisões para o inverno, visto que passa essa estação toda a dormir. Não podia, pois, recusar comida, **em pleno inverno**, á Cigarra. E a Cigarra, por sua vez, não podia ter ido pedir-lha, pela simples razão de que no inverno não ha cigarras...

Estas observações foram feitas pelo ornitologista

Toussenel, que era homem de saber e escritor de pulso, no livro **Le Monde des Oiseaux**, publicado em 1853. Pois bem. Toussenel, que tais pedras atirou ao telhado de La Fontaine, tinha um grande telhado de vidro... Basta citar **uma das suas**, extraída do mesmo livro: "Que é um actor ao pé de uma actriz? Nada, ou muito pouca coisa. Deus, fazendo chato o peito do homem, evidentemente interdisse a êste os mais belos movimentos oratórios!..."

Outro facto. Gustave Flaubert não hesitava em gritar o seu horror á tolice humana, e, como é sabido, chegou a tratar de erguer-lhe um monumento, um **florilégio** que devia perpetuar grande quantidade de asneiras... alheias. Algumas das que já mencionei estão incluídas no seu **Dossier de la bêtise humaine.** Pois Flaubert, o estupendo cinzelador do estilo, o homem que no seu furor de perfeição consumia uma semana para fazer quatro páginas e dez anos para concluir um livro, o próprio Flaubert pagou copioso tributo á soberana implacável.

Ha nos seus livros, ao lado de numerosas incorrecções de linguagem, não menos numerosos equívocos, distrações, erros de vária espécie. No romance **Bouvard et Pécuchet**, primeira edição, há uma vestimenta que, no mesmo período, começa sendo verde, **vert pomme**, e acaba sendo azul, **bleu ciel.** Em **Madame Bovary**, êle conta que o **pere Rouault** pagou a Carlos, pela sua perna concertada, 75 francos em moedas de quarenta **sous.** Seria extremamente difícil perfazer 75 francos com moedas de quarenta **sous**,

isto é, de dois francos... Em **Salammbô**, um critico experto coleccionou toda uma série de pequenas inexactidões históricas.

Não há, debaixo do ceu, quem se livre do poder da asneira. Só o mudo não as profere, — mas as faz. Que dizer de quem fala pelos cotovelos! E' porisso que eu temo tanto a oratória, embora admirando, com a maior sinceridade, os verdadeiros oradores. E é porisso que, mesmo escrevendo, e pondo o cuidado que posso em evitá-la, previamente me resigno á fatalidade da tolice, contando com a benevolência do leitor inteligente, como nas erratas...

A LITERATURA DA ESCRAVIDÃO (*)

Machado de Assis, entre os poucos trechos que nos legou com referência á escravidão no Brasil, um escreveu, na "Páginas recolhidas", em que poz toda aquela admirável e cruel firmeza de traço, que o distingue na pintura das pequenezas e das baixezas triviais da alma humana. Refiro-me ao conto intitulado "O caso da vara".

Caso simples. O jóvem Damião foge do colégio, e não quer de maneira alguma voltar. Para tanto, socorre-se da protecção de uma senhora das suas relações de família, sinhá Rita, professora de rendas e bordados. Uma das aprendizes de sinhá Rita era a pequena Lucrécia, criatura fraca e submissa, a quem a bôa senhora não poupava injúrias nem castigos. Damião poude precisamente presentir, estando na casa da viuva, uma das costumadas scênas de ferocidade. Sentiu-se compungido e revoltado; pensou, nobremente, em interceder pela desgraçadinha. Daí a mo-

(*) Palestra proferida em S. Paulo, em 13 de Maio de 1918.

mentos, chegada a hora de recolher os trabalhos, verifica sinhá Rita que, ao contrário das outras alunas, Lucrécia não concluira o seu...

Só Lucrécia estava ainda á almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no ceu!

— Malandra! Nossa Senhora não proteje vadios!

Lucrécia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdôe, torna a negrinha.

— Não perdôo, não. Onde está a vara?

A vara estava á cabeceira da marqueza, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que, por causa dêle, atrazara o trabalho...

— Dê-me a vara, sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direcção da marqueza. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse de mais sagrado, pela mãe, pelo pae, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo, e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas êle precisava tanto saír do seminário!

Chegou á marqueza, pegou na vara e entregou-a á Sinhá Rita.

O procedimento calculado e covarde desse rapaz, recalcando o impulso espontaneo e generoso do

coração e transigindo com a injustiça e a crueldade, é história de todos os dias e de todos os tempos. Sempre houve, e, ai de nós! sempre ha de haver neste mundo senhoras Ritas que levem á miséria e ao sofrimento alheio o consôlo da vergasta e da bofetada, que brutalizem a inocência e a fraqueza carecedoras de amor e protecção, como sempre haverá Damiões, bons moços Damiões, honrados e queridos, que não façam senão alimentar ótimos sentimentos no íntimo da alma — e na ocasião oportuna passem a vara ao algoz.

E eis aí o primeiro, o mais humano dos motivos por que a nossa literatura, — refiro-me á poesia, ao romance, ao conto, ao teatro, numa palavra, á obra de arte, — durante séculos de escravidão no Brasil, poucas reminiscências guardou da imensa e pavorosa tragédia. Foram sem número, de certo, os que souberam experimentar vivamente o horror e o asco que essa tragédia devia levar ás almas abertas e iluminadas; foram muitíssimo poucos, principalmente no período que decorre das nossas origens até á aparição do romantismo, os que deram mostras, embora ligeiríssimas, de ter **compreendido** e de ter **sentido.**

No próprio romantismo, porêm, os reflexos da escravidão, — disse bem, — são méros **reflexos.** E reflexos raros. Só tivemos então um puro artista, Castro Alves, que se interessou radical e profundamente pelo escravismo, e não o tomou como simples motivo de inspiração episódica e ocasional. A literatura propriamente abolicionista floreceu apenas, com certa intensidade, nos últimos dez anos da instituição ne-

gregada — mas, então, na grande maioria, foi uma literatura de sátira e de eloquência, de crónicas, de discursos e de polémicas, espuma brilhante e fugaz das horas de larga e violenta agitação das paixões e das ideias.

Mas a covardia do Damião não basta como explicação do facto. Essa covardia não é brasileira, é humana; é o fundo de transigência, de comodismo, de cálculo e de temor que jaz em todas as almas, em perpétua discordancia com êsse cavaleiro andante, nobre, piedoso e sonhador, que trazemos dentro de nós. Pode ser que, no Brasil, ela fosse mais poderosa do que algures, porque a nossa educação sempre foi viciosa e falha, porque a nossa cultura sempre foi muito resumida e superficial, e porque a própria escravidão, entre tantos outros males, trouxe-nos êsse de envenenar as mesmas fontes onde bebiam os caracteres em formação e de corromper o ar que os nossos antepassados respiravam. Mas a explicação não basta. Nós sabemos que, apesar de tudo, nunca faltaram, no Brasil, magníficos exemplares de carácter e de inteligência, acessíveis á oxigenação do ideal, namorados de harmonia e de beleza, servidos por um poderoso instinto de justiça e de liberdade, sedentos de aperfeiçoamento. Nunca faltaram, mesmo, nos arraiais literários.

Qual será, então, a outra causa? ou, quais serão as outras causas?

A causa mais imediata já foi apontada, quando se disse que a nossa literatura tem sido uma literatura

de reflexo e de imitação. No largo periodo que vai de Bento Teixeira até ao romantismo, ela não foi senão um esgalho exótico da literatura reinícola. Florecia sôbre a nossa terra — mas como uma planta que se alastra e pende sôbre um muro, com as raizes do lado de lá. Esse carácter excrescencial culminou no ambiente confinado das academias — refúgios onde a poesia se tornou um passatempo honesto de graves cavalheiros, que para lá iam desempoeirar-se das preocupações do tempo e esquecer as importunações do meio em que viviam. Veiu depois o romantismo, mas o romantismo não foi, em grande parte, senão uma troca de modelos. Irrompeu com Magalhães cantando "Napoleão em Waterloo", "Um passeio ás Tulherias", o "Monte Jura"; gorgolejou em caudais de cóleras e entusiasmos em redor da Polónia e do México, em torrentes de pieguices apaixonadas á Lamartine... Do meio e da vida brasileira, nada.

E' certo que havia, ao lado disso, uma corrente nacionalista, que já vinha dos últimos tempos da Arcádia Ultramarina, onde Gonzaga e outros procuravam, pela eleição dos assuntos e pela maneira de os tratar, romper os laços que prendiam a nossa literatura á da metropole. Vêde, porêm, que tal era êsse nacionalismo! A sua grande criação, nessa época, foi a do índio — um índio completamente imaginário, forte de corpo e de alma, cheio de energias e de virtudes, um índio sem situação definida nem no espaço nem no tempo. O índio real, se até então pouco apare-

ceu na poesia, mais longe ficou então do que nunca. A escravidão e a tortura dessa personagem tão querida — realidade bem tangível e dolorosa — essa não deixou traço apreciável da sua triste existência histórica.

O poeta e o romancista magnificaram a natureza, refizeram a história á sua maneira, exaltaram as aspirações políticas que andavam no ar; o facto social, os problemas e as questões concretas atinentes ao homem real, ao homem que vivia e sofria, trabalhava e sonhava, êsses os deixavam indiferentes. A preocupação pelas questões sociais da nossa terra, que já Tavares Bastos com tanta lucidez colocava em primeiro lugar, mas em vão, só havia de surgir mais tarde, e por um momento, com a influência fulgurante de Vítor Hugo.

Assim, que ha de admirar na pouquidade do que nos resta de todo êsse largo tempo em relação ao negro? Que ha de admirar em que tão tarde aparecesse esta figura em nossa poesia?

Segundo Melo Morais, — opinião repizada por José Veríssimo, — o introdutor, ou principal introdutor do negro em nossa literatura foi o maranhense Trajano Galvão, que viveu entre 1830 e 1864. Êsse papel simpático tem de ser cedido, ou pelo menos repartido com o paulista José Bonifácio, o moço, que desde 1850 se interessava pela sorte dos escravos, com acentos de que só talvez se encontre a consonancia, mais tarde, em Castro Alves:

Escravo — não, não morri
Nos ferros da escravidão;
Lá nos palmares vivi,
Tenho livre o coração!
Nas minhas carnes rasgadas,
Nas faces ensanguentadas
Sinto as torturas de cá;
Dêste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu — ficou-me lá!...

Naquelas quentes areias,
Naquela terra de fogo,
Onde livre de cadeias
Eu corria em desafogo...
Lá nos confins do horizonte...
Lá nas planícies... no monte...
Lá nas alturas do ceu...
De sôbre a mata florida
Esta minha alma perdida
Não veiu — só partí eu.

E' impossível que os literatos da época não se revoltassem contra o espectáculo que se desenrolava em tôrno dêles. O **homem** sofria e indignava-se. O **escritor,** porêm, não sabia como fixar, ou não curava de fixar os seus sentimentos em formas de arte. Faltavam os modelos especiais para o caso. Não sabiam por onde pegar-lhe... Era preciso compôr moldes ideológicos inteiramente novos onde vazar o pensamento e a emoção. Depois, o escravo negro falava pouco á fantasia: era o quadro visível a toda a hora, que embota a curiosidade e bambeia os estímulos. O índio já não estava tão próximo e tão á vista: inter-

punha-se entre êle e os olhos dos imaginativos espaço bastante para largas transfigurações.

Essa culpa da imaginação — não sejamos tão rigorosos com os artistas — não abrange, porêm, apenas os cultores do verso, nem só os puros homens de letras. Toda a mentalidade nacional tem padecido a mesma doença. O pensamento brasileiro, em todas as suas modalidades, sempre foi muito aéreo e erradio. Vem a propósito, não só por ser uma bôa página e um valioso documento da época, mas ainda porque tem toda a actualidade nos dias que correm, o seguinte trecho das "Cartas do Solitário", do já citado Tavares Bastos, um dos precursores do abolicionismo:

Há uma coisa que se esquece muito no Brasil: — é a sorte do povo que não é o grande proprietário, o capitalista riquíssimo, o nobre improvisado, o bacharel, o homem de posição. Fala-se todo o dia de politica, canta-se a liberdade, faz-se de mil modos a história contemporanea, maldiz-se dos ministros e evoca-se a constituição do seu túmulo de pedra. Ora-se a propósito de tudo, menos a propósito do povo. Escreve-se a respeito de Roma e Grécia, da França e da Inglaterra, mas não se escreve acêrca do povo. Enviam-se os sábios do país a estudar a lingua dos antóctones, a entomologia das borboletas e a geologia dos sertões, mas não se manda explorar o mundo em que vivemos, não se observam os entes que nos rodeiam, não se abrem inquéritos acêrca da sorte do povo.

Queixava-se Bastiat, aquêle homem de coração, de que os jornais importantes de 1849 se agarrassem exclusivamente á politica militante e estéril dos partidos e se esquecessem de agitar as questões de fundo, as questões sociais. Eu dirijo a mesma queixa á imprensa e aos homens do nosso tempo.

Desçamos, meu amigo, ás mais baixas camadas. Penetremos

na escuridão. Avivemos uma esperança no coração do oprimido e acendamos um farol nas trevas do seu futuro.

Mas parece-me ouvir que se duvida da nossa sinceridade ou que se desconhece o mundo onde vos peço que me acompanheis. Em que é o povo oprimido e de que se pode queixar nesta bôa terra do Brasil? Perguntar-me hão talvez. Eu respondo, lembrando o modo por que se organiza a força pública, desde o recrutamento até a guarda nacional. Eu cito a ignorancia dos sertões com a sua barbaridade e os seus potentados, e a miséria prematura das cidades com a sua prostituição. Eu aponto para uma chaga que invade mais e mais o corpo social. E não está dito tudo. Ha ainda, abaixo do homem livre, o homem escravo; ha ainda, depois do miserável que se possúi, o miserável africano, livre de nome sómente.

Vêde bem, o assunto é vasto, e mais grave ainda do que vasto. Penetrando nessas galerias, por assim dizer, subterráneas; descendo a essas minas da miséria, falta o ar aos pulmões, e o pensamento parece envolver-se numa nuvem pesada de tristeza e desânimo.

Com a energia de um estoico, porêm, com a solicitude religiosa de um nobre inglês, cumpramos a nossa missão. Comecemos pelo quadro que parece mais tristonho; comecemos pela sorte dos negros. E' justo, meu amigo, que nos lembremos primeiro daquêles que são mais infelizes, daquêles para quem justamente se escreveram estas palavras de fogo: "Lasciate ogni speranza..."

*

"O escravo negro era o quadro visível a toda hora..." Justamente. A escravidão interpunha-se, mesclava-se a tudo. Não havia fronteiras sensíveis entre ela e a sociedade livre, em comêço e meados do século XIX. Até então o número de escravos era relativamente pequeno. De 1830 a 1850, data da lei Eu

sébio de Queirós, entraram no Brasil, por contrabando, encafuados nos porões dos navios negreiros, mais de seiscentos mil africanos. Essa torrente, á medida que ia chegando, se repartia pelas varias regiões do país, se misturava pelo cruzamento com a população que a absorvia, se espalhava por todas as povoações e todas as fazendas, salpicava todas as multidões, entretecia a sua existência, os seus sentimentos, os seus vícios, os seus folguedos, a sua sorte, com a vida meio bárbara das famílias. As mucamas, as creadas, as cozinheiras, os cocheiros, os moleques viviam quasi sempre sob o mesmo teto dos senhores, entravam na intimidade das moças e dos moços, afeiçoavam-se intensamente ás crianças, entregues muitas vezes á sua guarda ou abandonadas á sua companhia.

Alencar deixou-nos, numa peça de teatro, um documento dessa interpenetração e dessa intimidade: a comédia "Demónio familiar", que tem o mérito não comum de ter sido composta mediante elementos de observação imediata, colhidos na sociedade da época, no Rio de Janeiro.

O "Demónio familiar" era um moleque. Sabeis naturalmente o que era o moleque daqueles tempos ; era o pretinho ocupado em serviços domésticos, espécie de **factotum** — auxiliar de cozinha, lavador de casa, engraxador de botas, moço de recados, págem de meninos. Não raro aprendia a lêr e escrever, andava bem tratado, e gosava de certas tolerancias que iam um tanto longe. Era por via de regra arteiro e sabido, brincalhão e caborteiro. Na promiscuidade em

que vivia com brancos e pretos, sem reservas que o conservassem á distancia nem de uns nem de outros, apanhava todas as exterioridades da educação daquêles e todos os vícios e manhas dêstes. Gostava de bôas roupas, era doido por espectáculos e serenatas, falava "difícil", gabava-se de habilidades e talentos, comentava os factos do dia, andava ao corrente de todas as cançonetas brejeiras da época, sabia passar a perna nas quitandeiras e sugerir diabruras inéditas aos meninos. Era um moleque dessa força o "Pedro" da comédia de Alencar, cujas travessuras e cujos enrêdos, a um tempo perspicazes e inconscientes, armam uma série de complicações muito delicadas no seio de uma família respeitavel.

Ha nessa comédia scênas admiravelmente apanhadas do natural, e repassadas de espontaneidade, frescura e graça. Esta, por exemplo, em que o audacioso moleque trata de fazer chegar ás mãos de Carlotinha, irmã de seu amo, a carta de um apaixonado:

PEDRO — Então, nhanhã, vm. não recebe aquêle bilhete, não?

CARLOTINHA — Moleque! tu' estás muito atrevido!

PEDRO — Pois olhe, nhanhã: o moço é bonito; petimetre mesmo da moda!... Mais do que o sr. moço Eduardo. Xi!... Nem tem comparação!

CARLOTINHA — Não o conheço.

PEDRO — Pois êle conhece nhanhã; passa aqui todo o dia. Chapeu branco de castor, desse de aba revirada; chapeu fino; custa caro! Sobrecasaca assim meio recortada, e tem um nome francês; calça justinha na perna; bota do Dias; bengalinha desse bicho chamado unicorne. Se nhanhã chegar na janela depois do almoço

ha de ver êle passar, só gingando: tchá, tchá, tchá... Umm!... Moço bonito mesmo!

CARLOTINHA — Melhor para êle; não faltará moça a quem namore.

PEDRO — Não falta, não; mas êle só gosta da nhanhã. Quando passa nhanhã não vê; mas, eu, cá de baixo, estou só espreitando; vai olhando para trás, de pescocinho torto! Porêm nhanhã não faz caso dêle!

CARLOTINHA — E' um desfrutável! Está sempre a torcer o bigode!

PEDRO — E' moda, nhanhã! Aquêle bigodinho, assim enroscado, onde nhanhã vê, é um anzol; anda só pescando coração de moça.

CARLOTINHA — Moleque, se tu' me falares mais em similhante coisa, conto a teu senhor. Olha lá!

PEDRO — Está bom, nhanhã; não precisa se zangar. Eu digo ao moço que nhanhã não gosta dêle; que êle tem uma cara de frasquinho de cheiro...

CARLOTINHA — Dize o que tu' quizeres; com tanto que não me contes mais historias.

PEDRO — Mas agora como ha de ser!... Êle me deu dez mil réis.

E a scêna prossegue, até que o moleque alcança enfiar a carta no bolso da menina, enquanto a aturde com a torrente da sua prosa, á qual, no fundo, ela parece achar graça; e continúa a intriga, através de três actos, com varios casamentos desfeitos e arrumamados, uma trapalhada. Quando a trapalhada se esclarece, como é dos estilos, o senhor de Pedro, o dr. Eduardo, severo mas magnánimo, deita uma "tirada":

Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no facto primeiro que é causa de tudo isto. O único inocente é aquêle que não tem

imputação, e que fez apenas uma travessura de criança levado pelo instinto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do autómato um homem; restituo-o á sociedade, porêm expulso-o do seio da família e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (A Pedro). Toma: é a tua carta de liberdade; ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sôbre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas acções. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto, e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não compreendes.

Passemos de lado pelas incongruências do dr. Eduardo, que, parecendo reconhecer a culpa dos brancos, responsáveis pela ignorancia e pelas inconsciências do negro que não sabiam moralizar e dignificar, acaba expulsando a vítima e concedendo-lhe a liberdade como um castigo. Como quer que seja, esta comédia é um precioso reflexo dos costumes, e um pouco tambem das ideias da época — 1857, — quando ainda mal se preludiavam os primeiros arrancos da primeira campanha contra a escravidão, depois da lei repressora do tráfico.

*

Outro tipo familiar era o da **mucama** ou **mucamba.** Êste teve o condão de seduzir um pouco mais a imaginação dos poetas. Não raro surge ao lado dela o feitor, concupicente e brutal, ou um **senhor moço**, leviano e ardente, — e aí vem o romancezinho de sedução, de enganos e de amarguras, que por via de regra acaba em tragédia. Foi esta, ao lado do quilombola, do revoltado, do negro vingador, uma das duas ou

três unicas figuras típicas, viventes e agentes, que a nossa literatura extraíu do tenebroso tumulto da escravidão. Temos um verdadeiro "ciclo das mucamas".

E' a **Escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães — uma mulata quasi branca, criada como filha por uma família de fazendeiros, que um belo dia volta ao trabalho rude e á senzala, depois foge, inspira paixões, é agarrada, torna á fazenda, e, afinal, triunfa dos seus algozes: uma história complicada, fantástica, regorgitante de romantismo descabelado.

E' a **Sabina** de Machado de Assis:

Sabina era mucama da fazenda;
Vinte annos tinha; e na provincia toda
Não havia mestiça mais á moda,
Com suas roupas de cambraia e renda.
Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para trabalho rude;
Desbrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições de sala.
Era cria da casa. A sinhá moça
Que com ela brincou sendo menina,
Sôbre todas amava esta Sabina
Com êsse ingénuo e puro amor da roça.
Dizem que á noite, a suspirar na cama,
Pensa nela o feitor; dizem que um dia,
Um hóspede que ali passado havia,
Poz um cordão no colo da mucama.
Mas que vale uma joia no pescoço?
Não póde haver o coração da bela,
Se alguem lhe acende os olhos de gazela,
E' pessôa maior: é o senhor moço.

Este senhor moço chamava-se Octávio e cursava a Academia: lindo rapaz, "vero Adonis". Segue-se o

romance. Octávio surprehende a mucama a banhar-se no rio. Depois...

Sabina é mãe; o sangue livre
Gira e palpita no cativo seio
E lhe paga de sobra as dores cruas
Da longa ausencia. Uma por uma as horas
Na solidão do campo ha de contá-las
E suspirar pelo remoto dia
Em que o veja de novo...

Viu-o, mas casado com "uma flor desabrochada em seus quinze anos", com que o rapaz travara conhecimento num dos serões da côrte. E termina, melancolicamente, a breve história da pobre mucama:

Viu-os chegar Sabina, os olhos sêcos,
Atónita e pasmada. Breve o instante
Da vista foi. Rápido foge. A noite
A seu trémulo pé não tolhe a marcha;
Voa, não corre ao malfadado rio,
Onde a voz escutou do amado moço.
Ali chegando: "Morrerá comigo
O fruto do meu seio; a luz da terra
Seus olhos não verão; nem ar da vida
Ha de aspirar..."
Ia a cair nas aguas,
Quando súbito horror lhe toma o corpo;
Gelado o sangue e trémula recua,
Vacila e tomba sobre a relva. A morte
Em vão lhe chama e lhe fascina a vista;
Vence o instincto de mãe. Erma e calada
Ali ficou. Viu-a jazer a lua
Largo espaço da noite ao pé das águas,
E ouviu-lhe o vento os trémulos suspiros;
Nenhum dêles, contudo, o disse á aurora.

A mesma história, com variantes, aparece com Castro Alves, na **Cachoeira de Paulo Afonso.** Lembrai-vos bem, com certeza, desse poema tão justamente popular, cuja protagonista, Maria, o ardente e generoso poeta assim nos descreve:

Onde vais á tardezinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta.
Que a perna te esconde em vão ..

Mimosa flor das escravas!
O bando das rôlas bravas
Voou com medo de ti!...
Levas hoje algum segredo....
Pois te voltaste com medo
Ao grito do bem-te-vi.

Serão amores deveras?
Ah! Quem dessas primaveras
Pudesse a flor apanhar!
E contigo, ao tom da aragem,
Sonhar na rede selvagem...
A' sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola
Te ouvisse a moda espanhola
Da lua ao frouxo clarão...
Com a luz dos astros — por círios.
Por leito — um leito de lírios...
E por tenda a solidão!

Tambem esta é surprendida no banho, mas, ao contrário de Sabina, que se deixa arrastar pela palavrosa lábia do peralvilho, foge, corre, vôa, indignada

e medrosa, e não se entrega, sucumbe. Tambem é muito diversa a atitude dos dois poetas diante do assunto. Machado envolve o seu triste heroi numa atmosfera de lirismo; Castro torna o seu odioso e repugnante. Recordemos uns trechos do poema. Ouvi estas lindas e melodiosas estrofes:

—Era hoje ao meio dia.
Nem uma brisa macia
Pela savana bravia
Arrufava os hervaçais...
Um sol de fogo abrazava;
Tudo a sombra procurava;
Só a cigarra cantava
No tronco dos coqueirais.

Eu cobri-me da mantilha,
Na cabeça puz a bilha,
Tomei do deserto a trilha,
Que lá na fonte vai dar.
Cansada cheguei na mata:
Ali, na sombra, a cascata
As alvas tranças desata
Como ua moça a brincar.

Era tão densa a espessura!
Corria a brisa tão pura!
Reinava tanta frescura
Que eu me quiz banhar ali.
Olhei em roda... Era quêdo
O mato, o campo, o rochedo...
Só nos galhos do arvoredo
Saltava alegre o saguí.

Junto ás aguas cristalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas

Atirei sobre os cipós.
Depois mirei-me inocente
E ri vaidosa... e contente...
Mas voltei-me de repente...
Como que ouvira uma voz!

Quem foi que passou ligeiro,
Mexendo ali no ingazeiro,
E se embrenhou no balseiro,
Rachando as folhas do chão?...
Quem foi? — Da mata sombria
Uma vermelha cotia
Saltou tímida e bravia
Em procura do sertão.

Chamei-me então de criança;
A meus pés a onda mansa
Por entre os juncos se entrança
Como uma cobra a fugir!
Mergulho o pé docemente;
Com o frio fujo á corrente...
De um salto após de repente
Fui dentro d'agua cair.

Quando o sol queima as estradas,
E nas varzeas abrazadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem camadas de pó;
Como é doce em meio ás canas,
Sob um tecto de lianas,
Das ondas nas espadanas,
Banhar-se despida e só!...

Rugitavam os palmares...
Em torno dos nenufares
Zumbiam pejando os ares
Mil insectos de rubim...
Eu naquele leito branco

Rolava alegre cantando...
Súbito, um ramo estalando,
Salta um homem junto a mim!

Segue-se a fuga, a fuga desesperada através de matos e campos, sôbre espinhos e pedras. Afinal...

Ai! que póde fazer a rôla triste
Se o gavião nas garras a espedaça?
Ai! que faz o cabrito no deserto,
Quando a giboia no potente aperto
Em roscas férreas o seu corpo enlaça?

Fogem como eu... Resistem, batem, lutam
E finalmente expiram de tortura...
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gotejantes,
Morrer á sombra da floresta escura!

A mucama resurge, com os traços amáveis e desditosos que já vimos, num dos deliciosos contos em verso de Artur Azevedo, joia de singeleza e de frescura, recendente de veracidade e de sentimento. Sinto não poder lêr-vos todo, por ser um pouco longo, o conto da **Escrava:** seria uma compensação desta insossa palestra para aquêles que ainda o não conheçam, e talvez ainda mais para aquêles que já o conheçam. Fala a própria protagonista:

Eu não fui criada a êsmo,
Conquanto fosse uma escrava,
Muitas vezes sinházinha
Junto de si me assentava,
E me ensinava leitura,
E a rabiscar me ensinava.

Era, porêm, na costura
Que eu mostrava mais primor;
Vestidos fazia a ponto
De muita gente supor
Que eram obra da madama
Lá da rua do Ouvidor.

Não havia outra mucama
Com tão raros predicados!
Como eu engomava as rendas,
As prégas e os apanhados,
Do ferro levando o bico
Aos refolhos dos babados!

Era o meu senhor tão rico,
Tinha tantas relações,
Que não perdia um só baile
Nem outras quaisquer funções,
E todas as quartas-feiras
Dava em casa reuniões.

Eram muito pagodeiras
Quer sinhá, quer sinházinha:
De um baile mal descansavam,
Outro convite lá vinha!
E quem é que as enfeitava?
A boa da mulatinha!

Que trabalho isso custava!
Porém que satisfação
Quando, depois de vestí-las,
Dava a última demão,
Co'os alfinetes na boca,
Ajoelhada no chão.

Sinházinha casou-se. Dentro de três mezes estava arrependida e em prantos. O marido apaixonou-se pela mucama, e esta não soube resistir, na sua fra-

queza de criatura inferior, consciente da sua inferioridade e resignada com ela. Ha um escandalo, o moço abandona a esposa, a escrava é castigada a chicote e expulsa para a fazenda, onde vai trabalhar a eito com os outros escravos, e de onde só sai, velha, miserável, rôta, doloroso frangalho humano, quando ráia o sol de 13 de Maio:

Aurea lei da liberdade,
Bendigo a piedade tua;
Mas é triste, muito triste
Ver-me doente e semi-nua,
Pelos moleques vaiada,
Pedindo esmolas na rua.

Sinházinha inda é casada;
Ha poucos dias a vi
Pelo braço do marido.
E logo os reconheci.
Como estão bem conservados!
E eu... eu como envelheci...

Já têm dois filhos formados...
O meu... que fim levaria?
Talvez na rua me encontre
E tambem de mim se ria;
Talvez até que se ofenda
Se lhe disserem um dia

Que eu, nascida na fazenda,
De uma negra e de um feitor,
Sou sua mãi dolorosa.
E êle a flor, a pobre flor,
A pobre flor melindrosa
Nascida do meu amor.

A mucama tentou ainda a Gonçalves Crespo: aqui a temos, tambem ao lado do feitor, tambem aqui envolvida numa tramazinha amorosa, em versos muito mais perfeitos, mas destituidos da penetrante emoção humana dos versos desataviados de Artur Azevedo:

I

Mostraram-se um dia na roça dansando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co' um lenço de côres no peito cruzado,
Nos lobos da orelha pingentes de prata.
Que viva mulata!
Por ela o feitor
Diziam que andava perdido de amor.

II

De em tôrno dez leguas da vasta fazenda
A vê-la corriam gentis amadores,
E aos ditos galantes de finos amores,
Abrindo seus lábios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria quimeras e sonhos de amor.

III

Um pobre mascate, que em noite de lua
Cantava modinhas, lundús magoados,
Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lho com voz timorata...
Amaste-o, mulata!
E o triste feitor
Chorava na sombra perdido de amor.

IV

Um dia encontraram na escura senzala
O catre da bela mucama vasio:
Embalde recortam pirogas o rio,
Embalde a procuram nas sombras da mata.
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor.

*

As scenas da vida rural, especialmente da vida das grandes fazendas, apareciam com relativa abundancia, — sobretudo nos últimos anos da escravidão, quando ser abolicionista já não era um grande perigo...

Trajano Galvão, Castro Alves, Tobias Barreto e outros pintam, com pincel embebido em tintas negras e fulgurantes e com uma grande liberdade de imaginação, scenas pavorosas dos **eitos** e das senzalas. José de Alencar, no romance **Mãe,** tira da negra instituição um enredo doloroso. Aluísio Azevedo escreve no **Mulato,** com as tintas do realismo, de que foi entre nós o antístite reconhecido, uma história triste em tôrno do preconceito de côr, e fixa no **Cortiço** a horripilante brutalidade de um emigrado que vende a companheira negra da sua vida, sócia dos seus trabalhos, alegrias e sofrimentos. Júlio Ribeiro, na **Carne,** depara-nos algumas páginas de realismo crú, mas de notavel colorido e rara força, sôbre a vida de uma fazenda paulista. Depois, Ezequiel Freire, dona Julia Lopes, Coelho Neto e

muitos outros deixam, em romances e contos, passagens que mereceriam lugar numa antologia da escravidão.

Muitos dêsses poetas e prosadores não fizeram senão traçar quadros de composição e fundo romanticos, mascarados de toques realistas, a inculcarem um trabalho prévio de observação imparcial, que, em regra, não fôra feito. Só descrevem perseguições, maus tratos, brutalidades. O negro é a criatura superior, cheia de estoica resignação e de infinita bondade; o branco é a alma danada que chupa as energias do escravo até a ultima gôta, que se locupleta e gosa, que tiranicamente atenta contra o pudor das escravas, que separa, sem mágua e sem remorso, as mães dolorosas dos filhos pqeuenimos, os esposos das esposas, os namorados das namoradas, e que mete no tronco velhos servidores inocentes...

A verdade pura é um pouco diversa. Nem o negro era essa criatura superior, nem o branco êsse monstro de maldade, nem o espectáculo cotidiano das fazendas era êsse desfilar de horrores. Horrores, havia-os, de certo, e não raros; mas nem por muito frequentes chegavam a constituir a feição predominante das relações entre escravos e senhores. A' parte as explosões de cólera e de crueldade, que se registavam, a vida das fazendas era, em geral, tranquila, farta e descuidosa. Os escravos trabalhavam, mas tambem folgavam. Não eram poucos os senhores bonachões e piedosos; e muitos, que eram sujeitos a acessos de fúria e de dureza, a miude agiam tambem sob acessos de generosidade e de doçura.

Não havia, como já se notou, separação nítida,

distancia notável entre brancos e pretos. Das senzalas vinham para a casa da família as mucamas, as criadas, as lavadeiras, os moleques, os boleeiros, e toda essa gente vivia em contacto com os brancos, contacto quase nunca reservado e frio, comumente alegre e cordial. Por outro lado, os pretos não eram, está claro, tão cheios de qualidades recomendáveis, e, se os amos se excediam ás vezes na injustiça e na crueza, êles também ás vezes praticavam faltas graves e revelavam inclinações perigosas. Emfim, o mal, o maior mal estava na própria instituição do cativeiro, da qual pretos e brancos foram vítimas, com diferentes papeis.

Das boas relações entre escravos e amos ficaram não poucas reminicências, esparsas em nossa literatura. Não é raro encontrar-se, aqui e ali, ferida de varios modos, a nota que Luís Guimarães tão docemente vibrou nêste soneto:

OS ESCRAVOS

Eu os lamento, amando-os: — do passado
Nas densas névoas vejo, tristemente,
Como num sonho, — a multidão contente
Dêsses negros fieis.... Ah! desgraçado.

De quem não teve outrora o desvelado
Escravo de seus pais, junto ao tremente
Berço em que o nato espírito inocente
Dorme feliz e dorme descansado.

Por isso, agora, oh débeis protectores,
Quando a vossa figura carcomida
Vem contemplar-me, em meio ás minhas dôres,

Eu me reporto á época fugida
Dos amúos, das crenças e das flôres...
E beijo os élos da passada vida.

Particularidade muito simpática aos poetas foi a nostalgia do africano. Poderia compôr-se, com o que a respeito escreveram, um dos mais interessantes capítulos de uma antologia da escravidão — interessante, não tanto pelo assunto, que afinal se monotonizaria, mas pela variedade dos autores e das "maneiras". Cantou-a Castro Alves, em estrofes vibrantes, como sempre. Cantou-a José Bonifácio, o moço, nas melodiosas oitavas da poesia **A Saudade do Escravo,** de que já vos citei duas.

Seria curioso seguir a evolução que vai dêsses versos alados e ingénuos, em que o poeta se colocava, com a sua cultura e a sua elevação de sentimentos, dentro da alma bronca do africano, até a pintura "imparcial" e realista que Raimundo Correia fixou no soneto **Banzo:**

Visões que na alma o céu de exilio incuba,
Mortais visões! Fuzila o azul infando...
Coleia, basilisco de ouro, ondeando,
O Niger... Bramem leões de fulva juba...

Uivam chacais... Ressôa a féra tuba
Dos cafres, pelas grotas retumbando,
E a estralada das arvores, que um bando
De paquidermes colossais derruba...

Como o guaraz nas rubras penas dorme,
Dorme em nimbos de sangue o sol oculto...
Fuma o saibro africano incandecente...

Vai c'oa sombra crescendo o vulto enorme
Do baobá!... E cresce na alma o vulto
De uma tristeza imensa, imensamente...

*

Não alimento, porêm, a pretensão, nesta palestra que nenhuma tem, de fazer aqui um florilégio comentado. Demais, o tempo vôa, e eu ainda não vos falei como convem daquêle que foi o belo, o grande, o único poeta dos escravos no Brasil — Castro Alves.

Os outros interessaram-se pela escravidão rapidamente, uma vez ou outra, uma só vez, ou nenhuma: Castro Alves interessou-se por ela permanentemente, insistentemente, teimosamente, desde os primeiros ensaios até o último vôo. Os outros, ainda os que mais abarcaram, só abarcaram alguns aspectos do enorme quadro: êstes, como Crespo, apenas os motivos estéticos, a que êle misturou, alguma vez, discreta dose de vago humanitarismo; aquêles, como José Bonifácio, o moço, e Bernardo Guimarães, nas suas poesias, apenas vibram, de quando em quando, as notas da compaixão, da ternura e do sonho libertador. Castro Alves abrangeu na torrente dos seus soluços e dos seus clamores a integralidade do flagelo. Teve a visão circular e devassadora, que envolvia e penetrava, como o sol tropical envolve e penetra a mata enorme e lúgubre, a visão completa e exaustiva de que só encontramos talvez a réplica na obra de publicista e orador de Joaquim Nabuco.

O poeta baiano viu como ninguem a monstruosidade humana e social da escravidão. Viu-a na realidade tragica da sua vida, na repugnancia de seus episódios. Sondou a acção deletéria que o mal exercia,

como um cancro, no organismo social, na alma e na consciência do Brasil. O tráfico africano, essa nódoa da nossa história, agravada pela ignóbil transigência e pela moleza criminosa que desfecharam nas humilhações com que fomos esmagados, êle foi o único a descrever-lhe o formidável espectáculo e a sentir-lhe a imensa vergonha, e o fez em acentos de um vigor inédito:

Senhor Deus dos desgraçados,
Dizei-me vós, senhor Deus,
Se é mentira, se é verdade...
Tanto horror perante os ceus?!
O' mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Depois, com uma grandeza de sentimentos e um poder de emoção nunca ultrapassado, e que ainda hoje, volvidos trinta anos sôbre a vitória da liberdade. nos retorce o coração e faz brotar o orvalho das lágrimas ao canto dos olhos:

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto escuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?
Silencio, Musa... Chora, e chora tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tú que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos herois na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga
Como um iris no pélago profundo!
Mas é infámia demais!... Da etérea plaga,
Levantai-vos, herois do Novo Mundo!
Andrada! arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares!

Na **Cachoeira de Paulo Afonso,** na **Tragédia no Lar,** Castro pintou scênas terriveis das fazendas. Em **Gonzaga,** idealizou as ambições do negro, incarnado em Maurício. Nas **Vozes de Africa,** elevou-se até o sonho da redenção do continente negro e da entrada da África no concêrto da civilização universal. Em toda a sua obra, apurou e enfeixou as suas ansias libertadoras do cativo numa aspiração insaciável de liberdade, de justiça e de amor para todos os homens, todas as nações e todas as raças.

Não foi apenas um poeta, na acepção literária do vocábulo. Foi um apóstolo, um propagandista, um lutador, sciente e consciente dos frutos bons e dos frutos amargos da sua semeadura. Êle foi o querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais admirado, o mais fascinador, o mais comprendido dos

nossos poetas. Mas tambem teve adversários, que maldiziam e chasqueavam das suas ideias, inimigos que se fechavam á comunicabilidade dos seus generosos sentimentos e dos seus puros sonhos, e catavam as pulgas do leão. Não foi, pois, um enganado, que vivesse entre nuvens de ilusões e de incenso: foi um batalhador que conheceu todas as asperezas da liça, mas cria e esperava sempre, por uma necessidade da sua grandeza, por um instinto da sua índole nobre, por um esforço energico da sua vontade:

E mesmo quando a turba horripilante,
Hipócrita, sem fé, bacante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Tú deixarás na liça o férreo guante,
Que ha de colher a geração futura...

As suas esperanças se cumpriram. De então em diante, a onda avassaladora do abolicionismo penetrou tudo, aluiu tudo, até desmoronar tudo, escravidão e instituições.

*

Em 1887, S. Paulo, que era desde muito um foco de abolicionismo, ainda cheio das recordações de José Bonifácio o moço e de Luís Gama, êsses dois apóstolos admiráveis, vibrava em pleno combate libertador. António Bento com os seus "caifazes" obravam prodígios de actividade. A imprensa avançada combatia; a imprensa reactora já não ousava opôr-se ao embate. Desorganizava-se o trabalho das fazendas. O povo vaiava "capitães do mato" e repre-

sentantes da autoridade. Fazendeiros libertavam em massa os seus cativos. Levas de escravos abandonavam as lavouras e transitavam sem embaraços através da província em demanda de Santos, onde já não havia cativeiro e onde se recebiam de braços abertos os fugitivos das senzalas.

Foi por êsse tempo que uma turma de escravos de minha terra, Capivarí, atravessando a serra de Santos, se viu perseguida pela força, e desenrolou-se a tragédia, que Vicente de Carvalho, então moço e combatente, fixou para sempre nos versos admiráveis do **Fugindo ao Cativeiro** — sem dúvida o poema mais perfeito da literatura da escravidão e um dos mais perfeitos de toda a literatura nacional.

Além do seu valor puramente estético, da sua beleza de concepção e de fórma, êsse poema tem o grande mérito extrínseco de ter realizado algo de inteiramente novo em nossa poesia. Artista acima de tudo, como poeta, e demais em mais formado numa época de renovação da nossa poética, Vicente de Carvalho não quereria, não poderia fazer eloquência nem propaganda, pôr os seus versos directamente ao serviço das suas opiniões. Mas, liberal e abolicionista, tambem lhe repugnaria tratar um tema daquêles pelo simples aspecto da beleza. Evitou, pois, os escolhos da intencionalidade transparente, dissimulando as preocupações transitórias do homem e do cidadão sob a fórma de uma pura obra de arte destinada a durar em sua integridade, com uma grande força de emoção humana, universal e de todos os tempos.

Tomemos uma página, meio ao acaso:

A caravana trôpega e ansiosa
Chega ao tope da serra...
O olhar dos fugitivos
Descansa enfim na terra milagrosa,
Na abençoada terra
Onde não ha cativos.

Em baixo da montanha, logo adiante,
Quasi a seus pés, uma planicie imensa.
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da estensa
Macia várzea que se lhe depara,
Ali, próximo, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente,
As colinas azuis do Jabaquara...

O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro cativeiro.
Amanhece por fim, leve e dourado,
Enchendo o ceu inteiro.

Uma explosão de jubilo rebenta
Dêsses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borborinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguem escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha
E em pleno seio da floresta bruta
Canta vitória a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,
Um coitado, com a tremula cabeça,
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, trôpego, só, desamparado,

Chega, afinal, exsurge á superfície
Do alto cimo; repousa, consolado,
Longamente, nos longes da planície,
O olhar quasi apagado;
Distingue-a mal; duvida; resmungando,
Fita-a... compreende-a pouco a pouco; vê-a
Anunciando próxima, esboçando
— No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...

Um ano depois, vencia-se a campanha. Menino, tive a ventura de vêr a sua popularidade, que já sentira confusamente, confirmada pela imensa, comovedora, esplendida explosão de júbilo popular que tumultuou nas ruas e atroou os ares...

Joaquim Nabuco, com aquêle penetrante instinto psicológico que é a suprema distinção e a doce poesia de sua prosa, fala-nos, em **Minha Formação**, de um sentimento indefinido de saudade que lhe ficou do escravismo, contra o qual tão abnegadamente lutara. Muitos de vós, como eu, sentireis algo de parecido — a saudade de certas coisas que não se esquecem jamais, o amor desinteressado das velhas amas, a dedicação humilde e céga dos bons escravos, e as lendas com que êles nos encheram as cabecinhas de visões e de fumos que haviam de perdurar, e as cantigas com que nos embalaram, amorosos, resignados, felizes, superiores á miséria e á dor, sem orgulhos nem ambições, selvagens de óntem já com a fronte rude tocada dos arrebóis longinquos da humanidade milhor que ainda sonhamos.

A essa saudade enlaça-se uma outra: a saudade funda, que é uma delícia e uma tortura, dos anseios, das dúvidas, dos tumultos e choques da luta. Havia uma monstruosidade que era uma atentado á razão, ao direito, á moral, á humanidade. Mas a amplitude do mal sucitava adversários e batalhadores condignos pela grandeza do devotamento, pela altura do desinteresse e da coragem, pelos prodígios de inteligência, de astúcia e de sacrifício que executavam sorrindo, navegando a vida com o singelo desprendimento do jangadeiro lançado sôbre quatro pedaços de pau ao dorso imenso e insidioso do abismo...

Quem, como eu, desabrochou para o mundo na atmosfera das lutas pela liberdade do negro e pela liberdade do branco, e bebeu a largos sorvos o vento de ideal que rodopiava por tudo e zunia por todas as frinchas, e chorou, e exultou, e riu, e sofreu, no embate desinteressado das ideias, pela sorte de uns tantos anelos amados, ha de arrastar sempre pela vida, onde tais situações de exaltação generosa são passageiras e raras, a melancolia funda de um desenganado, o desencanto secreto de alguem que despertou de um grande sonho, a saudade pungente e irremediável do desterrado de uma pátria morta!

AS PROMESSAS DO ESCOTISMO (*)

Nunca se assistiu, talvez, no Brasil, a uma crise de pessimismo tão aguda, nem tão assustadora como a que atravessamos de alguns anos a esta parte. Os sucessos políticos da República, as dificuldades económicas e financeiras que temos experimentado, a rápida transformação dos costumes, vieram perturbando profundamente os espiritos e ensombrando as consciências, cada vez mais, num crescendo alarmante, — e hoje, em todo este vasto país, para qualquer banda que nos voltemos, não lobrigamos senão sinais de um enorme, de um doloroso, de um inquietador abatimento.

Já se disse, com razão, que somos um povo de desanimados e de tristes. Todas as manifestações do nosso sentimento, todas as nossas ideias, todas as nossas dissenções, — todas as expressões da nossa vida moral, numa palavra, — desde que se refiram a assuntos do interesse colectivo, aparecem saturadas de amarga me-

(*) Conferencia lida em 9 de abril de 1916, em S. Paulo, no salão Lira.

lancolia e de opaco scepticismo. Fugiram dos nossos ares, um a um, como aves perseguidas por um vento áspero de inverno, todos os entusiasmos generosos, todos os ímpetos desinteressados, todos os sussurros e todos os clamores da alegria e da confiança. Murcharam todas as ilusões amaveis que prosperam e fulguram em outros climas menos corrompidos, como lindas e melindrosas florecências de uma vida mais alta, mais nobre e mais fecunda. E por toda a parte só medram e alastram, numa rusticidade tenacíssima e prolífica de tortulho, de escalracho ou de tiririca, os egoismos bravios, as impotências doloridas e superciliosas, os pessimismos ferozes, as crenças enfermas que só acreditam no mal, as caricaturas de esperança que só esperam desastres, os entusiasmos virados do avesso que se confundem com um furor vesanico de destruição, de achincalhe e de morte.

Todos vós sois espectadores desta triste realidade, e todos podeis dar testemunho de que não exagéro. Êsse estado dos espíritos é tão geral e tão grave, que para constata-lo não é preciso sair do circulo das relações de cada dia. O mal-estar é sensível, respira-se com o ar que nos cérca. Ninguem crê, ninguem confia, ninguem espera: e por isso ninguem luta, ninguem ousa, ninguem se rebela, ninguem vai contra a onda, que tudo arrasta na sua elastica e soturna invasão de torrente de pez.

Esta psicose colectiva tem aspectos assustadores. A estagnação do patriotismo é um dêles. Ausculte-se a alma popular, façam-se falar os indivíduos, interroguem-se velhos e moços, e verificar-se-ha, consternada-

mente, que sumiu das almas tudo quanto constitui o vigor, a fulguração, a plenitude saudavel daquêle sentimento.

O patriotismo, reduzido á sua essência primeira, é apenas o amor espontaneo do torrão natal — afecto um tanto impreciso, quase equiparável ao apêgo instintivo que prende os brutos domésticos ao canto onde nasceram e foram criados. Êsse é o patriotismo-chrisálida, que dorme nos abismos da inconsciência, entre os povos primitivos, ainda incapazes de se elevarem ás grandes abstrações luminosas que fecundam o labor das fortes colmeias humanas, — e lá fica adormecido enquanto não se lhe acabam de entretecer as azas fulgurantes com que há de romper o vôo em busca de espaço e de luz, e enquanto não lhe reponta no seio, como uma faísca, o ímpeto frenético que há de fazer vibrar essas azas. No Brasil, por influências que não procuraremos explicar, a chrisálida se imobilisou no recesso das almas, prolongando o seu torpor muito além do que a normalidade permitiria. O patriotismo, em nossa terra, está limitado a esse vago apêgo instintivo, obscuro e impotente, hesitante e mortiço. E' evidente a sua imobilidade. Socialmente, nada vale: não se inclui entre as forças de vária origem e intensidade que se entrecruzam, se entrechocam ou se confundem no ambiente. Não é factor de coisa alguma.

Não se manifesta senão por palavras, e ainda assim raramente. Mas as palavras, em grande número de casos, não parecem ter sido feitas senão para encobrir o que na realidade se sente e se pensa. O que vale são

actos — e há muito que nos deshabituámos de os vêr traduzir, na vida pública, o verdadeiro patriotismo.

O patriotismo verdadeiro é um sentimento bem nítido, bem definido, bem flagrante, para que se possa confundir com outra coisa. Tem características originais, que o distinguem, da mesma fórma que a corpulencia, as azas largas e fortes, o bico recurvo, a garra poderosa e o olhar flamejante extremam uma águia de um pato ou de um papagaio. O patriotismo é amor, é orgulho, é aspiração e é esperança: tudo coisas que tendem para o alto, para a verticalidade, para a expansão, para a exuberancia, como os ramos do pau-d'alho ou do jequitibá se alongam a conquistar espaço e claridade. A ansiedade, o desejar constante, a actividade enérgica são as pulsações da sua vida. A fé inquebrantável é a sua marca. A capacidade de sacrifício é a sua beleza. Aborda os grandes cometimentos, acalenta os grandes sonhos, procura as grandes batalhas, e gosta de pairar muitas vezes acima do bom senso prático, na região das sublimidades do pensamento e da acção, onde o pensamento e a acção se integram no sonho e no êxtase, — como a águia que demora nos píncaros, solitária e rebelde, e dos píncaros arremete contra o desconhecido e o impossível.

No Brasil, onde as vibrações dessa fé ardente? Onde as actividades desinteressadas? onde os rasgos de sacrifício? onde as audácias heroicas da coragem civica? onde as lutas de ideias e de doutrinas? Onde resplendem esperanças? Onde canta sonoramente o orgulho nacional? Onde se acoitam as rígidas energias opiniáticas, pacientes, inquebrantáveis, transfiguradoras,

que agigantam almas de eleição, por outras terras, denunciando-lhes o relevo sob um clarão de religiosidade? Onde? Onde?...

Olhemos em torno de nós. Que vemos? Eleições sem leitores, lutas politicas sem partidos, o abandono das urnas, e o prestígio da autoridade pública a ocilar perenemente entre louvaminha humilhante e a diatribe envenenada. Vemos uma incapacidade, que se diria absoluta, de agremiação, de associação, de entendimento e de esfôrço comum em tôrno de qualquer bandeira, de qualquer lema, de qualquer objectivo superior: nenhuma liga, nenhum agrupamento, nenhum círculo, desses que enxameiam por outros países com mil intuitos diversos — propagar alguma doutrina, semear algum benefício, preparar o terreno para algum melhoramento de ordem económica, intelectual, moral, cívica, política. O povo, alheio ás questões nacionais, alheia-se igualmente, por completo, aos interesses da administração, com a qual apenas mantém as indispensáveis relações de dependência, sem de nenhum modo lhe ir espontaneamente ao encontro para coisa alguma. A ideia de cooperação social desapareceu, como uma fantasia romantica, sob a piedade e o escarneo gerais.

Vêde a instrucção popular. Em toda a parte do mundo, os particulares intervêm largamente no assunto, organizando a sua acção, paralelamente á do poder público: florecem as associações propagadoras do ensino e mantenedoras de estabelecimentos dispendiosos, as confraternidades de estudantes, as ligas dos pais, as obras de protecção e assistência aos alumnos, as bibliotecas, os cursos livres, as universidades populares, os ser-

viços de instrucção post-escolar. Aqui, não há nada disto, — a não ser que se pretenda levar em conta, neste quadro geral, uma ou outra tentativa isolada, quase sempre mal compreendida, muitas vezes mal sucedida. O contribuinte espera pela acção do governo, e se o progresso da instrucção pública, mesmo em S. Paulo, corresponde aos desejos de todos os particulares, não se deve, entretanto, senão aos esforços de alguns homens públicos. E o que se dá com o ensino, dá-se com tudo quanto, depedendendo da administração, podia e devia depender tambem da colaboração desinteressada dos administrados.

A nossa literatura reflecte, evidentemente, essa condição dos espíritos.

Os escritores queixam-se com amargura da sua situação económica, no Brasil, comparada com a dos confrades estrangeiros. Na Europa, a actividade literária tem um valor computável em algarismos, como qualquer outra, e póde constituir meio de vida: aqui, a regra geral é que seja um expoente de necessidades e um meio... de morte. Não discutamos essa questão. O que nos importa por agora é notar o seguinte: que, se no Brasil não há producção literária com valor comercial apreciável, tambem não há, em troca, nada que se pareça com a producção desinteressada, que abunda na Europa e na América do Norte, a par da outra. Lá, existe a literatura-mercadoria, a literatura que permite aos autores terem uma burra ao lado da secretária; e aqui, não. Mas, lá tambem há a literatura que se faz inteiramente fóra da esfera dos cálculos financeiros; há os livros dos pensadores desprendidos, que os lan-

çam na certeza de não encontrar grande êxito no mercado de papel impresso, — para edificar algumas almas, fortalcer alguns espiritos, il'uminar algumas consciências; há os livros de fé, de apostolização, de controvérsia, de sinceridade, de piedade, de amor, de revólta, lançados a lume por devoção a uma causa, por entusiasmo doutrinário, por impulsos de humanitarismo, por confiança no poder das ideias, por descargo de consciência, por necessidade de gritar convições. Dêsses, não os temos. E disto se esquecem demasiado os que só enxergam, como elemento primacial de vitalidade literária, o factor económico.

Por um livro de Euclides Cunha, ou por uma página de Afonso Arinos, repassada de preocupação, de sentimento, de intencionalidade "brasileira", temos milhares de escritos incaracterísticos, sem nada que nos revelasse, á falta de uma assinatura ou de uma indicação tipográfica de procedência, que foram feitos no Brasil, por brasileiros.

E, o que é ainda mais triste, o que é muito mais sério e mais assustador, é que não pouca parte dessa produção de pena visa deprimir deliberadamente o país, exagerando a sua pobreza, a sua incultura, o seu desgoverno, os seus vicios. Há mesmo um certo propósito, do lado de grande numero de escritores nossos, em denegrir e amesquinhar a própria nação em bloco, na sua composição étnica, no seu destino. Aceitando, com estranha simpatia e paradoxa docilidade, abstrusas teorias sociológicas de importação, mudáveis, incertas, sempre sucetiveis de retificação, sempre ameaçadas de caducidade, quase sempre eivadas de intenções estra-

nhas ao puro interesse da verdade scientífica, proclamam a nossa radical inferioridade com tanta abundancia de argumentos e tanto calor, que se diria andarem orgulhosos de se haverem reconhecido cidadãos de uma pátria fadada a perecer na sombra de uma irremediável miséria! . . .

*

Tal, em traços largos e frouxos, o quadro que se nos desvenda quando procuramos lançar um golpe de vista á situação moral do nosso povo. Tal o quadro vivo, dentro do qual vos achais, meus jovens compatriotas, dentro do qual nos achamos todos, como elementos da sua composição total. Já deveis ter sentido uma vez ou outra, com irreprimível mágua, com instinctiva repugnancia, o contacto frio de tanto desencorajamento, de tanta indiferença, de tanta conformidade com a baixeza, de tanta fé supersticiosa na incontrastabilidade de todas as potências do mal. E' tempo de vos irdes premunindo contra a enfermidade.

Fala-se muito, fala-se a cada momento numa "crise de carácter". Não sei bem o que possa ser, na verdade, essa crise, e desconfio muito que tudo se reduza a uma simples frase.

Os grandes caractéres, absolutamente distintos pela amplitude e pelo relevo, são raros em toda a parte, e não escasseiam completamente em nossa terra. Virtudes belas e fortes, das do milhor cunho e mais acendrado fulgor, florecem por aí entre cardos e pe-

dras, pelos recessos de mil vidas obscuras. Gente honrada e bôa, de uma só palavra e uma só fé, austera, generosa, prudente, justa, conheço-a eu, conhecêmo-la nós, e não pouca. Homens probos e dignos, vivendo para o trabalho e para a familia, na árdua, exaustiva diciplina do dever cotidiano, cada um de nós os tem na sua casa, ou na sua parentela, ou no circulo das suas relações particulares. Em que consistirá, pois essa "crise de caráter"? Não sei.

O que é visível — e isto até certo ponto é um mal universal e de todos os tempos — é a predominancia social dos que sacodem de si os liames incómodos dos escrúpulos; e o que há de particularmente nosso nêsse fenomeno é que tal predominancia, ao contrário do que se dá em outros povos, não é contrastada pelos esforços conjugados dos bons e dos puros, é antes ajudada pela resignação, pela covardia, pelo comodismo, pelas mil fórmas de colaboração indirecta que a honestidade presta ao crime, júlgando que se não diminui pela transigência. Mas não há necessidade de exagerar as coisas. Essa mesma sujeição ás forças corruptoras se explica, em parte, pelo exagero mórbido de certas qualidades fundamentais do caráter brasileiro: a afectividade, o sentimentalismo, a brandura.

E tenho tocado agora, talvez, as proximidades do nosso mais profundo e mais maléfico defeito: a moleza. O que mais nos falece é a energia. A alma brasileira é frouxa. Nós não sabemos resistir com tenacidade nem avançar com perseverança. Somos dubios no bem, como no mal. Temos o horror das atitudes francas, das

responsabilidades árduas, dos empreendimentos penosos, das lutas longas e incertas.

Todas as lacunas e todas as caracteristicas da nossa literatura espelham essa frouxidão. Não temos teatro, porque o teatro só florece nas sociedades onde a vida geral enrijou as almas, solidificou os caracteres, diversificou os destinos, e tornou por isso possíveis as situações patéticas ou trágicas, os conflitos de consciência e de vontades. O que predomina em toda a nossa literatura, no tempo e no espaço, é o lirismo individual — e o que sobresai nesse lirismo é a melancolia, o pessimismo, o desencorajamento diante das realidades, a repugnancia pela acção. Os poetas sonham recantos afastados do bulício mundanal, tranquilidades claustrais, espreguiçamentos volutuosos no seio da natureza. A natureza, na poesia brasileira, não inspira senão ideias de liberdade indolente e pacifica á sombra das arvores, á beira dos caminhos...

A política depara-nos a mesma frouxidão sob outros aspectos. Desprezando casos excepcionais, toda ela se póde resumir numa palavra — transigência. Toda ela se entretece de abdicações. Os que conservam no geral naufrágio um certo poder de vontade e uma certa dóse de resolução e de firmeza, são apontados a dedo como figuras estranhas e temiveis; e ás vezes todo o segredo do seu vasto domínio, diante do qual chegam a curvar-se os poderes do Estado, as legiões partidárias, o país inteiro, não está senão na simples capacidade de querer. Os homens de vontade forte vêm-se cercados de uma atmosfera de espantos, como taumaturgos, como hypnotizadores, como bruxos. Dominam as massas com

o prestígio do seu nome, governam os seus comandados com os olhos.

Se passamos a outras esferas, tudo continuará a confirmar o nosso enunciado. Não é só a política que gira inteiramente á revelia da vontade popular. Todos os problemas colectivos ficam eternamente sem solução, desde que dependam dos esforços solidários dos interessados. Não há uma só classe organizada em vista de objectivos superiores ao interesse imediato e pessoal.

Enfim, todos vós sabeis de experiência propria que o tipo médio do brasileiro, mesmo nas regiões onde nos gabamos de haver êle atingido um alto nível de energia, póde ser representado por um individuo desconfiado e tímido, constantemente preocupado em apagar todas as saliências da sua pessoa, como quem desmancha as rugas de um casaco mal ageitado, e constantemente mordido pelo desejo de ser considerado "bom rapaz", de não desgostar ninguem, de ser amigo de toda a gente. A sua própria linguágem, que fere a atenção dos estrangeiros é caratteristicamente mole e hesitante. E todos vós tendes observado, de certo, como êsse relaxamento da volição, como essa falta de firmeza se revela nas mais corriqueiras circunstancias da vida. Um sacerdote francês, o padre Gaffre, em conferencia aqui realizada, fez esta observação atilada e justa — de que, em nossa terra, as crianças costumam ser tratadas com tais extremos de ternura e de carinho, que são elas, geralmente, que mandam dentro das casas. E' a pura verdade. E uma vez constatada essa verdade indiscutivel, não será supérfluo insistir nas mais?

E' essa moleza que explica a maior parte dos ma-

les de que nos queixamos. Dela deriva, com transparente naturalidade, esse desanimo que renuncia a todo ideal e a toda luta desinteressada. Ela envolve, evidentemente, essa depressão do patriotismo, para a qual chamei a vossa atenção. O patriotismo é um sentimento essencialmente energico e fecundo, mas não é um criador, é um transformador de energias. Se elas não existem, êle descai e murcha.

Permiti, meus jovens compatriotas, que eu insista nesta observação. Elementar e singela como é, ela é de suma importancia para a definição da atitude que devemos guardar diante do pessimismo e do mau patriotismo. Dizia-vos eu, há pouco, que é tempo de vos irdes premunindo contar a enfermidade que lavra pelo país. O primeiro cuidado a tomar é reconhecer que tanto o pessimismo como o patriotismo pervertido são efeitos de um mal mais profundo e mais geral.

Quando êles vos assaltarem na vida, quando os sentirdes ao redor de vós em toda a sua maléfica pujança, estareis de algum modo preservados do contágio pelo só facto de lhes conhecerdes a causa comum; e mais: podereis atacá-los na propria sede da sua triste vitalidade.

Quando êles vos disserem que as misérias do presente são irremediáveis, que nenhum esforço regenerador vale a pena de ser tentado, vós direis convosco: — "Essas palavras de desanimo, não é a razão quem as dita, é a fraqueza. E' esta que fala, é esta que tenta justificar-se, torcendo e colorindo á vontade as realidades exteriores, para que tornem lógica essa atitude de indiferença e de indolência. A pintura que ela faz das

nossas mazelas parece fiel e perfeita. Ilusão. Essa pintura não seria o que é, não seria tão escura, tão triste, tão desconsoladora, se a mão que a traçou tivesse sido guiada por uma alma robusta e valente, capaz de desejos fortes, de aspirações altas, de energias saudáveis."

*

A nossa questão capital, portanto, é o problema da educação.

A educação, no Brasil, — não é necessário que o tente demonstrar — é cheia de defeitos graves. E o seu defeito capital está em que, propondo-se formar caratéres, esquece demasiado o que há de mais importante no caráter, a sua espinha dorsal — a vontade. Procura-se incutir no espírito dos educandos uma multidão de noções morais elevadas e belas, mas desdenha-se o unico instrumento capaz de dar um valor positivo a êsse lastro. Ideias generosas e nobres, mas incapazes de se transforamarem em actos, servem apenas de atormentar as consciências pelo sentimento doloroso da impotência irremediavel, agravam a timidez e a melancolia, e dão aos indivíduos o aspecto de sombras errantes e impalpáveis.

Como meio de reacção contra os processos educativos em voga, nada conheço mais prático nem mais profícuo do que o escotismo. O escotismo, bem executado, convenientemente difundido, corrigirá, completará e coroará a educação do lar e da escola; e depois, pelo efeito incontrastável das suas esplêndidas provas, fará

que se modifiquem as tendências e os métodos actuias daquela educação.

A êle, pois, todos os homens de boa vontade devem as suas mais carinhosas simpatias. A êle, vós, escoteiros, deveis toda a vossa dedicação, todo o vosso entusiasmo, toda a vossa fé. Submetendo-vos alegremente á sua amavel diciplina, e pondo todo o vosso esfôrço em cultivar a vossa personalidade, para torná-la mais válida, mais corajosa, mais confiante em si mesma, mais capaz de se conduzir galhardamente nas lutas da vida, *estareis trabalhando, não para vós apenas, mas, positivamente*, directamente, para a vossa terra e os vossos irmãos.

Em suma, que é o escotismo? Para bem comprehende-lo, é conveniente recordar como nasceu esse admirável movimento, que na Inglaterra se tornou num verdadeiro movimento nacional.

O general Baden-Powell, durante a campanha do Transvaal, impressionou-se profundamente com a maneira pela qual os "boers" empregavam os seus adolecentes nos trabalhos auxiliares da guerra — reconhecimentos de terreno, observação dos movimentos do inimigo, transmissão de ordens, etc. Imitou-os. Criou o seu primeiro pequeno exército de rapazinhos espertos, vivos, alegres e dedicados, que lhe prestaram excelentes serviços no cerco de Mafeking. E começou a pensar nas vantagens de uma educação viril e enérgica da infancia, pela prática da vida intensa e aventurosa, pela diciplina e pela acção comum, pela luta com os obstáculos da natureza, pelo exercício físico, pelo cultivo da alegria, da serenidade, da paciência, da coragem...

Voltando á pátria, chocou-o o contraste entre o seu ideal de beleza moral e a realidade que o cercava. Notou uma certa depressão da vontade, um gôsto menor pela acção e um amolecimento do orgulho nacional; notou que os seus compatriotas malbaratavam somas enormes de energia física e moral em lutas esportivas isentas de qualquer determinação superior; notou que havia menos amor do que outr'ora ao trabalho regular e aumentava a paixão pela caça aos lucros de acaso; notou, em geral, na vida cotidiana das cidades, um acréscimo de brutalidade e de impolidez, e tambem de efeminação e de "sensibilismo". Enfim, os seus olhos, com a clarividência do amor, descobriram por todo o organismo da velha e forte Inglaterra sinais de depauperamento e decadência. E disse — palavras textuais: "O meio de refazer as nossas energias entibiadas nos é ensinado numa maravilhosa escola, nos postos avançados das nossas colónias: a escola da vida selvagem. Lá, o indivíduo se vê na contingência, quer queira, quer não, de ser um homem, e não um carneiro; abre o seu caminho, palmo a palmo, atravez da natureza inimiga, e, se quer vencer, tem de conquistar o exito em luta aberta."

Foi então que começou a tomar corpo, no seu espírito, a criação genial do "boy-scout", destinada a purificar a caudal das suas nascentes. Reuniu um grupo de rapazes em flor, e começou a sua obra. Arrancou-os á monotonia e á indolência dos hábitos cotidianos, á estufa da cidade, ao contacto dos livros e jornais, nem sempre salutares, á atmosfera viciosa dos cinemas, aos exemplos de baixeza, de egoismo, de brutalidade que

por todos os lados se lhes deparavam; levou-os ao campo, fê-los saltar valos e regatos, caminhar e correr, trepar ás arvores, galgar colinas e escarpas, apanhar muito sol, respirar muito ar puro; ensinou-lhes a nadar, a construir pontes rústicas, a instalar aparelhos de sinais, a estender linhas telefónicas, a encontrar o caminho perdido, a orientar-se de dia e de noite, a distinguir os animais e as plantas, a reconhecer no chão os sinais da passagem de pedestres, de veículos, de bichos; a armar tendas, a construir cabanas, a fazer fogo, a cozinhar a comida, a curar os ferimentos e contusões...

Tudo isto era um encanto, uma deliciosa tarefa, que iluminava a imaginação dos rapazes e lhes fazia vibrar o coração em frémitos de jubilo, dando-lhes a sensação viva e reparadora de que se tornavam mais fortes de corpo e de alma, mais potentes, mais capazes. Mas tudo isto seria ainda pouco sem uma regra estreita, sem uma diciplina rigorosa que coordenasse materialmente esses esforços, e que os coordenasse espiritualmente, dando-lhes uma significação e um objectivo. Então, em troca dos prazeres proporcionados, Baden-Power fez que os monitores e os chefes, durante os exercícios, no meio da actividade alegre dos rapazes, aproveitassem os incidentes para, sem longos discursos, sem exortações pesadas, mas jovial e bondosamente, insinuar os seus conselhos, as suas advertências, as suas lições.

Esses conselhos, advertências e lições ligar-se hiam todos á "lei do scout", uma lei breve e rígida, cujas in-

fracções não se tolerariam em caso algum. Ei-la, na sua singeleza despida de fórmulas:

"1 — A palavra do **scout** é sagrada.

2 — O **scout** é leal.

3 — O **scout** tem o dever de ser útil e de ajudar a outrem.

4 — O **scout** é amigo de todos e é irmão de qualquer outro **scout.**

5 — O **scout** é cortês.

6 — O **scout** é amigo dos animais.

7 — O **scout** sabe obedecer.

8 — O **scout** sorri e assovia.

9 — O **scout** é económico.

10 — O **scout** é puro de pensamentos, de palavras e de actos."

Essa lei é imposta á consciência dos rapazes por meio de um juramento solene, que lhes dá o sentimento de responsabilidade voluntariamente assumida como um compromisso de honra:

"Prometo, sob minha honra, fazer tudo quanto me fôr possível:

1° — Para cumprir o meu dever para com Deus e o Rei;

2° — Para ajudar a outrem;

3° — Para obedecer á lei do **scout.**"

Em suma, a obra de Baden-Powell, verdadeiro achado genial, póde ser um maravilhoso processo para a remodelação moral de um povo — desde que executada na maior extensão possível, e em toda a sua pureza. E' a milhor cura de optimismo, de juvenilidade e de energia que se póde aplicar a um povo, como o nosso,

onde todas as outras reservas de força foram atacadas e destruidas pela proliferação tropical do pessimismo e do desanimo, que "chorando o mal colaboram com êle."

Na Inglaterra, êste movimento, como ficou dito, se tornou verdadeiramente nacional. O livro de Baden-Powell — "Scouting for Boys", obteve um êxito inesperado, colossal: atingiu, ultimamente, a 240 milheiros de exemplares. As maiores personalidades do país prontificaram-se a auxiliar com o seu prestígio e o seu esfôrço a linda cruzada. O público, em geral, comprendeu-a, cercou-a de simpatia, tornou-a fácil. Em 1913 o numero de escoteiros britânicos orçava por 700.000. E em Julho dêsse mesmo ano, diante de um acampamento de 50.000 "boy-scouts", instalado nos arredores de Birminghan, o rei, enlevado, teve a visão da grandeza nova que se erguia, e exprimiu nesta frase o seu justo contentamento e o seu orgulho: — "Deixem lá! A velha Inglaterra está de pé!"

No Brasil, onde os males apontados por Baden-Powell na sua pátria nos aparecem decuplicados em extensão e intensidade, o escotismo não encontrou, até hoje, fóra do pequeno circulo dos beneméritos que o tomaram a peito, senão raros entusiasmos passageiros e verbosos. O público, em sua grande maioria, continúa a ignorar-lhe a significação, a desconhecer-lhe a utilidade, a não lhe ver o objectivo colimado. Porisso, mais tenacidade e mais paciência se tornam necessárias aos que lutam por implantá-lo neste país.

Fiéis ao espírito do escotismo, êsses patriotas devem confiar sempre e perseverar apesar de tudo. Um

dia, sem dúvida, êste povo, que alguns espíritos interessantes julgam demasiado "entusiasta, imaginoso e poeta", se resolverá a ser o ultimo a adoptar em toda a largueza do seu território, e a amar com todas as veras de sua alma essa cruzada alegre e luminosa como uma festa, fecunda e bemdita como um imenso trabalho de lavoura...

Nêsse dia, poderá algum compatriota nosso exclamar, com embevecimento, numa vibração de orgulho, semelhantemente ao rei da Inglaterra: — "Enfim, Pátria! te pões de pé! Enfim caminhas, de fronte erguida, sorrindo pelo sorriso inumerável dos teus filhos adolecentes, confiante nêles e em ti mesma!"

APENDICE

RAIMUNDO CORREIA (*)

Telegrama que vai publicado em outro lugar nos trás a dolorosa notícia do falecimento de Raimundo Correia, em Paris, onde chegára há pouco da Suissa, tendo ido para êsse país, ultimamente, em procura de milhoras para o seu estado de saúde precário e assustador. Aos que seguiam com interesse as notícias do ilustre poeta brasileiro, notícias que só espaçada e escassamente chegavam a alguns amigos e parentes, o desenlace foi uma brutal surpresa, por contrário a tudo quanto se julgavam habilitados a conjecturar.

Raimundo Correia partira há pouco tempo para a Europa, com sua esposa e seus tres ou quatro fi-

(*) Com a conferência reproduzida nêste volume, acreditavamos ter feito, de acôrdo com as nossas modestas possibilidades, não apenas obra de admiração e carinho pelo grande poeta, como tambem obra útil á sua memória. Raimundo, apezar de tão notável, estava, ao falecer, quase inteiramente esquecido. A prova mais completa e mais triste dêsse facto nós a tivemos, após a leitura da citada conferência, nas perguntas e nos pedidos de informações que de todos os lados se nos dirigiram, acêrca da personalidade e dos livros do poeta, — com um ar de surpresa que bem nos dizia havermos feito, para muitos, uma verdadeira e completa *revelação!* Entretanto, — tão certo é que tudo neste

lhos. De compleição débil, já de longa data atormentado por profundos e exgotantes achaques de natureza nervosa, que nos utlimos tempos se iam assustadoramente agravando, Raimundo não deixou, ao partir, senão os mais amargos pressentimentos no coração dos seus íntimos e admiradores. Mas esses tristes augúrios se foram logo desvanecendo com as notícias que da Europa se recebiam, e, ainda nas vésperas da derradeira e terrivel nova, chegaram a ceder o passo ás mais gratas esperanças num restabelecimento talvez bem próximo e seguro.

Foi o contrário que sucedeu. Milhoras, teve-as de facto o ilustre enfermo, a quem os ares tonificantes da montanha e a repousada doçura de uma jornada através das paisagens pinturescas da Suissa começaram a restituir lentamente as forças do corpo e da alma, e com elas talvez um pouco daquela alegria de viver e daquela sêde de poesia que há tantos anos ha-

---

mundo póde ser bom ou mau, conforme o espirito com que julguem, — não faltaram críticos nem murmuradores, em público e em particular, que não quizessem levar em conta as dificuldades com que tivemos de arcar, e julgassem o nosso trabalho como se todas as suas imperfeições se nos devessem imputar como crimes, que estava em nossa vontade praticar ou não. Momentos houve em que chegámos quase a arrepender-nos de ter cedido a tão imperioso impulso de simpatia pela figura moral e intelectual do poeta, pensando que bem milhor teria sido, para o nosso e o alheio sossego, havermos silenciado ante a sua morte prematura e o injusto esquecimento em que já ia caindo...

O escrito que acima se reproduz foi publicado no "Estado de S. Paulo", de 16 de setembro de 1911, logo após o falecimento do poeta. E' quase um resumo prévio da conferencia proferida um ano depois.

viam fugido do seu atormentado e sombrio espírito. Mas essas ilusórias milhoras cederam de repente, quando menos se esperava, a um bote inopinado e certeiro do mal já irremissivelmente avançado, e que só por uma dessas frequentes ironias da natureza parece ter-se encolhido e enrodilhado como uma serpente, para preparar um golpe de surpresa e abater a vítima predestinada quando já lhe sorrissem as suaves aleluias da convalecença...

Com a morte de Raimundo o Brasil perde uma de suas mais altas, mais harmoniosas e nobres figuras intelectuais. Grande poeta, êle sempre o será pelo esplendor próprio da sua obra, considerada em si mesma; ainda maior, porém, se nos antolha a sua estatura, se o encararmos, no tempo e no espaço, desenvolvendo e afirmando as linhas da sua personalidade e projectando a sua renovadora influência através das condições em que veiu encontrar a poesia brasileira, sob uma atmosfera mental nem sempre propícia á orientação do seu espírito e ás tendências características da sua arte.

Raimundo, como poeta, foi, no Brasil, dêsses raros que, apesar de todos os influxos contrários, tem conseguido criar, conformar, esculpir traço a traço a própria individualidade, dando-lhe proporções e linhas inconfundíveis no seu meio e na sua época.

E' sempre possível isolar e medir, com maior ou menor precisão, a influencia de cada um dos tipos ou modelos que mais directamente contribuiram para a formação de um poeta. Em Raimundo, porém, êsse trabalho deve apresentar-se singularmente difícil a

quem se proponha emprendê-lo sem um largo e minucioso conhecimento da sua vida e da sua obra. Tal era a índole independente do seu espírito, a tão profundas raízes se ligava a autonomia da sua elaboração poética, que essas influências não transparecem nitidamente, senão em pouquíssimos, talvez, dos seus poemas. Recebendo-as, — e a sua irresistível inclinação de tradutor está a indicar que vincos fórtes lhe deixavam na mente os autores e as peças que o impressionavam, — êle as coava, contudo, tão subtilmente através da sua sensibilidade pessoal, as decompunha e absorvia com tamanha potência assimiladora, que, ao devolvê-las ao papel, na música deliciosa das suas estrofes, elas não poderiam facilmente destacar-se da tonalidade própria e pessoalíssima da sua obra, daquilo que êle originalmente concebera em seu contacto directo com o mundo e com a vida. As mesmas traduções — e algumas há que por ventura mais admiráveis que as peças traduzidas — lhe saíam tão sentidas, tão vividas, tão vibrantes e frescas, tão pouco "fatigadas" e frias, com uma tal irradiação de espontaneidade, que custaria crêr que essa fórma rutilante não fosse nascida, do mesmo jacto de inspiração, com o fundo e a trama ideativa do poema.

Era, pois, "uma individualidade" o nosso formosíssimo poeta. Isto, aliás, poderia deprender-se da influência que êle por sua vez exerceu em seu tempo e ainda continúa. Sem ser um poeta que se popularizasse, pela feição intelectual e aristocrática da sua sensibilidade, pela sobriedade dos recursos com que jogava, pelo aticismo da expressão, teve contudo nu-

merosas composições que rapidamente se celebrizaram entre toda a gente culta, e que são como outros tantos "vases brisés", sempre repetidos com delícia. Não há, no Brasil, quem, amando embora muito mediocremente a poesia, não saiba de cór **As Pombas,** ou o **Mal secreto,** ou **O Monge,** — tres sonetos dos mais perfeitos e mais admiráveis de que a nossa língua se orgulha.

Com isso, não pequeno é o sulco que Raimundo Correia vigorosamente rasgou nos dominios da poesia brasileira, quanto á maneira de poetar das gerações que depois dêle se sucedem. Sem ser um parnasiano, — êle não pertenceu determinadamente a outra escola que a do velho e eterno lirismo, alma da poesia, — teve dos parnasianos o amor extremado da fórma verbal e sonora, o escrupuloso cuidado no acabamento de cada "joia"; e, tendo-o conseguido milhor de que ninguem, tendo chegado a dominar perfeita e soberbamente o metro e a língua, abriu e apontou, pelo exemplo e pela sugestão, aos poetas novos, o caminho de processos de expressão mais variados, mais novos, mais brilhantes... e mais difíceis.

Ninguem, como êle, conseguiu tão maravilhosos prodígios de acrobacia no verso. Os versos dêsse esplêndido versificador vibram, saltam, contorcem-se, espiralam-se, desarticulam-se, cabriolam, e embalde se procurará surprender nos seus infinitos movimentos e nos seus variadíssimos ritmos a angulosidade mais fugitiva, o desequilibrio mais rápido, a vacilação e a incerteza que se traduzem pelos desvias desgraciosos ou pelas atitudes patejantes...

Pobre Raimundo! E dizer-se que todo êsse brilho faiscante e original, depois de se afundar lentamente na penumbra de uma desolada renúncia e de uma dolorida misantropia, foi afinal desaguar tristemente no estuário negro da morte, quase apagado, quase esquecido...

EPIGRAMMAS E MADRIGAIS

São os seguintes, no original, os epigramas franceses que aparecem traduzidos nessa palestra:

A * * *

Dans l'épigramme au moins j'ai su te plaire;
Lá je suis bon; tu le dis, je le crois;
Je n'ai pourtant jamais parlé de toi:
O mon ami! le meilleur est á faire.

Voltaire.

A MARMONTEL

Ce Marmontel si lent, si lourd,
Juge la peinture en aveugle
Qui ne parle pas mais qui beugle,
Et la musique comme un sourd.
Ce pédant á si triste mine
Et de ridicules bardé.
Dit qu'il a le secret des beaux vers de Racine;
Jamais secret vraiment ne fut si bien gardé.

L'Abbé Arnaud.

CONTRE LA BRUYÈRE

Quand la Bruyére se présente
Pourquoi faut-il crier haro!
Pour faire un nombre de quarante
Ne fallait-il pas un zéro?

Suard.

DEFENSE DE LA HARPE

Non, La Harpe au Serpent n'a jamais ressemblé;
Le serpent siffle, et La Harpe est sifflé.

Le Brun.

LE VRAI POETE

Tout vrais poéte est semblable á l'abeille:
C'est pour nous seuls que l'aurore l'éveille,
Et qu'elle amasse, au milieu des chaleurs,
Ce miel si doux tiré du suc des fleurs.
Mais la nature au moment qu'on l'offense,
Lui fit présent d'un dard pour sa défense,
D'un aiguillon qui, prompt á la venger,
Cuit plus d'un jour á qui l'ose outrager.

J. B. Rousseau.

*

Quanto aos madrigais:

As duas parelhas de versos alexandrinos, dedicadas a Ronsard e atribuidas a Carlos IX, figuram como peça completa em "Poésies fugitives", "choix, étude et notes, par M. Frédéric Cousot", editor Michaud, Paris. Não são mais, porém, do que parte de uma admirável composição de dôze versos, ("L'Espirit dans l'Histoire"), cuja autoria E. Fournier julga que deve pertencer a de Prades. Eis as duas parelhas, em francês:

L'art de faire des vers, dut-on s'en indigner,
Doit être á plus haut prix que celui de régner.
Tous deux également nous portons des couronnes:
Mais roi, je les reçois, poéte, tu les donnes.

Os madrigais de Panard e Boisrobert, que figuram na palestra, foram tambem traduzidos por Bocage. O primeiro aparece na obra do poeta lusitano,

edição do Porto, 1875, como sendo de Perrault. Ei-los, com as traduções bocagianas:

A EGLÉ

L'amour est un enfant aussi vieux que le monde;
Il est le plus petit et le plus grand des dieux:
Il remplit de ses feux le ciel, la terre et l'onde;
Et cependant Eglé le loge dans ses yeux.

Panard.

Amor é um menino
Tão velho como o mundo,
Dos deuses o maior, e o mais pequeno:
De seu fogo divino
Occupa o ceu sereno,
O largo mar profundo,
A populosa terra,
E nos olhos com tudo Iris o encerra.

A UNE JEUNE FILLE

Et quoi! dans un age si tendre
On ne peut déjá vous entendre
Ni voir vos beaux yeux sans mourrir!
Ah! soyez, jeune Iris, ou plus grande ou moins belle!
Attendez, petite cruelle,
Attendez pour blesser que vous sachiez guérir!

Boisrobert.

Que! De tão tenra edade nos verdores
Ninguem te póde ouvir, mimosa Isbela,
Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
Ah! fosses mais crescida, ou menos bela:
Para causares as feridas nossas
Espera o tempo em que sará-las possas.

São os seguintes os outros madrigais traduzidos no correr da palestra:

L'AVEUGLE ENFANT...

L'aveugle enfant qui me commande,
Qu'on nomme á tort Dieu d'amitié,
Les deux yeux, comme á lui, vous bande,
Afin que soyez sans pitié.
Il le faut: car j'ose bien dire
Que n'auriez tant de cruauté,
Si vous pouviez voir mon martyre
Comme je vois votre beauté.

Philippe Desportes.

QUAND PRENANT PLAISIR...

Quand, prenant plaisir á s'écrire,
On dit plus qu'on ne pense dire,
Et souvent moins qu'on ne voudrait,
Qu'appellez-vous cela, la belle?
Entre nous deux, cela s'appelle
S'aimer bien plus que l'on ne croit.

De Saint-Pavin.

VOUS ME DITES...

Vous me dites que votre feu
Est assez grand, belle Climene;
Vous ignorez donc, inhumaine,
Qu'en amour assez est trop peu?
Cependant la chose est certaine.
Ah! si sur ce chapitre on croit les gens sensés.
Quand on n'aime pas trop on n'aime pas assez.

Bussy Rabutin.

CETTE FIÉRE RAISON...

Cette fiére raison dont on fait tant de bruit,
Contre les passions n'est pas un sur remède:
Un peu de vin la trouble, un enfant la séduit;
Et déchirer un cœur qui l'appelle á son aide
Est tout l'effet qu'elle produit.

Mme. Deshoulières.

LE DOUX PLAISIR

Faut-il être tant volage?
Ai-je dit au doux Plaisir:
Tu nous fuis, las! quel dommage!
Dés qu'on a pu te saisir.
Ce Plaisir tant regrettable
Me réponld: Rends grace aux Dieux.
S'ils m'avaint fait durable,
Ils m'auraient gardé por eux.

Comtesse de Murat.

ANAXANDRE.....

Anaxandre, en partant, me fit une promesse,
Qu'avant que le printemps se couronnat de fleurs,
Il viendrait par sa joie adoucir ma tristesse,
Et m'offrir des soupirs qui sécheraient mes pleurs.
Roses de ce verger, qui vous montrez si vives,
Vous paraissez trop tôt pour mon contentement;
Pourquoi n'estes-vous plus tardives?
Que ne respectez-vous la foi de mon amant!

Tristan l'Hermite.

BESOIN D'AIMER

Aimer une coquette, aimer une infidéle,
Aimer une volage, aimer une cruelle,
Ce sont lá des tourments qu'on ne peut exprimer,
Mais le plus garnd de tous est de ne pas aimer.

Desmahis.

A MADAME DE STAEL

Je vois l'Académie oú vous êtes presente.
Si vous m'y recevez, mon sort est assez beau;
Nous aurons á nous deux de l'esorit pour quarante,
Vous au moins comme quatre, et mois comme zéro.

De Boufflers.

INDICE

de nomes proprios e de trabalhos citados

A

	Pags.
ASSIS BRASIL	12
ANACREONTE.	50, 52, 57
AUSÓNIO.	56
ARNAUD.	59, 179
ARINOS (AFFONSO).	87, 157
ARAUJO PORTO ALEGRE. .	93
ANCHIETA.	99
AQUILES.	111
ALENCAR (JOSE' DE). . . .	126, 139
AZEVEDO (ARTUR).	135, 138
AZEVEDO (ALUISIO). . . .	139
ANTONIO BENTO.	146
"ACÁCIO (CONSELHEIRO)"	113
Ática.	49
África.	145
América do Norte.	156
A tua sátira... — *De Lumiéres*.	60
A arte do verso... — *Carlos IV*	61
Anaxandro, ao partir...— *l'Hermite*.	63
Amar uma loureira... — *Desmahis*.	63
A uma dama que lhe deu uma pena — *Camões*.	64
Ao desconcerto do mundo — *Camões*.	65
As tuas fulas mãozinhas... — *Tolentino*.	65
Árvore velha — *O. Mariano*. .	91
Árvore (A) — *Alb. de Oliveira*	94
Ai! que pode fazer a rôla triste... — *Castro Alves*. . . .	135

Áurea lei da liberdade... — *Artur Azevedo*. 137
A caravana trôpega... — *Vicente de Carvalho*. 148

B

BACO. 17
BANVILLE. 18, 30
BILAC (OLAVO). 34, 79, 84, 91, 105
BOCAGE. 41, 67, 69, 70, 180
BOILEAU. 57, 58, 60, 67
BOUFFLERS (DE). 58, 63, 183
BUSSY-RABUTIN. 62, 182
BOISROBERT. 62, 180, 181
BOYLE-ROCHE. 113
BARRETO (TOBIAS). 139
BADEN-POWELL. 164, 166, 167, 168

Brasil. 79, 93, 105, 117, 119, 120, 126, 151, 153, 154, 156, 163, 168, 175

Biscaia. 99
Belgica. 111
Bernardo envolto em lemiste...— *Bocage*. 69
Buriti perdido — *Af. Arinos*. . 87, 88
Bouvard e Pécuchet — *Flaubert* 115
Banzo — *R. Correia*. 142

C

Pags.

CASTILHOS (JULIO DE) . . 12
CORREIA (RAIMUNDO)... . 7 e segs., 79, 103, 142, 173, 174, 175, 177, 178
CRISTO. 43, 44
CONFUCIO. 45
CASTILHO (A. F. DE). . . . 50
CATULO. 55, 57
CORNEILLE. 58
CARLOS IX DE FRANÇA. . . 61, 180

CAMÕES. 64
CURVO SEMEDO. 69, 70, 73
CORREIA DE OLIVEIRA. . . 79
CARVALHO (VICENTE DE). 79, 91, 147
COELHO NETTO. 81, 105, 139
CAMPOS (HUMBERTO DE). 91
CUNHA (EUCLIDES DA). . . 91, 157
CELSO (AFONSO). 91
CASTRO ALVES. 93, 119, 122, 132, 139, 142, 143, 145
CIM (ALBERT). 110
COUSOT (FRÉDERIC). . . . 180

Capivari (S. Paulo). 147
Contemplação — *Raimundo Correia*. 23
Cigarra (A) e a Formiga. . . . 41, 114
Como! inda sois uma criança... —*Boisrobert*. 62
Cancioneiro de Rezende. 64
Comedia de Bristo. 81
Cajueiro pequenino — *Juv. Galeno*. 86
Canção do exilio — *G. Dias*. . 90
Caso da vara (O) — *M. de Assis*. 117
Cartas do solitario — *Tav. Bastos*. 124
Cortiço (O) — *Aluis. Azevedo*. 139
Carne (A) — *Júlio Ribeiro*. . . 139
Cachoeira de Paulo Afonso — *Castro Alves*. 145

D

DIAS (TEÓFILO). 12
DEUS (JOÃO DE). 44
DE LUMIÉRES. 60
DESPORTES (FILIPPE). . . 61, 182
DESHOULIÉRES (Mme.) . . 61, 182

DELFINO (LUIS). 79
DESMAHIS. 108
DEMÓSTENES. 63, 183
DE PRADES. 180

Dizeis que me dais em troco...— *Rabutin*. 62
Detesto cordialmente... — *Monsaraz*. 72
Demónio Familiar — *J. de Alencar*. 126

E

EPICTETO. 46
ELISIO (FILINTO). 71

Europa. 156, 174

Era no outono... — *R. Correia* 21
Este não pode ser... — *Lebrun* 61
Essa criança, o Amor... — *Panard*. 61
Essa Razão... — *Mme. Deshoulières*. 62
Estando enfermo um poeta... — *Bocage*. 67
Elmano, lê-me os teus versos... *Bocage*. 69
Entre verdes festões... — *Alb. de Oliveira*. 83
Entrara a selva um dia...— *Alb. de Oliveira*. 95
Era hoje ao meio dia... — *C. Alves*. 133
Escrava (A) — *Art. Azevedo*. 135
Eu não fui criada a esmo... — *Art. Azevedo*. 135
Escravos (Os) — *L. Guimarães* 141
Existe um povo... — *C. Alves*. 144

F

FABRE (J. — H). 46
FONTENELLE. 58
FERREIRA (ANTONIO) . . . 64
FILINTO ELISIO. 71
FREIRE (JACINTO). 80
FONTES (HERMES). 91
FREIRE DA SILVA (AUGUSTO). 104
FILIPE. 108
FLAUBERT (GUST.). 115
FREIRE (EZEQUIEL) 139
FOURNIER (E.). 180

França. 56, 61, 71

Favónios lisonjeiros... — *Semedo*. 73
Fugindo ao captiveiro — *Vicente de Carvalho*. 147

G

GAUTIER (TH.). 18, 27
GRAÇA ARANHA. 91
GALENO (JUVENAL). 88
GONZAGA (TOMÁS A.). . . 121
GALVÃO (TRAJANO) 122, 139
GONÇALVES CRESPO. . . . 138, 143
GUIMARÃES (LUIZ). 141
GUIMARÃES (BERNARDO). 143
GAMA (LUIS). 146
GAFFRE (Pe.). 161

Grécia. 49, 52, 55
Getsemani. 76
Guernica. 99

Gratis pespega o verdugo... — *Bocage*. 67
Gonzaga — *Castro Alves*. . . . 145

H

HUGO (VICTOR). 18, 30, 122
HESIODO. 50
HOMERO. 50. 52
HEINE (HENRI). 111

Homem, embora... —*R. Correia* 25
Horacio Flaco — *R. Correia*. . 26
Horóscopo — *R. Correia*. . . . 28

I

Inglaterra. 165, 168

Iliada. 50
Inda novel demandista... — *Bocage*. 68

J

JUDAS. 76
JESUS. 76, 99
JOSÉ BONIFÁCIO, o Patriarca 89
"JOURDAIN" (Mr.). 104
JOSÉ BONIFACIO, o moço. . 122, 142, 143, 146
JOSÉ VERISSIMO. 122

Jadis de nos auteurs... — *Boileau*. 58

L

LESSA (PEDRO). 12
LIMA (AUGUSTO). 12, 91
LECONTE DE LISLE. 18, 30
LA FONTAINE. 41, 42, 43, 44, 49, 58, 114, 115
LUCAS (S.). 44
LA HARPE. 58, 60, 180

LEBRUN. 58, 60, 180
LA BRUYERE. 60, 179
L'HERMITE (TRISTAN). . . 60, 179
LUIS DELFINO. 63
LAPA TRANCOSO. 104
LAMARTINE. 105, 121
LEGRAND (PIERRE). . . . 112
LUIS NAPOLEÃO. 114
LOPES (D. JULIA). 139

Lisboa. 14
Libano. 96

L'épigramme... — *Boileau*. . . 57

M

MAGALHÃES (VALENTIM). 8, 12, 13
MESQUITA (JULIO DE). . . 12
MACHADO DE ASSIS. . . . 17, 117, 130
METASTASIO. 31
MISTRAL. 52
MELEAGRO. 55, 57
MARCIAL. 56
MAROT. 56
MELIN DE St. GELAIS. . . . 56
MARIVAUX. 58
MARMONTEL. 59, 177
MURAT (CONDESSA DE) . . 62, 183
MONSARÁS (CONDE DE). . 72
MUSSET. 76, 77
MEDEIROS E ALBUQUERQUE. 89
MENEZES (EMILIO DE). . . 91
MURAT (LUIS). 91
MOLIERE. 111
MAGALHÃES (GONÇALVES DE). 121
MELLO MORAIS. 122
MICHAUD. 180

Minas Geraes. 14
Mexico. 121
Mafeking. 164

Musa aldeã — *R. Correia*. . . . 20
Mal secreto — *R. Correia*. . . . 31, 32, 117
Mil e uma noites. 41
Minha respeitosa mão... — *Tolentino*. 66
Mes chers amis... — *Musset* . . 77
Misanthrope (Le) — *Moliére*. . 111
Monde des Oiseaux — *Toussenel*
Monte Jura — *Magalhães*. . . . 121
Mostraram-me um dia... — *G. Crespo*. 138
Mulato (O) — *Al. Azevedo*. . 139
Mãe — *Alencar*. 139
Minha formação — *J. Nabuco*. . 149
Monge (O) — *R. Correia*. . . . 177

N

NORTE (JOÃO DO). 91
NEWTON. 99
NAPOLEÃO. 99
NAPOLEÃO (LUIS). 114
NABUCO (JOAQUIM). 141, 147

No epigrama, afinal... — *Voltaire*. 59
Na Academia, eu sei... — *Boufflers*. 63
Noites (As) — *Musset*. 77
Napoleão em Waterloo — *Magalhães*. 121

O

OLIVEIRA (ALBERTO DE). 35, 79, 83, 90, 94, 103
OLEGARIO MARIANO. . . . 91

Olimpio. 99

Ode parnasiana — *R. Correia*. . 24
O dia acorda... — *R. Correia* . 33
O infante que me conquista... — *Desportes*. 61
O medico é sempre um cego...— *Semedo*. 69
Olha estas velhas arvores... — *Bilac*. 85
Oração da Corôa. 108

P

PLATÃO. 50
PRIAMO. 50
PIRON. 58
PANARD. 61, 178, 179
PEDERNEIRAS (MARIO). . 73
PEARL (CORA). 111
PERRAULT. 179

Provença. 52
Pirenêus. 70
Portugal. 71
Polonia. 121
Paris. 121, 180
Porto. 181

Primeiros sonhos — *R. Correia*. 8, 17
Pélago invisivel — *R. Correia*. . 9
"Psyché" — *R. Correia*. . . . 26
Pombas (As) 31, 177
Pedante cujo rosto... — *Arnaud* 59
Porque fazer... — *Condessa de Murat*. 62
Paginas recolhidas — *Machado Assis*. 117
Poesias fugitivas. 180

Q

QUEIRÓS (EÇA DE). 41, 113, 114
Quanto eu dera, se a paixão...—

Semedo. 71
Quando os "Mártires" eu li...— *Semedo*. 71
Qual a palmeira... — *J. Bonifacio o velho*. 90
Queimada (A) — *C. Alves*. . . 93

R

ROLLINAT. 30
ROUSSEAU (J. J.). 42
RACINE. 58
ROUSSEAU (J. B.). 58, 60, 180
RONSARD. 61
REZENDE (GARCIA DE). . . 64
RIBEIRO (JULIO). 91
"ROUGON-MACQUART". . . 103
RICHELIEU. 109

Rio de Janeiro. 14, 126
Roma. 65

Remeda ao parvo Olivedo... — *Semedo*. 70

S

SILVA JARDIM. 12
SALOMÃO. 44
SAINT-HILAIRE. 58
SUARD. 60, 177
SA' DE MIRANDA. 64
SALOMÃO. 76
SARCEY (FRANCISQUE) . . 111
SAINT PAVIN. 182

S. Paulo (cidade). 8, 13, 14
Sintra. 80
S. Paulo (Estado). 94, 110, 154
Santa Helena. 99

Santos. 147
Suissa. 174

Sinfonias — *R. Correia*. 17
Se a ciascun... — *Metastasio*. . 31
Sozinha — *R. Correia*. 36
Souvenirs entomologiques — *Fabre*. 46

Se la Bruyere se présente... — *Suard*. 60
Se os meus versos me comprasste... — *Semedo*. 70
Se maus e bons atassalhas... — *Semedo*. 70
Soltai mais doce voz... — *Semedo*. 73
Ser palmeira! — *Alb. de Oliveira*. 90
Salammbô — *Flaubert*. 116
Saudade do escravo (A) — *José Bonifacio, o moço*. 142
Senhor Deus dos desgraçados... — *Castro Alves*. 144
Scoting for boys — *Bad. Powell* 168

T

TUCIDIDES. 49
TEÓCRITO. 50, 183
TOLENTINO (NICOLAU) . . 65
TOUSSENEL. 115
TEIXEIRA (BENTO). 121
TAVARES BASTOS. 122, 124

Troia. 50
Teos. 50
Transvaal. 164

Tambem a borboleta... — *R. Correia*. 19

Todo poeta... — *J. B. Rousseau* 60
Tragédia no lar — *C. Alves*. . 145

U

UGALDE (MARGUERITTE) . 112

Um chapado... — *Bocage*. . . . 67
Um velho... — *Bocage*. 67
Um doutor... — *Bocage*. 68
Um escrivão... — *Bocage*. . . . 68
Um passeio ás Tulherias — *Magalhães*. 121

V

VOLTAIRE. 58, 179
VERGILIO. 76
Versos e Versões — *R. Correia*. 32
Vinho de Hebe (O) — *R. Correia*. 37
Velhas árvores — *Bilac*. 85
Vozes d'Africa — *C. Alves*. . . 145

Z

ZOLA (ÉMILE). 103

INDICE GERAL

RAIMUNDO CORREIA. . . . . Pag. 7

A CIGARRA E A FORMIGA. . . . . " 41

EPIGRAMAS E MADRIGAIS . . . . . " 55

ARVORES E POETAS. . . . . " 75

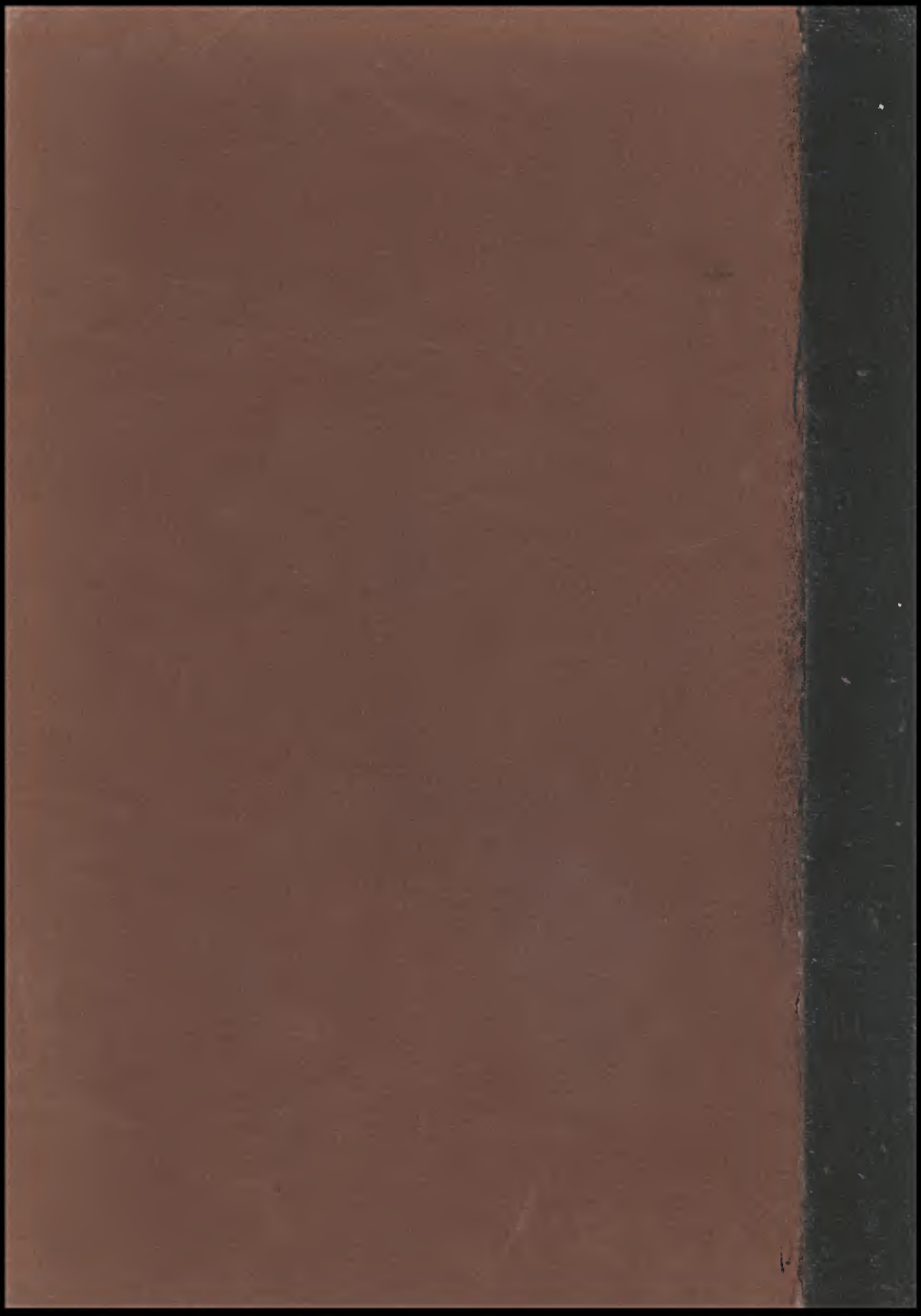
FLORES E ESPINHOS DA ARTE. . . " 103

A LITERATURA DA ESCRAVIDÃO . . . " 117

AS PROMESSAS DO ESCOTISMO . . . . . " 151

APENDICE. . . . . " 171

Raimundo Correia. . . . . " 173

Epigramas e Madrigais. . . . . " 179

INDICE de nomes proprios e de trabalhos citados ou transcritos. . . . . " 185